

ANNIE SEATON

Ilha Pentecostes #5

Evie



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



ANNIE SEATON

Ilha Pentecostes #5

Evie





Evie ANNIE SEATON

Ilha Pentecostes #5

1ª Edição



Ribeirão Preto/SP

Direitos Autorais



Título Original: Evie

Copyright © 2020, por Annie Seaton

Copyright da tradução©2024 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Rita Flôres

Revisão: Soraya Defavari

Diagramação e adaptação de capa: Labellaluna Web®

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

FICHA CATALOGRÁFICA

S441lbe

Seaton, Annie.

Título: Evie (recurso eletrônico) - © 2024 Leabhar Books Editora

Ltda. - Ribeirão Preto - SP

Tradução de: Evie- © Annie Seaton 2020

Formato: e-Pub

Veiculação: Digital

ISBN 978-65-5444-276-3

1. Romance. 2. Contemporâneo. I. Flôres, R. II. Título

80754

CDD 82-32
CDU 134-3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books Editora Ltda. Rua Sete de setembro. 1851 conj. 1 CEP: 14025-200 - RP/SP - Brasil

E-mail: leabharbooksbr@gmail.com | www.leabharbooks.com

Dedicação

Para as amigas maravilhosas que fiz através da minha escrita... autora e leitores!

Capítulo um



Evie

Evie Asquith balançou-se sobre os calcanhares e examinou as novas mudas que plantara na terra quente no final da pista Red Wave Wall. Uma coisa sobre estar nos trópicos é que as plantas dobrariam de tamanho em uma semana e floresceriam em um mês. Ela fez todos os esforços e estava trabalhando ainda mais desde que Pippa e Rafe anunciaram a data do casamento. Seis semanas lhe dariam tempo suficiente para espalhar a cor pelo gramado adjacente ao bar onde a cerimônia seria realizada.

Com um suspiro, Evie levantou-se, puxando os músculos das pernas. Ao amanhecer de hoje, escalou a montanha até Red Wave Wall. Por alguma razão, estava inquieta, e a caminhada até o topo da colina e a magnífica vista enquanto o sol corria o céu em tons suaves de rosa e damasco a acalmaram. Seguida por uma manhã sólida de plantio e escavação, seu equilíbrio foi restaurado.

Ela sabia o que havia de errado. O ar estava carregado de romance e ela se perguntava se era hora de seguir em frente. Evie não precisava ser lembrada do passado; ver seus amigos no resort tão felizes estava puxando suas memórias e lembrando-a de seu tempo com Jed.

Então a culpa apareceu e passou uma noite sem dormir, daí a caminhada até a montanha ao nascer do sol.

Ela pegou sua pequena pá e os sacos de fertilizantes agora vazios e voltou para casa para almoçar. Uma conversa com Sienna – a única outra pessoa solteira na ilha – resolveria; talvez pudessem passar outra noite em Hamilton Island em breve. Enquanto Evie se dirigia para as cabanas, sua respiração ficou presa. Um homem alto, de cabelos escuros, caminhava pela praia à beira da água, com a cabeça baixa enquanto caminhava em direção às pedras. Poderia ter sido Jed.

Com um suspiro, balançou a cabeça e se concentrou nos jardins ao longo da trilha. Muitas vezes, desde que o deixou, pensara ter visto Jed Stephenson. Mas ele estava a centenas de quilômetros da ilha onde finalmente encontrara a paz.

A cada dois anos ele aparecia em algum lugar e entrava em contato com ela, tentando convencê-la a ter acesso ao dinheiro que lhe dera e, em duas ocasiões, para tentar se reconciliar.

Não que reconciliação fosse a palavra certa. Eles não estavam separados;

suas interações quando a localizou foram amigáveis, mas sempre breves. Evie simplesmente não poderia estar com ele.

Jed estava imerso em sua carreira de mineração em Hunter Valley, e a última notícia que teve de sua amiga, Belinda – a única pessoa de sua antiga vida com quem manteve contato – ele havia trabalhado para chegar ao topo. Ele nunca falava de si mesmo ou do trabalho quando a alcançava; era sempre sobre Evie e se estava bem financeiramente e feliz.

Forçou-se a desviar o olhar do homem na praia. Não precisava conjurar Jed para seu paraíso tropical. Com certeza não fora uma ilusão; Jed era a última pessoa que ela queria ver. E vê-lo a enviaria ao passado, e isso levaria dias para superar.

Ela suspirou e continuou andando sorrindo, quando a risada de Tam, seguida pela risada profunda de Gabe, chegou até ela quando passou pela cabana onde estavam hospedados. Foi bom ouvir Tam rindo. Gabe parecia um cara decente; pois estava deixando Tam feliz e isso era tudo que importava.

Ela parou no jardim da primeira cabana e se abaixou para arrancar uma erva daninha que já havia se enrolado na treliça ao lado da porta. Quando Evie se levantou e voltou para o caminho, percebeu que o homem estava vindo da praia e indo em direção às cabanas.

Com um rápido passo para o lado, ela desviou para o caminho estreito que atravessava a pequena floresta até a casa.

Não teria sido bom se a vida dela com Jed tivesse dado certo? Eles estariam casados há dez anos e provavelmente teriam dois filhos.

Não vá por aí.

Com um aceno firme de cabeça, Evie murmurou seu mantra para si mesma. ‘A vida é boa.’

Ali estava ela, numa ilha tropical, fazendo o que amava e com seu próprio barco para viajar pelo Pacífico sempre que quisesse. Estava economizando bem com seu trabalho atual, e encontrou velhos amigos e fez novos na Ilha de Pentecostes.

Sim, estava feliz.

— Eva! Espere!

A voz do homem era profunda e a entonação muito familiar. A maneira como chamou seu nome verdadeiro confirmou suas suspeitas.

Eve ficou tensa.

Bem, ela estava feliz alguns segundos atrás.

— Pare aí... por favor.

Ela ficou imóvel, desejando poder continuar andando, mas sabia que tinha que responder.

Ele nunca desistia.

Evie largou a pá, e ela e as ervas daninhas caíram despercebidas no chão enquanto olhava nos profundos olhos azuis de seu ex-marido.

Capítulo dois



Tamsin

Tamsin Jones espreguiçou-se e ergueu o rosto para o sol. O dia estava perfeito: quente, sem vento, o mar brilhava e ela estava abraçada a Gabe na rede dupla do lado de fora da cabana que compartilhavam nos últimos dias. Balançou precariamente quando ela se sentou.

— Não sei se quero voltar para a cozinha amanhã.

— Não quero sair da Ilha Pentecostes — Gabe disse suavemente enquanto estendia a mão para firmar o balanço da cama de lona. — Ela me enfeitiçou.

— Ah, então é a ilha que é a atração. E pensei que era eu que estava aqui para ver. — Tamsin fez beicinho enquanto olhava para ele. Ela não estava tão relaxada ou feliz há muito tempo.

Ele respondeu colocando uma mão gentil em volta do pescoço dela e puxando-a para ele. Um par de lábios quentes pousou nos dela e então não houve conversa por um tempo.

Tamsin se afastou e passou os dedos pelo braço de Gabe.

— Sentirei sua falta quando não estiver na ilha. Eu meio que me acostumei a ter você por perto. Embora estejamos ocupados com o trabalho que irá começar.

A construção do resort de Ma Carmichael na Ilha de Pentecostes estava prestes a iniciar, com o planejamento de mais cabanas, um restaurante e um spa diurno em andamento.

— Com certeza está se movendo rápido. A organização deste lugar é impressionante — disse Gabe. — Eu sei que estará ocupada com o restaurante, então tentarei passar a maior parte dos fins de semana, isso se eu conseguir encontrar uma cama para compartilhar. — Seu sorriso era atrevido, e o frio na barriga de Tamsin tremulou em resposta.

— Meu quarto não é tão luxuoso quanto esta cabana — disse.

— Eu não sei sobre isso, mas tem uma linda mulher nele.

— A bajulação levará você a todos os lugares, Gabe Brown.

— Sério, Tamsin Jones. Vou sentir saudades. Vai ser difícil para você fugir por um bom tempo.

— Adoro que me chame assim. — Tam sorriu. — Assim que começarmos a trabalhar, haverá mais alguns chefs a bordo, então terei mais tempo livre. Na verdade, estou pensando em contratá-los antes do casamento de Pippa e Rafe, para que possamos iniciar o trabalho em equipe.

— Boa ideia.

— A única coisa que me impede é pensar em profissionais tentando trabalhar na cozinha atual. Mas vou resolver isso e irei a Hamo com mais frequência do que imagina.

— Excelente. Nat disse que também tem muito trabalho para mim, então os dias de semana passarão rápido.

Depois que Gabe e Tamsin resolveram as diferenças que fizeram com que se conhecessem, Tam o apresentou a Nat Dwyer, o parceiro de sua amiga Nell, que era gerente do escritório do resort de Ma Carmichael. Nat estava procurando alguém para ajudá-lo em seu negócio de TI, e Gabe conseguiu o trabalho depois de deixar o emprego como investigador particular em Melbourne. Os dois encontraram um apartamento de três quartos em Hamilton Island para alugarem juntos.

— Estou muito satisfeita por você estar por perto — disse Tam. — E se algum dia precisarmos de alguma coisa de Hamo, pedirei a Evie para me levar. Aproveitamos nossa folga lá e o resultado foi excelente. — Ela deu um breve beijo nos lábios de Gabe. — Quer um sanduíche? Ou almoçar mais cedo?

Seu sorriso era perverso.

— E então talvez uma soneca à tarde?

— Eu vou fazer com que nós... — As palavras de Tam foram interrompidas por um grito estridente no caminho para a casa.

A rede balançou quando Gabe rolou para fora, e Tamsin agarrou as laterais e sentou-se.

— Que diabos foi isso? — perguntou enquanto saltava.

— Não, não, não. — O grito foi seguido por palavras estridentes.

— É Evie, rápido, ela precisa de ajuda.

— Não! — Evie estava a cerca de cinquenta metros deles, gritando para o homem parado na frente dela. — Eu não vou.

— O que está acontecendo aí? — Gabe pegou sua camiseta e puxou-a pela cabeça.

— Eu não sei quem ele é.

— É o cara que fica na primeira cabana. Ele chegou no barco desta manhã.

— Gabe correu atrás de Tamsin enquanto ela corria para a trilha. — Ele entrou em contato quando você estava examinando os planos com Pippa e Eliza.

— Rápido. — Tam franziu a testa quando se aproximaram de Evie e do homem. — Há algo de muito errado.

Evie estava agachada no chão, balançando sobre os calcanhares enquanto os soluços a estremeciam. O estranho estava de pé ao lado dela, com as mãos abertas quase em súplica.

— Por favor, Eva, você precisa fazer isso.

Gabe entrou e pegou o braço do homem, puxando-o enquanto Tamsin se agachava no chão ao lado de Evie.

— Querida, está tudo bem, Gabe e eu estamos aqui para proteger você. O que há de errado? O que ele fez?

— Tam, você pode vir comigo até minha casa? Por favor. — A voz de Evie falhou e Tam olhou para baixo enquanto os dedos da amiga pressionavam seu antebraço. Ao estender a mão para ajudar Evie a se levantar, Tam prendeu a respiração, chocada com a mudança repentina em sua aparência. Seus lábios estavam exangues e toda a cor havia sumido de seu rosto bronzeado. Lágrimas encheram seus olhos e sua voz era quase infantil quando ela agarrou o braço de Tamsin. Os dentes de Evie batiam como se fosse um dia frio de inverno, e não um dia brilhante de primavera numa ilha tropical.

Enquanto Tamsin ajudava sua amiga a se levantar, lançou um olhar para seu parceiro.

— Gabe, você pode resolver isso enquanto eu levo Evie embora? — Tam franziu a testa para o estranho que colocou Evie de joelhos.

Literalmente.

Ele era alto e tinha ombros largos e, embora tivesse olhado para Evie com preocupação, agora retribuiu o olhar de Tamsin com uma expressão rígida. Seus olhos eram escuros e encapuzados, mas podia sentir a emoção emanando dele. Era óbvio que ele tinha assustado Evie até a morte.

Evie trabalhava na ilha com as meninas há alguns meses e Tam nunca a viu perder a calma. Não que seu estado atual pudesse ser descartado tão levemente; isso foi muito mais do que perder a calma. Se Tamsin não soubesse, até diria que Evie estava em estado de choque.

Gabe assentiu.

— Vá com Evie, Tamsin. Eu vou resolver isso. — Ele se virou para o homem de cabelos escuros ao lado dele.

Tamsin olhou para o estranho e ficou surpresa quando sua voz falhou.

— Eva, por favor. Fique. Você tem que me ouvir. — Ele tinha a mesma idade de Gabe, pensou Tamsin, e para seu crédito, a preocupação voltou à sua expressão quando ela se virou para ajudar Evie a se levantar.

A voz rouca de Evie era baixa e controlada enquanto se agarrava a Tam.

— Vá embora, Jed. E meu nome é Evie.

Tamsin e Gabe trocaram um olhar.

Ok, então Evie o conhecia; ele não era um estranho aleatório que a incomodou. Quando Tamsin olhou para ele, Evie se soltou e saiu correndo para o mato.

— Eu vou atrás dela. — Tamsin correu de volta para a espreguiçadeira, calçou seus chinelos, pegou uma toalha de praia e seu sarongue e saiu pela trilha no mato atrás de Evie. Ela devia estar indo para a parte de trás da ilha onde seu barco estava ancorado.

Tam e Nell moravam na velha casa que existia na ilha quando Pippa a herdou, no início do ano. Sienna, a amiga de Eliza, estava hospedada com elas no momento, e parecia que em breve também se juntaria a elas para trabalhar na ilha.

Pippa havia se mudado recentemente e estava morando com o noivo na casa no topo da colina do outro lado da baía. Eliza, a carpinteira residente, morava em um barco na baía com seu parceiro, Phillipe. Evie às vezes ficava em casa com as meninas, mas preferia dormir no barco na maioria das noites.

Tamsin acelerou o passo. Ela podia ouvir Evie atravessando o arbusto à sua frente. E como Evie tinha vantagem ao usar botas de trabalho resistentes, o progresso de Tam em seus chinelos diminuía à medida que o arbusto ficava mais denso e o caminho diminuía.

— Evie, espere. Estou chegando.

Não houve resposta.

Tamsin olhou em volta tentando encontrar o caminho que ela havia seguido há pouco. Evie obviamente se desviou dos caminhos paisagísticos e pegou um atalho pela floresta tropical. Nos últimos meses, ela criou uma rede de caminhos, pequenos jardins e clareiras tranquilas na floresta como parte de seu trabalho de paisagista no resort Ma Carmichael.

— Evie — gritou Tamsin atrás dela. — Espere por mim.

À frente, o estalo ocasional de um galho ficava cada vez mais fraco e Tam tentava ir mais rápido. Por fim, ao encontrar o caminho que subia a colina até Back Bay — onde o barco de Evie estava ancorado —, o silêncio foi quebrado apenas pelo sussurro do vento no topo dos pinheiros acima dela.

Tam fez uma pausa, sem saber se deveria continuar ou voltar. Evie estava bem à frente dela, e esse caminho era tortuoso. Com um suspiro determinado, ela amarrou o sarongue por cima do biquíni, enfiou a toalha debaixo do braço e seguiu em frente; estava muito preocupada com o estado em que Evie se encontrava para deixá-la. O caminho só levava à praia, então voltaria por ali eventualmente. Esperançosamente, Gabe contaria a Pippa o que aconteceu depois que ele lidasse com aquele cara.

Olhando para o dossel verde rendado acima, Tamsin só conseguiu ver um vislumbre do céu azul que ela sabia estar sem nuvens hoje. Na clareira onde finalmente voltou, a luz era fraca. Baixando o olhar, seguiu pelo caminho, agora cercado por uma vegetação exuberante onde o sotavento da montanha recebia mais chuva do que o resto da ilha. Nas fendas cobertas de musgo dos pinheiros caídos, pequenas samambaias e trepadeiras apareciam com suas folhas verdes e uma criatura ocasional fugia enquanto ela avançava.

Por fim, Tamsin alcançou o topo da cordilheira, onde a cobertura acima não era tão espessa. Ela levou a mão aos olhos e olhou para o outro lado da baía, para onde o barco de Evie balançava suavemente na âncora. Ventava pouco e o mar estava calmo, protegido das correntes na Passagem de Whitsunday, no lado oeste da ilha onde o resort estava localizado. O sol refletia no nome do barco na popa.

Kestrel?

Quando Evie mudara o nome do seu barco? Tamsin se perguntou. No primeiro dia em que Evie navegou até a baía, Pippa ficou consternada com a vela grande rosa do iate de Evie.

Seu iate, *Eros*.

Definitivamente era o barco de Evie; Tamsin esteve lá recentemente, navegando até Hamilton Island para passar alguns dias de férias com Evie e Sienna. Ela não prestou muita atenção ao nome naquela viagem porque ficou estressada no caminho e depois preocupada com Gabe quando eles voltaram.

Agora, parada na colina olhando para o barco, podia ver o novo nome, Kestrel, tão claro quanto o céu azul.

Não dava azar mudar o nome de um barco? E por que Evie teria mudado?

Enquanto Tamsin estava ali, tentando decidir qual dos dois caminhos seguir para chegar à praia, um lampejo de movimento abaixo chamou sua atenção.

Uma figura de cabelos escuros saiu correndo do mato, atravessou a areia e caiu nas rochas. Enquanto Tam observava, Evie tirou a camisa e as botas de trabalho e atirou-as nas rochas que margeavam a baía. Então, para choque de Tamsin, Evie pulou das rochas e caiu.

Tamsin ficou lá com a mão pressionada na boca, horrorizada. A água se agitou quando Evie avançou em direção ao iate situado a duzentos metros da baía. O barco que Evie sempre usava para chegar ao seu barco ficava no cais perto do resort.

O que diabos aconteceu nas cabanas para Evie correr esse risco enorme? Ela poderia ter ido até o cais e levado o pequeno barco de borracha para passear.

A baía que ela atravessava era famosa pelos tubarões, e a temporada de ferrões havia começado há alguns meses. As medusas e Irukandji sempre foram um risco nessas águas tropicais. Pippa colocou placas em todas as praias da ilha informando que não era permitido nadar sem roupas de mergulho.

Não que um traje fosse proteger você de um tubarão faminto, pensou Tam quando Evie chegou à metade do caminho e parou de nadar.

Seu coração pulou na garganta e ela respirou fundo, tentando manter a calma enquanto Evie percorria na água no meio da baía. Nunca em sua vida Tamsin se sentiu tão impotente. Se ao menos tivesse pensado em pegar o telefone antes de correr atrás de Evie, poderia ter pedido ajuda.

Tamsin piscou e levou a mão aos olhos para bloquear o brilho refletido na água. Ela examinou a água tentando encontrar o local onde vira Evie pela última vez, mas não havia sinal de sua cabeça escura. A água era prateada sob o sol do meio-dia... e totalmente calma e vazia. Tam esperou mais um minuto e, quando não havia sinal de sua amiga nadando, soltou um grito áspero e se virou para voltar correndo para o resort.

Capítulo três



Pippa

Rafe estava ao telefone com seu editor no Reino Unido e eu estava sentada na varanda cercada por folhetos; folhetos sobre fogões, geladeiras, utensílios de cozinha e pias.

Quando Gabe voltasse para Hamo amanhã, a primeira coisa que eu faria seria chamar Tamsin para me ajudar a encomendar os eletrodomésticos certos para a cozinha comercial. Havia sempre um atraso no prazo de entrega na nossa ilha, por isso tínhamos que receber os pedidos o mais rápido possível. Tam havia saído com os duendes – os duendes do “amor” esta manhã, quando se juntou a Eliza e eu para nos encontrarmos com os irmãos Riccardo, nossos construtores. Eu a deixei deliberadamente em paz durante os primeiros três dias de seu rompimento com Gabe. Eu nunca a tinha visto tão feliz e queria que ela descansasse antes de começarmos a trabalhar.

— Volte e junte-se ao seu homem — eu disse com uma risada quando a peguei olhando para as cabanas. — Podemos fazer isso sem você.

Tam balançou a cabeça.

— Não, este é o meu restaurante. Quero ver quão grande será quando estiver pronto. É emocionante. — Suas bochechas estavam rosadas e sua postura era relaxada. Ela havia perdido aquele nervosismo que se acumulou nas últimas semanas, quando todos nós trabalhávamos duro antes da inauguração do bar.

Não demorou muito para Danny e Renzo Riccardo definirem o local.

Tamsin assentiu enquanto caminhava e depois sorriu enquanto voltava para a cabana de praia onde ela e Gabe estavam hospedados.

— Obrigada pela folga, Pip. Eu agradeço.

— Posso ver isso — disse com um sorriso. Eliza e eu ficamos conversando no local do restaurante quando os Riccardos foram embora, até que Phillipe voltou de carro para buscá-la.

— O amor está no ar — cantei, e Eliza riu.

— É bom ver Tam tão feliz — disse ela.

Balancei a cabeça enquanto subia a colina. A velocidade com que o prédio avançava era muito agradável. Os prédios eram todos abertos e de tamanhos básicos, então a construção não era complicada, Danny me garantiu quando examinou nossas plantas.

Esperamos que a construção seja concluída a tempo para o casamento.

Meu casamento. Nosso casamento.

Eu não conseguia acreditar que Rafe e eu íamos nos casar. Às vezes eu tinha que me beliscar para ter certeza de que toda aquela coisa de resort e Rafe não ser um sonho, e que eu não estava de volta à Gold Coast trabalhando com publicidade.

Mas não foi um sonho, e, graças à minha tia-avó Vi Carmichael, eu estava aqui na Ilha de Pentecostes e comecei o Ma Carmichael's Resort com minhas duas amigas, Tam e Nell. Nossos primeiros hóspedes haviam chegado e o resort estava se expandindo rapidamente.

No caminho de volta para casa, sorri ao pensar em nossos seis meses na ilha. A vida tinha sido um turbilhão desde que Tam, Nell e eu chegamos, no final do outono.

Eu conheci Rafe, fiquei de pernas para o ar depois de um início difícil em nosso relacionamento, e agora estávamos nos preparando para nosso casamento. Eliza chegou, e então Phillipe apareceu, e eles voltaram para a Itália para uma breve visita para resolver os bens de seu falecido marido. Quando Eliza voltou e firmou parceria comigo – e depois com Tam e Nell – o aumento de capital significou que poderíamos expandir imediatamente.

Nell havia se reunido com Nat e eles estavam tão felizes quanto possível. E agora a viagem de Tam para Hamilton Island antes da inauguração do nosso bar na semana passada resultou em seu encontro com Gabe – embora em circunstâncias estranhas –, mas certamente me fez reconsiderar o termo “amor à primeira vista”.

Enquanto esperava que Rafe terminasse a ligação, suspirei e coloquei a cabeça para trás.

Fechando os olhos, ouvi os lindos cantos dos pássaros tropicais nas árvores ao longo da cerca da piscina. Ser constantemente feliz era um modo de vida totalmente novo para mim, e devo admitir que me pergunto se às vezes isso poderia durar. A vida na ilha era maravilhosa e eu nunca esqueceria tia Vi ou esqueceria o quão grata estava a ela por ter deixado metade da Ilha de Pentecostes para mim em seu testamento.

A vida estava prestes a ficar muito mais ocupada e fiz uma lista mental enquanto o sol aquecia meu rosto.

Um. Fale com Tam sobre os eletrodomésticos.

Dois. Fale com Nell sobre se deveríamos manter as três cabanas abertas enquanto as outras são construídas. Eu balancei minha cabeça. Isso era um sim.

Três. Procure as placas com os nomes das cabanas. As Cabanas Um, Dois e Três não pareciam muito exóticas.

Quatro. Fale com Sienna sobre o tamanho das salas de tratamento do day spa. E resolver todos os vistos que ela precisava para poder permanecer na ilha. E pense em um nome para o day spa e peça a placa.

Cinco. Lembre-se de conversar com Tam sobre o cardápio do nosso casamento. Uma onda de excitação fez cócegas pela ideia de me casar com

Rafe. Íamos ficar na ilha até que a construção terminasse e estivéssemos funcionando com capacidade total, e então partiríamos em lua de mel no próximo outono. Rafe iria me levar para sua casa na primavera no Reino Unido.

O casamento era a prioridade atual; e todo o resto se encaixaria. Eu tinha confiança na minha equipe. E ter Tam, Nell, Eliza, Evie e Sienna – amiga de Eliza e nossa futura terapeuta de spa – aqui tornou o planejamento e, consequentemente, minha vida, muito mais fácil. Mesmo antes de Nell e Tam ingressarem como acionistas – graças à generosidade de Eliza – elas estavam totalmente comprometidas com Ma Carmichael's, e eu sabia que Evie também estava.

Ok, de volta à minha lista.

Seis. Ofereça turnos permanentes para Cherry e Mirabella.

Sete e a mais alta prioridade. Fale com Eva. Depois de duas semanas recebendo convidados nas cabanas, eu sabia que colocar uma piscina era uma das primeiras coisas que tínhamos que fazer. O medo dos tubarões desde os recentes ataques em Cid Harbour e a relutância de muitos turistas em usar trajes anteferirão da cabeça aos pés (tínhamos um suprimento no escritório) me levaram a perceber que deveríamos colocar uma pequena piscina na parte de trás das cabanas assim que conseguíssemos trazer a empresa da piscina para cá. Cada um dos convidados, que ficaram nas três cabanas nos últimos dez dias desde a nossa inauguração, colocou isso em seu formulário de feedback.

Resort fabuloso. Seria perfeito com uma piscina.

Logisticamente seria um pesadelo, mas ei, eu não tinha dúvidas de que conseguiríamos. Desde que Eliza se tornou minha sócia, as finanças se abriram e íamos concluir o resort um ano após a inauguração.

O portão rangeu; abri os olhos e me sentei. Rafe tinha colocado uma pequena piscina ao lado de sua casa para se exercitar e eu olhei para ela enquanto ele caminhava ao longo da borda pavimentada.

— Quer almoçar, amor? — ele perguntou.

— Rafe, foi difícil trazer sua piscina para cá? — Sorri quando se inclinou e me beijou.

Ele encolheu os ombros.

— Não sei. Eu estava no Reino Unido quando foi instalada. Não deve ter sido muito difícil porque não recebi nenhuma ligação.

— Mas aposto que você tem uma conta grande — falei.

Mesmo que ele tenha sorrido para mim, ele teve a graça de ruborizar, e eu sorri de volta.

Deus, eu amava esse homem.

— Hum. Não olhei de perto o colapso. Acabei de pagar a fatura.

Balancei a cabeça e fiz uma careta para ele.

— Nós... quero dizer, Ma Carmichael... analisamos todas as contas e todas as avarias. Não somos ricos como você. — Recostei-me e passei os braços em

volta do pescoço dele, sabendo que minha provocação teria resposta. Eu adorava provocar Rafe; geralmente acabava com ele me fazendo cócegas e depois indo para o quarto. Eu nunca subestimaria nosso relacionamento. Eu amava esse homem com todo meu coração e alma.

— Então, presunto e queijo grelhado... — ele interrompeu-se e caminhou em direção à beirada da varanda. — Temos companhia, Phillipa.

Levantei-me, espreguicei-me e caminhei até ficar ao lado de Rafe no portão. Ele colocou o braço em volta do meu ombro e eu me inclinei para ele. Minha respiração ficou suspensa. Assim que vi Tam e Gabe, soube que algo estava errado.

Muito errado.

Capítulo quatro



Tamsin

Quando Tam contou a Pippa como Evie havia desaparecido quando estava nadando até o barco, Pippa balançou a cabeça.

— Não, ela deve ter parado para recuperar o fôlego e simplesmente não conseguiu vê-la. Afinal, por que estava nadando lá?

— O homem na cabana ao nosso lado lhe disse algo e ela ficou muito chateada. Eu nunca a vi assim. Quase histérica.

— Que homem? — Pippa franziu a testa enquanto olhava para Tamsin. — Quem? Qual o nome dele?

— Acho que ela o chamou de Jed. Mas rápido, precisamos ir até lá e... e procurar por ela.

Pippa agarrou o braço de Rafe.

— Vamos, pegaremos seu barco e daremos a volta até a baía. Tenho certeza de que ela ficará bem. — Pippa falou baixinho, mas Tamsin ouviu suas palavras. — Ela tem que estar.

Gabe pegou a mão de Tamsin e ela segurou-a com força enquanto todos corriam para o cais. Seu coração ainda batia forte e não conseguia tirar da cabeça a imagem de Evie desaparecendo sob a água. Tamsin soltou um soluço e Gabe colocou o braço em volta dela quando chegaram à areia.

— Apenas espere pelo melhor, amor. — Ele olhou para Tamsin antes de se virar para Pippa. — Jed Stephenson, ele disse que seu nome era esse, mas não quis me dizer mais nada. Só que conhecia Evie e tinha um assunto pessoal sobre o qual precisava conversar com ela. E ficou bem chateado quando Evie foi embora. Fiz o possível para falar com ele, mas ele voltou para a cabana e fechou a porta na minha cara. — Gabe encolheu os ombros. — Além de derrubar a porta, não havia muito que eu pudesse fazer. Então, fui atrás de Tam e Evie, e encontrei Tam no caminho de volta.

Chegaram ao cais e apenas alguns minutos depois a lancha de Rafe roncou em direção à parte de trás da ilha.

Assim que começaram, Tam colocou a mão no peito enquanto sua garganta se fechava. Ela engoliu em seco.

— Pip, eu não sabia o que fazer. Eu me senti tão inútil quando a persegui pela floresta. Ela estava tão chateada que realmente acho que estava em choque, e então a vi tirar o equipamento e tentar nadar até o barco. O que diabos poderia tê-la chateado tanto?

— Tenho uma ideia do que há de errado. — Pippa olhou para a água. — Isso foi há muito tempo, mas ajudei Evie quando estávamos na universidade e ela me contou sua história. Porém, me fez jurar segredo.

— Você ajudou algumas de nós naquela época — disse Tam.

— Essa é uma das razões pelas qual fiquei tão feliz em trazer Evie. Ela construiu uma vida totalmente nova para si mesma. Ela é uma alma perdida há muito tempo. Uma solitária.

— Ela parecia muito feliz aqui. Ah, meu Deus, espero que esteja no barco e que esteja tudo bem.

Ao entrarem na passagem, Rafe aumentou a velocidade e um jato branco de água se espalhou por trás do barco.

— Quando corri de volta pela floresta tropical, estava pensando nela. Fiquei preocupada, mas estava pensando no passado. Evie me contou algumas coisas que não faziam sentido. Lembro que me contou, quando chegou, que o avô dela lhe deu o barco, e viveu com ele por oito anos, então tenho certeza de que ela disse que quando fomos para Hamo, algumas semanas atrás, de tê-lo comprado enquanto trabalhava em Hamo. Não prestei muita atenção até tentar entender o que aconteceu hoje.

Pippa olhou para além de Tam quando chegaram ao ponto norte da Ilha Pentecostes.

— Evie carregou muita culpa nos últimos anos. Acho que está tentando se esconder, mas..., mas só quero que ela fique bem. — A voz de Pippa falhou e Tam estendeu a mão e abraçou-a.

— Eu também.

Ambas olharam para frente quando chegaram a Back Bay.

O rosto de Pippa abriu-se num sorriso enquanto olhavam para a baía vazia.

— Graças a Deus por isso — disse Tam. — Eu acho.

— Ela está bem — falou Pippa.

Tam assentiu.

— Sim, em Eros ou Kestrel. Qualquer que seja o nome do barco, ele desapareceu. — Ela estava começando a perceber que não conhecia Evie.

Rafe deu uma volta com seu barco ao redor da baía e, quando viraram para voltar ao resort, Pippa levantou o braço e apontou.

— Olhem!

No horizonte, se olhasse com atenção, conseguiria distinguir uma vela rosa.

— Graças a Deus — disse Tam enquanto Gabe colocava o braço em volta dela. — Que dia!

Capítulo Cinco



Eva

Dez anos antes

— Vejo vocês no baile, meninas — Melissa, a última cliente, gritou de volta enquanto a cabeleireira de dezenove anos, Evangelina Asquith, trancava a porta atrás de si. Ela e Belinda, a aprendiz, estavam perdidas no salão desde as sete da manhã; parecia que todas as mulheres num raio de cem quilômetros estavam indo para o baile da B&S e queriam arrumar o cabelo hoje.

— Agora é sua vez, Eva. — Belinda estendeu a capa.

— Estou chateada — disse Eva, deixando-se cair na cadeira e recostando-se.

— Sente-se — disse Belinda. — Eu também, mas um banho e um café forte vão nos transformar. Como vai para o baile? — perguntou enquanto Evie se sentava.

O baile aconteceria a quinze quilômetros da cidade, em uma das maiores estações do distrito.

— Irei com Zeke e, se ficar enjoado mais cedo, trarei o carro dele para casa.

— Não pode fazer isso. Perderá metade da diversão. Não vai levar suas roupas para dormir?

Eva encolheu os ombros.

— Sinto muito, Bin. Eu simplesmente não consigo ficar animada com isso. Posso ter vivido aqui a minha vida toda, mas realmente não gosto de toda essa coisa de campo.

— Vá em frente, irá se animar. Vai ser a mais bela do baile com esse penteado.

— Não muito sofisticado, por favor — disse enquanto Belinda enrolava outra mecha de cabelo no alto de sua cabeça.

— Ah, vamos lá, Eva. Mais um cacho e pronto. Venho praticando esse estilo há semanas.

Eva cruzou os braços sob a capa preta e assentiu. Belinda era uma excelente aprendiz, por isso se ofereceu como cobaia para o treino do baile B&S daquela noite.

— Confie em mim. Vai ficar perfeito. — Belinda ergueu o modelador de cachos. — Feche os olhos, pois irei colocar uma máscara em você, enquanto coloco um pouco mais de cor.

— Você não pode colocar a cor agora.

— Ah, sim, posso. Tenho experimentado. Na verdade —disse enquanto enfiava a mão embaixo do balcão. —, pode ver o penteado quando estiver cozido

— Cozido? — Eva disse com um guincho. — Que tipo de aprendiz você é, Belinda Bentley?

— Uma com todos os novos truques. Agora fique quieta e feche os olhos enquanto coloco a máscara, Eva. E para responder à sua pergunta, também sou a melhor aprendiz que Bylington já viu.

Eva riu quando a máscara deslizou sobre seus olhos.

— Você é a única aprendiz que Bylington já viu, Binny.

— Além de você. Por que não compramos esse salão quando eu estiver qualificada? Você já está, e a velha Glória já passou disso. Você quase dirige o salão, de qualquer maneira. O novo gerente do banco gosta de mim, tenho certeza de que conseguiria um empréstimo comercial.

— É preciso mais do que ser “gostada” para obter um empréstimo comercial. E quantos anos você tem, afinal? Essa é uma palavra da Glória. Você está aqui há muito tempo. — Eva podia imaginar a expressão de Binny mesmo com a máscara sobre os olhos. — Desculpe por atrapalhar seu desfile, Bin, mas as chances de eu estar nesta cidade caipira em mais um ano são zero, mínimas e inexistentes.

— O que! Por quê? — O tom de Belinda era de choque.

— Porque Reg está bem agora; então não vai precisar de mim aqui. Ele conseguiu um emprego na mina, Zeke e Samantha vão se casar e Zeke voltará para a fazenda em alguns meses. Eu não serei necessária. Serei tão livre quanto um pássaro.

— Oh. Você nunca disse uma palavra.

— Eu não queria azarar. Mas tudo isso está acontecendo agora, e você só verá a minha poeira.

— Bem, há muito disso nesta cidade.

Eva recostou-se e deixou Binny lhe arrumar o cabelo e não discutiu novamente. Às vezes se perguntava por que era tão desajustada em Bylington. Apesar de morar na fazenda desde que nasceu, no fundo não era uma camponesa.

Eva sempre amou o mar e, quando tinha oito anos, disse à mãe que devia ter sido adotada.

— Eu não quero morar aqui, mamãe. Quero estar perto do mar onde o vovô está.

O pai de sua mãe morava em um barco e passava a aposentadoria navegando nos trópicos. Sempre que estava em Sydney, iam visitá-lo no porto. Bem, de qualquer maneira, sua mãe e Eva faziam isso; seu irmão mais velho, Zeke, não saía da fazenda.

— Desculpe, querida, você é uma garota do interior e certamente não é adotada. Lembro-me muito bem de trazê-la do hospital para casa —

respondeu a mãe enquanto trançava habilmente o cabelo para a escola. — Quero que você volte direto da escola para casa hoje, pois vou precisar de ajuda com a preparação. Os tosquiadores chegam na semana que vem e precisamos de bolo e biscoitos suficientes para dez dias.

A garganta de Eva ficou obstruída com lágrimas não derramadas que ainda a atingiam nos momentos mais estranhos. Já se passaram cinco anos desde que a mãe faleceu e ainda sentia falta dela todos os dias. Ser uma garota de quatorze anos sem mãe tinha sido muito difícil.

Ser uma garota de quatorze anos com um padrasto que se ressentia dela era quase tão difícil quanto.

Naquela tarde, depois que o cozimento terminou, Eva saiu para o quintal, com os sapatos escolares rangendo na grama seca e marrom sob o Hills Hoist. Com uma olhada por cima do ombro, subiu no poste de metal e colocou a mão nos olhos. Certamente, se estivesse mais no alto, poderia ver o mar dali.

Mas tudo o que conseguia ver eram piquetes secos e ondulados, sem sinal de porto, do avô ou do barco dele.

Mas depois a mãe adoeceu e morreu, e agora Eva estava presa ali, cozinhando e limpando para o padrasto e o irmão mais velho, quando não estava no salão, fazendo um trabalho que nunca quis.

Depois que a mãe faleceu, ela sempre pensava naquela tarde em que subiu no varal, e a vontade de Eva de estar perto do mar não havia diminuído.

Parecia que tudo em sua vida sempre era feito para agradar outra pessoa. Agora que se formou como cabeleireira, sairia dali assim que conseguisse um emprego. Dubbo era a cidade mais próxima, mas não teve sorte em encontrar um emprego lá até então.

Ela revirou os olhos e se perguntou o que estava fazendo. Até mesmo procurar emprego em Dubbo foi sugestão de Zeke e Reg.

Se você trabalhar em Dubbo, pode voltar para casa e ajudar nos finais de semana.

Se eu me mudasse para muito, muito longe, não teria que fazer nada, pensou Eva. E então a habitual pontada de culpa por estar sendo egoísta sempre a atingia.

Eva não queria ficar na fazenda. Ela queria estar na costa. Algumas de suas lembranças mais felizes foram das férias com a mãe e avô no barco dele.

Quando voltasse do mar, ele contaria a ela histórias de piratas, ilhas tropicais e tesouros enterrados.

— Eu adoro viver no limite, querida —dizia a ela.

— Correr riscos, você quer dizer, vovô? —perguntava-lhe.

— Não. — Ele batia com o cachimbo na mesa da cozinha, para desgosto da mãe. — Gosto de viver na beira da terra e estar sempre perto do meu barco. Morar no meio do país me faz sentir claustrofóbico.

A irmã da minha mãe, tia Gloria, ofereceu a Eva um estágio de aprendizagem depois da escola e, apesar de ela ter conseguido uma bolsa de estudos rural para ir para a universidade em Brisbane, o padrasto recusou.

— Desculpe, Evangelina, a fazenda não tem condições de pagar.
— Mas eu tenho uma bolsa de estudos, Reg. — Chamá-lo de pai parou assim que a mãe se foi. Eva só o chamava de pai para deixar a mãe feliz.

Ele não era o pai deles.

— Desculpe, precisamos de você aqui para cuidar de Zeke e de mim, e o que Gloria pagar a você também será útil.

Sempre foi por causa do dinheiro.

Então ali estava ela, com quase vinte anos, ainda presa em Bylington, mas seu plano de fuga estava sendo preparado.

Claustrofóbico. Vovô tinha acertado precisamente.

Agora, Eva colocou a cabeça para trás quando Belinda pressionou a mão na testa.

— Você fez essa solução muito forte. Posso sentir o cheiro — disse.

— Não seja uma cliente difícil. Vou acertar para você. Ouvi dizer que há muitos caras da nova mina vindo para o baile esta noite. Estou tão animada.

— O gerente do seu banco vai? — Eva perguntou com um sorriso.



Eva bocejou enquanto destrancava a porta da frente da casa de fazenda onde sempre morou. Zeke iria ao baile e comeria lá. Reg estava no turno da tarde, por isso não precisava preparar o jantar para ninguém. A noite estava nítida e clara com um zilhão de estrelas pontilhando o céu. À noite, quando os piquetes amarelados eram suavizados pelo luar e o calor do dia havia passado, quase conseguia aguentar estar ali no mato.

Parada na porta dos fundos olhando para a noite, como sempre, ela conseguiu trancar seus sonhos. Seu humor piorou quando Belinda presumiu que ficaria em Bylington.

Eva estendeu a mão e tirou os grampos do cabelo.

— Encha a bola do B&S — murmurou. Não importa quão agradável fosse a noite, a passaria assistindo a um filme. Deitada na sala, tirou os Doc Martens e pegou o controle remoto. Ela tinha um DVD alugado que queria assistir.

Quando a televisão foi ligada, Eva percebeu que não sairia hoje à noite. Depois que Belinda tomasse alguns drinques, nem sentiria falta dela no meio da enorme multidão no galpão de lã e nos piquetes.

O barulho de um caminhão a diesel interrompeu sua exibição de televisão meia hora depois, e se levantou e foi até a cozinha para colocar a jarra no fogo. Zeke — seu irmão mais velho — era uma criatura de hábitos e procurava uma xícara de chá assim que passava pela porta da frente.

— Onde você está, Eva? Eu sou o primeiro a ir ao banheiro.

— Estou na cozinha e você pode ficar com ele o quanto quiser. Mudei de ideia, Zeke — gritou para o irmão enquanto ele caminhava pela varanda de madeira. — Eu não vou ao baile.

— Você vai, Eva.

— Eu não quero ir — argumentou. — Estou cansada.

— De que? Por bater o queixo em um salão de cabeleireiro com ar-condicionado o dia todo? Caramba, o que acha que eu tenho feito...fazendo um piquenique no piquete?

— Vou pensar sobre isso.

— Você vai. Vamos, Eva, irá se divertir muito. Sabe que vai. — Zeke tirou duas xícaras e dois saquinhos de chá. — Você pode até ir ao banheiro primeiro.

— Ah, meu Deus, obrigada. — Eva revirou os olhos.

Quando terminaram o chá, Zeke ficou de pé ao lado dela.

— Vá e vista seus trapos de felicidade, mana. Vai ser o melhor baile até agora. Vou me encontrar com Samantha lá, então ainda pode vir no meu carro.

— Não, Zeke, estou muito cansada. Ficamos trabalhando o dia todo. Recebemos todas as meninas, além dos compromissos habituais de sábado. Você sabe como é horrível ouvir tudo o que aconteceu nesta cidade caipira na última semana?

A discussão deles foi curta, mas intensa e, claro, Zeke acabou conseguindo o que queria. Ele sempre conseguia.

— Foi você quem assumiu o salão da tia Glória, então não reclame. Agora desligue essa maldita TV e vá se arrumar. É sábado à noite. E vai ser o maior e melhor baile de B&S de todos os tempos, segundo todos os relatos. — Zeke piscou para ela. — Muitos caras novos na cidade.

— Qualquer coisa para manter a paz — murmurou baixinho. — Só porque você é o mais velho, não pense que é meu chefe.

Zeke sorriu para ela; ele sempre ficava feliz quando conseguia o que queria. Não tão feliz quando não o fazia. Essa foi em parte a razão pela qual ela cedeu; teria suportado o mau humor dele por uma semana ou mais se não tivesse feito.

— Não está em discussão, mana. É evidente. Eu sou o mais velho e sou o chefe.

Ela pegou a almofada e apontou para o irmão.

— Ok, só vou porque aquela série era uma porcaria. Não porque me disse para fazer isso.

A risada de Zeke a seguiu até o banheiro.

— Claro.

Duas horas depois, Eva ficou grata por Zeke tê-la feito ir ao baile.

Capítulo Seis



Jed

Jed Stephenson se apaixonou por Evangelina Asquith na noite em que a conheceu; o problema seria convencê-la de que estava falando sério.

— Jed? — Zeke Asquith, que era seu braço direito na mina, gritou quando ele chegou ao baile da B&S. — Venha conhecer minha irmã, Evangelina.

Jed tomou uma cerveja com Zeke uma tarde da semana passada e lhe perguntou se iria ao baile da B&S no sábado seguinte.

— Não é o meu cenário, obrigado de qualquer maneira, cara. — Jed riu. — Não estou atrás de uma esposa.

— Não se trata de encontrar uma esposa hoje em dia. — Zeke riu. — Sam e eu vamos e já estamos noivos.

Jed balançou a cabeça.

— Não tenho nenhuma roupa formal.

— Não precisa disso. Isso foi nos velhos tempos, quando era uma coisa formal. Hoje em dia vale tudo. Fantasia, jeans e camiseta, o que se sentir confortável. É uma ótima oportunidade para conhecer a comunidade local. Alguns dos meus amigos virão de propriedades a cem quilômetros de distância. Haverá boa música e muita bebida. Cem dólares por ingresso e isso inclui tudo o que puder beber, jantar e café da manhã.

— Ah, então a noite vai demorar muito — comentou Jed.

— Muito tempo e um bom tempo. — Zeke sorriu.

— Em meus dias isolados, eu costumava pensar que B&S representava cerveja e sexo. Quando eu estava em uma mina no interior de Queensland, ouvi dizer que significava “caras e garotas” — disse Jed com um sorriso.

— Nah, não hoje em dia. Mas é uma ótima maneira de conhecer o interior da Austrália. De qualquer forma, Jed, venha esta noite. Vou apresentá-lo a alguns dos meus amigos.

Ele ficou impressionado e apenas uma olhada no lindo rosto, olhos castanhos e lábios rosados da irmã de Zeke, já ficou satisfeito por ter vindo junto. Muito satisfeito. Ele era um caso perdido.

Evangelina era linda de morrer e concordara em dançar pela primeira vez com ele, e por meios justos ou sujos – isso ajudava quando você era o chefe de muitos caras no baile – ainda estava dançando com ele no baile. Era meia-noite quando os fogos de artifício começaram.

— Por favor, me chame de Eva — disse. — Odeio meu nome completo. —

A voz dela era tão doce quanto ela, e Jed assentiu como um adolescente apaixonado.

— Acho que é um nome bonito — respondeu Jed. Cada vez que algum outro cara tentava interferir, ele lançava um olhar maligno.

O cabelo de Eva era escuro, longo e liso, com uma mecha loira branca que se espalhava por sua testa quando abaixava a cabeça. Ela era alta — não muito abaixo de seu metro e oitenta — e Jed achou difícil parar de olhar para ela.

Finalmente, depois de horas de dança, com pausas frequentes para tomar água, Eva agarrou sua mão e o arrastou para sentar-se na frente de um carro azul brilhante para assistir aos fogos de artifício.

— É seu? — ele perguntou com um sorriso.

— Não, é do Zeke, mas vou pegá-lo e voltar para casa logo. Tive um grande dia. Estava cansada e agora você me cansou de dançar.

Ele não pôde deixar de levantar a mão e afastar aquela mecha branca de cabelo.

— Eu me diverti muito, obrigado. — Jed sentiu Eva dar um pulo quando um grande estalo veio de trás do veículo. Ele colocou o braço em volta dela enquanto ela ria. — Que diabos foi isso? —disse olhando em volta. — Pois não foram fogos de artifício.

— Apenas alguns dos garotos participando de uma competição de estalar chicotes. As coisas vão ficar bem turbulentas de agora em diante. O corante alimentar também começará a fluir em breve.

— Corante alimentar?

— Você já viu aquele cara com VIRGEM escrito na testa antes? — Para sua satisfação, Evangelina não se afastou quando ele colocou o braço em volta dela.

— Sim, vi — respondeu Jed.

— Bem, isso é corante alimentar vermelho, e é porque é o seu primeiro B&S dele. Ele é virgem. — Os lábios dela se curvaram em um sorriso atrevido e o coração dele bateu forte. — Ei, este é o seu primeiro?

— Nem pense nisso — disse com uma risada.

— Bem, não deixe isso ser conhecido ou você também será marcado. — Eva cobriu a boca com a mão enquanto bocejava. — E então, por volta das três horas, todo mundo vai se deitar em seus sacos de dormir — ou no chão — e então, ao amanhecer, irão acender o churrasco e a cerveja vai fluir novamente. —Havia um tom monótono em sua voz, e ela olhou com curiosidade.

— Parece que é algo com o que não se preocupa.

Ela assentiu.

— Acertou precisamente. Só vim porque Zeke me arrastou junto. Mas eu me diverti, obrigada. Você é um bom dançarino. Agora estou pronta para dormir.

Jed tentou bloquear a ideia de Eva na cama, mas as duas cervejas que

tomou antes deixaram sua imaginação correr solta. Ele desviou o olhar dela e tirou o braço de seus ombros.

— De qualquer forma, se você for embora, irei também — disse.

— Onde você estacionou? — ela perguntou. — Muitos desses carros já devem estar estacionados para passar a noite. — Ela apontou para o enorme cercado atrás deles. Estava cheio de carros, caminhões e veículos com tração nas quatro rodas.

Ele balançou sua cabeça.

— Peguei uma carona. Ouvi dizer que havia ônibus voltando para a cidade a cada hora. Voltarei ao ponto.

A felicidade surgiu através dele com suas próximas palavras.

— Não precisa fazer isso. Vou levá-lo de volta para a cidade. — O sorriso lento dela incendiou as terminações nervosas dele.

Em todos os lugares.



— Um pouco de conhecimento local ajuda muito — disse Eva enquanto olhava para Jed quando ele subiu no banco do Passagem iro do carro de Zeke. —, Mesmo que esteja muito longe da ação, você sempre estaciona em uma das extremidades das filas de estacionamento. Dessa forma não pode ficar estacionado.

— Jogada inteligente.

Ela não o olhou enquanto ele falava. Jed tinha uma voz profunda e linda, e tentava bloquear a atração instantânea que sentiu desde o momento em que Zeke os apresentou. Não ajudou o fato de ele ser alto, ter ombros largos e boa aparência, com os cílios mais longos que já vira em um homem. Seus olhos eram de um azul profundo, inseridos em um rosto bronzeado e ainda mais acentuados por seus cabelos escuros. Ele a lembrou de um daqueles caras daquele reality show de fazendeiros.

— *O Fazendeiro Quer uma Esposa* — murmurou para si mesma.

— Desculpe? O que foi isso? — Ele a olhou com curiosidade.

— Nada. Eu estava pensando em voz alta. Então, você trabalha na mina? — perguntou casualmente enquanto ligava o motor. — Quanto tempo está lá?

— Esta é minha terceira semana. Zeke disse que seria uma boa oportunidade de conhecer algumas pessoas esta noite.

— Você não conheceu muitas. — O calor percorreu seu rosto quando ele olhou para ela.

— Gostei de conhecer você — disse ele.

— Idem. É bom conversar com alguém que sabe um pouco mais do que Bylington.

— Há quanto tempo está aqui? — perguntou-lhe. — Parece uma cidade decente.

— Você acha? — Ela empurrou a alavanca de câmbio com mais força do que precisava. — É o lugar mais chato do mundo. Nasci aqui e mal posso

esperar para sair.

— Oh?

Ela ficou satisfeita ao ouvir decepção na voz de Jed.

— Vai partir? Quando?

Com um suspiro, soltou o freio de mão.

— Assim que eu conseguir um emprego.

— Que tipo de trabalho faz?

— Eu sou cabeleireira. Não é o que eu queria fazer. Fui jogada nisso. Uma empresa familiar. E como precisavam de mim em casa, tive que ficar.

— O que queria fazer?

— Eu queria ir para a universidade em Brisbane.

— As cidades não são tudo o que dizem ser, você sabe. Cresci em Brisbane e fiz faculdade lá. — A voz de Jed era tranquilizadora quando viraram para a estrada principal que os levaria pelos quinze quilômetros de volta à cidade.

— Eu daria qualquer coisa para sair daqui. É confinante. — Ela encolheu os ombros. — Acho que pareço uma chorona, mas você perguntou.

— O que quer dizer? — Jed virou a cabeça para olhar para ela, e uma onda de constrangimento a inundou. A lua estava cheia e havia luz suficiente para que percebesse seu intenso escrutínio.

— Eu vou te contar sobre isso um dia. — Eva engoliu em seco. Não havia como admitir, mas de repente estar ali não parecia tão ruim. — Está com fome? — Ela virou a cabeça e deu-lhe um sorriso, mais uma vez consciente do calor que a percorria sempre que Jed olhava para ela. — Não comeu nada lá, não é?

— Não, estava muito ocupado dançando com uma certa senhora que dizia: “Oh, esta é minha música favorita”. Você tem muitas favoritas.

Eva deu uma risadinha.

— Bem, eram ótimas músicas. Até mesmo um garoto da cidade teria que admitir que era uma ótima seleção de rock australiano.

— Recuso-me a responder, alegando que isso poderia me causar problemas, e então você não sairá comigo quando eu pedir.

Desta vez, foi puro calor que subiu pelo pescoço e desceu até a parte inferior da barriga, e sua resposta foi suave.

— Quando me pedir?

Ela captou um sorriso antes que ele assentisse.

— Sim, quando eu pedir. Mas antes de fazer isso, terei que descobrir onde fica o melhor restaurante da cidade.

Eva não conseguiu conter a risada.

— Isso não é difícil. Você pode escolher entre os chineses no clube de boliche, o take-away de peixe e batatas fritas ou o bistrô no único pub. O Hotel Real.

— Tudo bem — falou lentamente. — Se tivesse que escolher, o que escolheria?

— Agora mesmo? Eu escolheria a torta do trailer de Jim, do outro lado da

cidade.

— Ainda está aberto? — Ele olhou no seu relógio. — Já passa da meia-noite.

— Jim fica aberto a noite toda e faz um grande negócio enquanto os que saem cedo voltam para casa. Ele faz as melhores ervilhas e sua esposa faz as tortas. Ele só abre a van quando começam o B&S e as finais de futebol.

— Hum. Você me convenceu. Se eu pedir com educação, me levaria até lá? Eva assentiu.

— Mesmo que não quisesse ir, eu passaria por lá a caminho de casa. Estou morrendo de fome.

— Ok, considere esse como nosso primeiro encontro. Tortas e ervilhas de um trailer.

Capítulo Sete



Jed

No que diz respeito aos primeiros encontros, o primeiro encontro de Jed e Eva foi um sucesso estrondoso. As tortas estavam incríveis — Jed ficou surpreso quando Eva fez fila para comer uma segunda torta — e a companhia fora ótima.

O segundo encontro foi na noite seguinte, no clube de boliche, o terceiro, na noite seguinte, no pub-bistrô, e naquela noite, um peixe com batatas fritas para viagem em uma esteira de piquenique às margens do rio Macquarie.

Eva lambeu o sal e a gordura dos dedos enquanto olhava para o rio. Para uma pequena loja tão longe da costa, era o melhor peixe com batatas fritas que Jed já havia provado.

— Bem, Jed, lamento dizer que terminamos agora. — Ela olhou para ele através da faixa branca de franja que caía sobre seu rosto enquanto se deitava na esteira de piquenique.

A decepção tomou conta dele.

— Terminamos? O que quer dizer com *terminamos*?

— Você experimentou todos os restaurantes requintados que há em Bylington. Não há outro lugar para ir. — Ela o olhou por baixo dos cílios. — A menos que...

— A menos que? — perguntou Jed, atravessando a esteira de piquenique, para ficar mais perto dela. O tom dela era brincalhão e ele percebeu que ela estava brincando

— A menos que esteja disposto a experimentar minha comida.

Ele rolou de bruços e apoiou o queixo na mão. O rosto dela estava a apenas alguns centímetros do dele e ele ficou satisfeito quando ela não se afastou.

— Acho que isso me parece muito bom. — Ele se aproximou um pouco mais.

— Só tenho uma pergunta — ela disse.

— Hum?

Os olhos dela brilharam quando os lábios dele pairaram sobre os dela.

— Estaria tudo bem se eu cozinhasse para você na sua casa? Com certeza não quer dividir a mesa de jantar com Zeke e meu padrasto na fazenda.

Ele fingiu franzir a testa.

— Acho que aguentaria você cozinhando na minha casa. O que diria se eu lhe fizesse uma pergunta? — Os lábios dela estavam quase tocando os dele e

sua respiração aqueceu os lábios dele enquanto respondia.

— Minha resposta seria sim.

Ele roçou os lábios nos dela e sorriu contra sua boca.

— Você nem sabe a pergunta. Eu ia perguntar se poderia passar a noite aqui.

— Minha resposta ainda seria sim.



Os últimos quatro dias foram os mais felizes da vida de Eva desde a morte da mãe. Pela primeira vez ela não estava à disposição de alguém, fazendo o que queriam que ela fizesse. O prazer que sentia na companhia de Jed era comparável ao de estar no barco do avô. Sua determinação de deixar a cidade diminuía a cada dia, e quanto mais tempo passava na companhia de Jed, menos tempo passava procurando empregos online.

Quando os lábios de Jed pressionaram os dela, ela fechou os olhos e se entregou ao beijo dele. Era diferente estar com alguém que não queria mandar nela e criticar cada ação dela. Quando Jed sugeria algo, ele sempre perguntava se estava tudo bem para ela. Essa foi uma experiência nova depois de morar com Reg e Zeke. Até tia Glória tentou dizer-lhe o que fazer quando chegasse à cidade.

Quando Jed se afastou e sustentou seu olhar, uma sensação de contentamento tomou conta dela.

— Você me faz sentir eu mesma — disse-lhe.

Seu sorriso era gentil, mas ele franziu a testa.

— Como assim? O que quer dizer?

— Você me deixou ser eu mesma — disse. Eva estendeu a mão e puxou a cabeça dele de volta para a dela.

Capítulo Oito



Pippa

Tamsin me seguiu para fora do cais, parecendo taciturna. Depois que voltamos da baía e Tam preparou o almoço para todos nós, Rafe levou Nat e Gabe para Hamilton Island. Além de assinarem dois grandes contratos, eles se mudariam para o apartamento que dividiam naquela tarde. Nell estava ocupada ao telefone e se despediu de Nat em casa, mas ela e Nat estavam acostumados com ele indo e vindo para a ilha agora.

Tam não. Esta foi a primeira despedida deles.

A pobre Tam parecia prestes a chorar.

— A semana vai voar, Tam. Será fim de semana antes que perceba e ele estará de volta. E vou mantê-la ocupada, para que não tenha tempo para ficar pensando.

— Para você está tudo bem, Pippa. — Ela me cutucou ao pisar na areia. — Rafe está aqui com você o tempo todo.

— Eu sei. E adoro cada minuto disso. Tentei não parecer muito presunçosa.

— Nell disse que o resto dos convidados desta noite voltarão com Rafe.

— Sim, economiza uma viagem para Jiminy. Estamos lotados para mais um mês.

Jed era o único hóspede na ilha até o barco voltar.

— Ele pediu almoço? — perguntei enquanto caminhávamos em direção às cabanas. — Cabana Um, quero dizer. Eu tenho que perseguir essas inscrições.

— Gabe bateu em sua porta antes, enquanto eu preparava os sanduíches, mas ele não atendeu. Então pensou que o cara poderia estar passeando.

— Procurando por Evie, eu diria — disse.

— Acha que ela vai voltar, Pippa? — perguntou Tam.

— Eu certamente espero que sim. Vai ser difícil conseguir alguém com ética de trabalho e habilidades como as de Evie em um curto espaço de tempo. Rafe sabe cortar a grama, mas o paisagismo está além dele: ele não distingue uma pá de um garfo de jardim. — Eu ri. — E além de me ajudar a organizar o casamento, ele terá que enviar a proposta para este novo livro à editora nas próximas semanas.

Tam mordeu o lábio enquanto olhava para mim.

— Qual é o seu pressentimento sobre Evie?

Parei de andar e olhei para a água. Houve muita atividade náutica hoje, mas nenhum sinal de vela rosa.

— Evie é uma boa pessoa e não acho que simplesmente vá embora. Ela não vai nos deixar em apuros. Logo estará de volta.

— Acha que ela vai ligar e nos avisar? Eu poderia tentar enviar uma mensagem para no Facebook — sugeriu Tam. — Eu realmente não a conhecia muito bem antes de irmos para Hamo para a nossa folga, mas realmente nos demos bem lá e eu vi um lado diferente dela. Ela geralmente é reservada, mas se abriu e nos divertimos. Sabia que ela era cabeleireira?

— Não vou quebrar sua confiança, mas ela já tinha tido alguns problemas antes de a conhecermos na universidade. Ela tomou uma decisão muito difícil e isso teve um grande impacto nela. Quando me contactou para trabalhar aqui, pensei que já tinha se recuperado. — Bati no lábio e franzi o cenho. — E tinha. Eu sei que sim. Foi só o fato de Jed ter aparecido que a deixou abalada.

— Mais do que a derrubou, Pip. Era quase como se alguém tivesse morrido. É difícil descrever o estado em que ela se encontrava. Tudo o que ele disse a ela obviamente foi um grande choque. Deveria tê-la visto.

— Tenho a sensação de que ela estará fora de alcance, mas vou tentar ligar. Vou perguntar a Nell por quanto tempo Jed ficará. Posso avisar Evie quando ele for, e então ela poderá ficar longe até que ele vá embora.

— Tive a sensação de que ela não queria que soubesse que estava em um barco — disse Tam. — Ela mudou o que ia dizer e me pediu para levá-la para casa, não para o barco.

— Eu nem sei se Jed sabia que ela ainda está com o barco do avô.

— Ah, então era do avô dela — disse Tam.

— Sim, isso não é segredo.

— Será que não? Fiquei me perguntando se ela teria mudado o nome para que quem a procurasse não pudesse encontrá-la.

— Você pode estar certa, sabe, e se ele não soubesse que ela morava no barco, teria pensado que ela ainda está na ilha. — Franzi a testa, me perguntando sobre a reação exagerada de Evie. Evie me disse que Jed conversava com ela a cada dois anos e não parecia que estava chateada como desta vez.

Tam assentiu pensativamente.

— Ele provavelmente pensa isso. Pois Gabe disse que o viu indo em direção a Red Wave Wall depois que voltamos. Talvez ele pensasse que havia mais casas ali.

— Talvez.

— Levei para ele uma bandeja de café da manhã e realmente senti pena dele. Parecia muito triste. Você sabe quem ele é, Pip? E por que estaria aqui procurando por Evie?

— Você pode guardar isso para você? Se estiver lidando com Jed, deveria saber, e se Evie voltar, direi a ela que contei a você. — Fiz uma pausa e olhei para as cabanas, mas não havia sinal de vida.

Tam esperou que eu falasse.

— Jed Stephenson é o ex-marido de Evie.

Capítulo Nove



Eva

Dez anos antes

Além de ser um cavalheiro, Jed Stephenson era honesto e verdadeiro. O que se via era o que se recebia. Não havia joguinhos e ele deixou bem claro a Eva, na primeira noite em que ela ficou em sua casa, que estava apaixonado e que tencionava casar-se com ela um dia.

— O quê? — Eva arregalou os olhos quando ele disse isso, entre o jantar assado e o crumble de maçã que preparou em sua cozinha de última geração. Ela deixou cair o garfo no chão, mas, para seu crédito, não cuspiu comida quando ficou de queixo caído.

Sabendo como Jed era sincero, Eva realmente não sabia o que dizer, porque ele era a melhor coisa que já havia acontecido com ela.

Olhando para ele agora, ela fechou a boca. O sorriso dele era aquele sorriso gentil de sempre com o qual estava se acostumando rapidamente.

Fazia apenas cinco dias desde que se conheceram? Parecia que o conhecia há muito mais tempo. Eva estava totalmente confortável com Jed; ele era tão diferente de qualquer um dos garotos locais com quem saiu depois do ensino médio.

— Isso é apenas para sua informação. — Ele ergueu a mão. — Não precisa dizer nada. Eu só queria que soubesse o que eu estava pensando. Não vou apressá-la, Eva. Vamos deixar levar o tempo que for preciso.

— Quanto tempo for preciso? — Eva balançou a cabeça, atordoada. — Nem me conhece.

— Acha que não disse isso a mim mesmo todas as noites desta semana? Isso também é novo para mim. Estou tentando me acostumar com o que sinto. Quando estou com você, me sinto bem.

Eva assentiu lentamente.

— Eu sei exatamente o que está dizendo. Parece certo quando estamos juntos. Como eu disse, me sinto sendo eu mesma. E não me sinto assim com muita frequência.

Seus olhares se encontraram e se mantiveram, e o apetite de Eva desapareceu quando seu estômago deu cambalhotas.

— Então agora já resolvi — perguntou Jed com aquele sorriso lindo.



Eva passava pelo menos duas noites por semana dormindo na casa de Jed, mas ele não a deixava se mudar, embora ela tivesse sugerido que poderiam tentar.

Ele foi inflexível quando ela levantou a questão três meses após o início do relacionamento. Porque era isso que tinham agora: um relacionamento. Eva aceitou.

— Quando você se mudar para nossa casa, será como minha esposa. Nada dessas coisas de convivência casual. — Ele enrolou o cabelo dela no dedo. A franja branca havia crescido e se recusou a deixar Belinda pintar seu cabelo novamente. Ela perguntou a Jed o que ele gostava e sua resposta foi simples. — O cabelo é seu, qualquer um que você escolher vou adorar.

Ela estendeu a mão e fez cócegas nele.

— Ok, listras vermelhas e amarelas então.

— Se isso te faz feliz.

Eva revirou os olhos.

— Você está sem esperança. Não estou acostumada com isso. Sempre tive que fazer o que Reg e Zeke queriam.

— Eles te disseram de que cor pintar o cabelo?

— Não, bobo. Eles me disseram o que fazer nas grandes coisas. Como um trabalho, onde eu morava e por que não pude ir para a universidade. Como eu disse, a última coisa que eu queria era ser cabeleireira.

Jed apoiou a testa na dela.

— Não quero que sinta que estou lhe dizendo o que fazer. Não é uma maneira saudável de ter um relacionamento. Você sempre poderia se casar comigo e ser uma mulher sustentada.

Eva havia pensado muito sobre isso. Sua motivação para ir embora diminuía à medida que conhecia Jed. E com o passar dos meses ela enfrentou um dilema. Por mais que odiasse aquela cidade, sabia que não poderia abandoná-la se isso significasse deixar Jed Stephenson.

Capítulo Dez



Eva

As venezianas da frente da casa de dois andares de Jed batiam enquanto o vento frio do oeste assobiava pela casa. Eva aninhou-se debaixo do cobertor no sofá.

— Você vai ter que sair e pegar mais lenha em breve, sabe — disse ela. A lareira no centro da sala estava fraca, mas o quarto ainda estava quentinho.

— Você acha? — Jed puxou o cobertor para cobrir as pernas.

— Sim, e enquanto está acordado, pensei que poderia colocar a chaleira no fogo e tirar aquele chocolate ao leite do armário. — Eva riu enquanto Jed olhava para ela. — O quê? — perguntou inocentemente.

— Você não se importa com a lenha, atrevida. Só me quer à sua disposição.

— O serviço inclui chocolate? — perguntou com um sorriso atrevido.

Jed empurrou o cobertor para cima deles e estremeceu quando seus pés descalços tocaram os azulejos.

— Vou buscar chocolate para você, se é isso que deseja, minha senhora.

Eva sorriu quando ele saiu para a cozinha.

Era uma tarde fria de domingo, no meio do inverno, e Jed e Evie estavam enrolados debaixo do cobertor assistindo filmes na casa de Jed. Demorou alguns meses para Eva perceber que aquela casa incrível no alto da colina, com vista para a pequena cidade e o rio, na verdade pertencia a Jed. Ele não havia alugado como ela supôs inicialmente; ele a comprou assim que foi nomeado para o quadro administrativo da mina.

— Estou aqui para ficar — disse com um largo sorriso. — Tenho um ótimo trabalho. Adoro morar no campo e conheci uma garota muito doce. — Os olhos dele enrugaram-se daquele jeito que ela adorava, quando a puxou para um beijo.

Com o passar dos meses, ao se apaixonar por Jed, ela também se apaixonou pela casa dele. Muito diferente da casa de fazenda em ruínas onde ela e Zeke cresceram, esta casa era limpa e moderna, e os azulejos brancos e brilhantes em todos os cômodos do andar inferior eram exatamente o que Evie sempre sonhou que um dia teria em sua casa. Assim como sonhou com uma lareira como a enorme e circular da sala de estar dele. Desde os dez anos de idade, seu trabalho era varrer as cinzas das duas lareiras frias da casa da fazenda todas as manhãs, antes da escola. Ela odiava fazer isso naquela época, mas fez

isso por Jed e isso não a incomodava.

Evie aprendeu a odiar o frio – e a sua vida na fazenda – pois o seu padrasto delegou-lhe mais tarefas quando ela entrou na adolescência.

Pique os gravetos, acenda o fogo, alimente os cães da fazenda.

— Eu sou a maldita Cinderela — reclamava com sua mãe no inverno antes de ela ficar doente.

— Linguagem, por favor, Eva. Todos nós temos que fazer a nossa parte — disse a mãe com seu sorriso cansado. Para ser justa, Zeke fazia grande parte do trabalho agrícola depois da escola, enquanto Reg, o padrasto, passava a maior parte do tempo no Royal Hotel. As coisas não melhoraram quando sua mãe morreu, quando Evie assumiu a cozinha e a lavanderia aos quatorze anos.

Ela odiava cozinhar, mas agora estava aprendendo a gostar novamente enquanto preparava as refeições na cozinha de Jed. Nada de economizar e poupar com os cortes baratos de carne e os segundos da lata de frutas e vegetais nos fundos do supermercado. Jed deu a ela acesso à sua conta no IGA local e Eva adorou fazer compras para encher sua despensa.

Aos poucos, também colocou algumas de suas roupas e produtos de higiene pessoal no quarto dele, mas Jed ainda não a deixara se mudar.

Ele voltou da cozinha carregando uma bandeja e o aroma de café acabado de fazer encheu a sala.

— Chocolate conforme solicitado. E café. — Ele colocou a bandeja na mesinha de centro baixa em frente ao sofá.

— Obrigada.

Jed colocou o braço em volta dela, puxou o cobertor e eles se acomodaram para assistir o resto do filme.

O chocolate não durou muito e Eva se aninhou ao lado de Jed. Sua atenção se desviou do filme enquanto pensamentos enchiam sua cabeça. Quando os créditos rolaram, já havia tomado uma decisão.

Pegando o controle remoto, ela apontou para a enorme televisão e desligou-a.

— Jed?

— Sim, meu amor?

— Lembra que há alguns meses você disse que não me deixaria morar, mas que eu sempre poderia me casar com você e ser uma mulher sustentada?

Ele assentiu.

— Lembro.

— Isso foi uma proposta?

Ele recostou-se no sofá e seus olhos estavam fixos nos dela.

— Por que a pergunta?

— Se fosse, a resposta é sim.

O sorriso lento e doce que iluminou seu rosto estava em desacordo com as palavras que se seguiram.

— Bem, se é por isso que você quer saber, não, não foi. Não, definitivamente não foi uma proposta de casamento.

Eva franziu a testa quando ele se levantou e a embalagem de chocolate e o cobertor escorregaram para o chão.

— Apenas fique aí e não se mova. Promete? — Sua voz era firme e havia uma expressão estranha em seu rosto.

Ela assentiu em silêncio, contendo as lágrimas enquanto a decepção a atingia.

Que coisa estúpida de se dizer. Você é uma idiota, Evangelina Asquith.

Jed saiu da sala e seus passos ecoaram nos degraus de madeira enquanto ele subia correndo. Ela olhou em volta em busca de meias de lã e tênis. Era hora de ir para casa.

Não. Eva fez uma pausa e olhou para a tela vazia da televisão enquanto esperava. Ela prometeu que ficaria.

Jed voltou em segundos. Ele estava segurando algo nas costas e estendeu a outra mão e pegou a dela enquanto se ajoelhava ao lado do sofá.

— Agora, minha doce e adorável Evangelina, esta é uma proposta. — Ele tirou a mão de trás das costas e estendeu um lindo anel que brilhava em azul na penumbra. — Você me dará a honra de se tornar minha esposa? — A voz de Jed tremia enquanto sustentava o olhar dela.

A mão de Eva tremia quando a estendeu, e lágrimas escorreram por seu rosto enquanto Jed colocava o anel de safira em sua mão esquerda.

— Sim, Jed, eu adoraria ser sua esposa.

Capítulo Onze



Evie

Domingos de Pentecostes.

Evie estava deitada no convés com os olhos fechados enquanto Kestrel balançava nas ondas suaves. Em seu pânico de fugir de Jed e da ilha, navegara a tarde toda e tolamente deixou o local até depois do anoitecer para ancorar na baía Queen Margrethe, no lado leste da ilha Shaw. Geralmente era um de seus ancoradouros favoritos, mas a beleza da água e a pequena faixa de areia branca da praia estreita brilhando ao luar não faziam nada para aliviar a dor que a atravessava.

Ela estava além das lágrimas. Seu estômago e sua garganta doíam de dor.

Mergulhar na água e não prestar atenção ao perigo de atravessar a baía a nado para chegar ao barco foi motivado pela necessidade de fugir de Jed; longe das emoções que ele despertou dentro dela com aquelas poucas palavras que disse.

Jed tentou falar com ela, mas Evie sabia que se ouvisse o marido e o irmão, ficaria presa para o resto da vida. A única maneira de escapar era partir.

Ver Jed no caminho perto das cabanas a chocou a princípio. Seu pulso acelerou e seus músculos tremeram, prontos para fugir, e a raiva rapidamente se seguiu.

Como ele ousa vir aqui? Ilha Pentecostes, o primeiro lugar em oito anos onde ela sentia que realmente pertencia. Um lugar onde sabia que era valorizada e querida.

Um lugar onde fez amigos e onde sabia que as meninas cuidariam dela.

Jed tentou falar com ela, mas quando ela se virou, ele rapidamente percebeu que não iria ficar para ouvi-lo. Então, disse a ela simplesmente em duas frases breves e cruéis porque estava ali.

A confusão, a tristeza e o desespero a atingiram como um choque físico, e Evie mal conseguia se lembrar de mais nada até subir no barco. Tudo o que ela sabia era que precisava fugir. Afastar-se e processar o que ele lhe disse.

Ela abriu os olhos e observou a luz do mastro balançar.

Ela não voltaria para Bylington.

Nunca.

Não podia.

Quando Evie pensou no que estava em jogo, inclinou-se para frente e a dor

no fundo da garganta tornou-se insuportável e finalmente começou a chorar.

Ela teria que voltar. Ou para onde quer que Jed a levasse; ela não lhe deu tempo para entrar em detalhes. Não seria Bylington, não havia hospital lá.

Sentando-se, olhou para a ilha a oeste. Não havia outros barcos na baía nem luzes na ilha. Ela estava completamente sozinha, apenas com sua dor para lhe fazer companhia.



Evie dormia no convés; sentia-se menos confinada ali. O sono veio intermitentemente — ela adormeceu, pensou no que Jed havia dito, e então acordou com um solavanco e mais lágrimas vieram.

As primeiras lembranças eram doces, e ela ficou ali deitada e deixou os momentos felizes tomarem conta dela enquanto desistia de tentar dormir. As notícias dele, de casa — contadas a ela sem suavização e com a exigência de que ela voltasse para casa, para o passado deles de volta com força total.

Às vezes, quando tentava descobrir o que havia de errado em sua vida, Evie culpava a tia. Se Gloria não tivesse decidido fechar o salão, talvez Evie tivesse ficado lá, e ela e Belinda poderiam ter conseguido, e isso teria lhe dado algo para preencher seus dias.

Mas não foram as circunstâncias que a levaram a tomar a decisão que mudaria a sua vida.

Em seu coração sabia que isso não era verdade. Depois de deixar Jed e Bylington, ela teve tempo para pensar em como terminou daquele jeito.

As palavras sombrias e odiosas que ela e Zeke trocaram no dia em que disse ao irmão que estava deixando Jed e Bylington ficaram impressas em sua alma.

— Se você for, Eva, nunca mais falarei com você. Cristo, mulher, ele te ama. Como pode ser tão cruel? Você estará morta para mim, assim como mamãe.

Ela foi embora e Zeke nunca mais falou com ela.

Capítulo Doze



Eva

Oito anos atrás

Circunstâncias e emoções intensas levaram a decisões erradas. E Eva tomou muitas delas naqueles poucos meses. O pobre Jed tentou o seu melhor. Pois teria lhe dado qualquer coisa que lhe pedisse.

Eles nunca deveriam ter se casado; ela deveria ter seguido seu plano original e deixado a cidade.

Tia Gloria ficou muito feliz quando Eva e Jed contaram à família que iriam se casar. E então deu os parabéns com: “Bom. Agora posso fechar o salão”.

Até Reg abriu um meio sorriso. Provavelmente porque não precisava mais ser responsável por mim, pensou Eva.

— Não posso pagar por nenhum casamento relâmpago — Foi a primeira coisa que ele disse. Não, “Estou tão feliz por você” ou “parabéns” ou “bem-vindo à família, Jed”. A angústia habitual de Reg tirou o brilho do feliz anúncio.

— Não vai custar um centavo, Reg. Vamos ter um casamento tranquilo no cartório, não é, Jed? — Evie passou o braço pelo de Jed, mas ele olhou para ela, surpreso.

— É isso que quer? Achei que toda garota sonhava com um casamento de branco.

— Eva não é qualquer garota — Reg interrompeu maldosamente.

Até Zeke pareceu surpreso com aquele comentário baixo, mas, como sempre, deixou passar. Zeke sempre soube de que lado estava o pão com manteiga. Sua mãe havia deixado a fazenda para o segundo marido e Reg aproveitou ao máximo.

Apesar de sua família não estar presente – ou talvez porque não estivesse – o dia do casamento deles foi lindo. Ela e Jed escolheram uma data, Belinda os encontrou lá, e um dos amigos de Jed de Brisbane veio de avião para ser seu padrinho.

— É um esforço enorme para apenas um dia — disse Eva quando Jed lhe contou que Boyd viria testemunhar o casamento.

— Isso é o que os amigos fazem — disse ele. — Tem certeza de que não quer ter um grande casamento e ter todos os seus amigos lá? E sua família? Faça disso uma celebração. Sei que não quer incomodar seu padrasto, mas posso pagar por um casamento de verdade.

— Será um casamento de verdade. — Eva balançou a cabeça e suas palavras foram enfáticas. — Não tenho muitos amigos e Reg não está interessado. É o nosso dia e Belinda está feliz por ser a outra testemunha.

— E Zeke? — perguntou Jed.

— Não. Quero que seja o *nosso* dia. — Eva havia dito. Ela sabia que Jed voaria até a lua e voltaria se ela pedisse. Ela não queria Zeke ou seu pai lá. Queria que o dia fosse deles, e somente deles, sem críticas ou palavras duras para estragá-lo.

E foi um dia maravilhoso.

Foi uma lembrança que Eva guardou em seu coração e retirou dela anos mais tarde, quando a vida era solitária. Jed estava lindo em seu terno escuro, e ela usava um vestido branco curto e justo e um chapéu grande. Belinda havia arrumado o cabelo e a maquiagem, e elas encontraram Jed e Boyd no cartório em Dubbo.

Quando Jed olhou para Eva enquanto esperavam para serem chamados, a expressão em seus olhos transformou suas entranhas em uma gelatina quente e mole.

Quando o celebrante pronunciou as palavras e eles repetiram os votos, Eva ficou cheia de felicidade.

Para a vida.

Jed se inclinou e sua respiração sussurrou em sua bochecha enquanto seus lábios deslizavam para mais perto dos dela.

— Eu te amo.

Os cinco minutos seguintes foram confusos para Eva enquanto o celebrante falava e ela e Jed respondiam, então a papelada necessária foi assinada e a certidão de casamento entregue.

— Não se esqueça de beijar sua esposa, companheiro — disse Boyd, rindo.

— De novo.

A felicidade de Eva floresceu quando os braços de Jed a envolveram e seus lábios firmes pressionaram os dela. Uma onda de calor aqueceu sua pele onde a mão dele pressionou suas costas. Ela olhou para seus lindos olhos azuis e um arrepio percorreu suas costas.

Eva sabia que nunca tinha estado tão feliz como naquele momento. Pela primeira vez em sua vida, alguém a amava o suficiente para querer estar com ela, não apenas agora, mas para estar com ela para o resto da vida.

— Eu te amo, Jed — disse, sem fôlego, quando ele finalmente levantou a cabeça.

Belinda e Boyd riram quando ele a beijou pela terceira vez e a sensação dos lábios de Jed pressionando suavemente contra os dela causou um frio na barriga de Eva. Ela pressionou a mão contra o peito dele e puxou a cabeça para trás para manter o olhar dele no dela.

— Eu te amo muito.

— Estamos prontos para ir ao pub agora? — Boyd perguntou. — Ou você vai beijar sua esposa a tarde toda?



A tarde foi repleta de risadas enquanto celebravam o casamento. A certa altura, o telefone de Eva tocou e seus olhos se encheram de lágrimas de felicidade quando leu a mensagem.

Espero que você tenha tido um bom casamento, mana. xx

Por mais que parecesse estranho para Jed, Zeke entendeu por que Eva não os queria ali.

Jed olhou para ela e balançou a cabeça.

— Mas ele é seu irmão.

— Não somos uma família normal, Jed. Está tudo bem. E sua família não está aqui, então é justo.

Ele encolheu os ombros e não levantou o assunto novamente.

Começar de novo com Jed foi uma chance para Eva ser feliz e seguir em frente com a vida que odiava. Não havia mais necessidade de escapar; pois encontrara sua fuga em Jed. Não foi a cidade que causou sua infelicidade; tinha sido sua solidão.

— Oh, Eva, ele é tão lindo — Binny sussurrou em seu ouvido quando Jed e Boyd estavam no bar pedindo suas bebidas. — E estou tão, tão feliz que você não vai sair da cidade.

Uma minúscula pontada de arrependimento surgiu e Eva a afastou.

— Também estou feliz — disse. — Só sinto muito que Gloria tenha fechado o salão e que você não tenha emprego agora.

— É tudo de bom. Estou montando em casa. Papai está construindo um quarto nos fundos da garagem. Ainda vou conseguir todos os clientes. Você pode vir e ajudar se eu ficar muito ocupada.

Eva balançou a cabeça.

— Sem chance. Uma vida totalmente nova espera por mim.

O que ela não esperava era que, apesar de amar Jed, sua nova vida não era a fuga que imaginava.



Naquela noite, deitada sozinha no convés de seu barco, Evie não se permitiria pensar em como se sentiria ao ver Jed Stephenson novamente. Mesmo que não o tivesse visto desde a última vez que ele a localizou, há dois anos, sua reação a ele era sempre a mesma.

As rugas ao lado dos olhos e da boca se aprofundaram nos últimos dois anos, mas Evie se recusava a se deixar influenciar por isso. Jed nunca quis o divórcio e ela disse a si mesma que isso não importava. Ela sabia que não passaria a vida com ele, e se estava feliz em bancar o mártir, então isso era problema dele.

O problema dela era que ainda o amava, e sabia que sempre o amaria.

Capítulo Treze



Pippa

Desliguei o telefone e balancei a cabeça.

— Evie está desligada ou está fora de alcance — disse às meninas. — Ela vai ficar bem. E vai voltar.

Espero.

Tínhamos combinado de tomar nossos drinks regulares para meninas ao pôr do sol esta tarde, antes que o drama do dia ocorresse. Eliza veio do iate de Phillipe para terra firme e Phillipe subiu para conversar com Rafe. Sienna e Nell saíram de casa com Tam.

Sem entrar em detalhes, contei-lhes brevemente que Evie estava chateada com alguma coisa e que tinha saído para velejar. Eu sabia que podia confiar que Tam não diria nada.

Olhei para a Passagem e me perguntei para onde Evie teria fugido. O céu estava roxo com uma tempestade ameaçando o continente, e uma nuvem irregular vindo em nossa direção prometia chuva e vento mais tarde.

Rafe sugeriu que saíssemos para procurá-la, mas eu discordei.

— Existem setenta e quatro ilhas lá fora, com inúmeras baías e enseadas, e você poderia procurar por dias sem sucesso. — Lembrei-lhe. — E se não quiser ser encontrado, também há todos os ancoradouros para ciclones nas profundezas dos manguezais.

Afastei Evie dos meus pensamentos. Por mais que eu me preocupasse, ela era uma adulta que podia fazer suas próprias escolhas. Uma coisa que eu ia fazer era ver Jed Stephenson mais tarde e sugerir-lhe que não valia a pena ficar.

Evie me disse que, a cada dois anos, Jed a procurava, verificava se estava bem e tentava reanimar o casamento. Isso me surpreendeu; já se passaram oito anos desde que se separaram.

Dei pontos a Jed pela persistência. Ele devia realmente amá-la. E era uma situação estranha porque eu sabia que ela se importava com ele.

— Não posso ficar muito tempo, meninas. — Tam ergueu o copo enquanto Nell estalava a garrafa de espumante. — Recebi três pedidos de jantar esta noite.

Nell assentiu.

— Eles também fizeram o pedido com antecedência. Cada um dos hóspedes das cabanas solicitou a opção de três refeições diárias para a

próxima semana.

— Excelente — eu disse. — Ah, e Tam, enquanto penso nisso, liguei para Cherry Chilcott hoje.

— E? — Tam ergueu as sobrancelhas. — Espero que tenha dito sim.

— Ela está interessada, mas só pode trabalhar meio período no primeiro mês. Isso combina com você ou prefere anunciar no jornal?

Tam pensou por um momento.

— Tudo bem, desde que trabalhe em tempo integral pelo menos uma ou duas semanas antes do casamento. Ela trabalha bem e tem muita experiência como ajudante de cozinha, tanto em Hamo quanto em Sydney. Se você conseguir financiamento, eu até ofereceria a ela um estágio.

— Contanto que ela esteja preparada para se comprometer. Queremos manter uma equipe estável.

A risada de Sienna encheu o ar da noite e olhei para ela. Como sempre, estava imaculadamente arrumada com calças de seda e blusa solta e esvoaçante, e seu cabelo estava em um corte perfeito. Nell e eu estávamos usando shorts e camiseta do resort, e Tam com seu uniforme de chef. Eliza estava com um vestido de praia e prendeu o cabelo em um rabo de cavalo elegante, mas Sienna sempre parecia ter saído das páginas de uma revista de moda.

Ela estendeu as mãos graciosamente e gesticulou ao redor.

— Qualquer um que venha aqui, cai no feitiço desta ilha. Eu sei que nunca quero ir embora.

— Nunca? — Eliza disse curiosamente. — Achei que queria viajar pelo mundo.

Sienna balançou a cabeça.

— Assim que o day spa estiver construído e funcionando, este será o meu mundo. — Ela se virou para mim com um sorriso. — Pippa, adoro isto aqui e farei o meu melhor para tornar o spa um estabelecimento exclusivo que trará para você hóspedes de todo o mundo.

— Gosto do seu estilo, Sienna — falei enquanto pegava o copo que Nell me entregou. — Você já pensou em um nome para o spa? Se sim, posso começar a fazer algum material publicitário. Dei uma olhada nos tratamentos que listou e vou marcar a primeira consulta.

— Não, mas estou aberta a sugestões. E Pippa, os planos parecem fantásticos. Adoro a ideia de uma cabana aberta com vista para a água. Vai ser tão relaxante! A maquete que o designer fez é exatamente o que eu imaginei.

— Que tal algo clássico, mas com tema praiano? — disse Nell.

— Isso é o que eu estava pensando, mas toda vez que penso em um nome e procuro, já existe um spa com esse nome — disse Sienna. — Imagino um look tipo deusa grega com um daqueles lindos vestidos brancos drapeados. — Ela olhou em direção às cabanas quando alguém entrou no caminho. — Ooh, esse é o homem mais bonito que já vi na ilha. É uma pena que todos os convidados aqui sejam casais.

Tam e eu nos entreolhamos, mas nenhum de nós mencionou que Jed não fazia parte de um casal. Coloquei meu copo na pedra.

— Continuem pensando em nomes para o spa de Sienna, garotas. Só preciso dar uma palavrinha rápida com um de nossos convidados. Voltarei daqui a pouco.

Eu podia ouvi-las rindo atrás de mim enquanto nomes eram sugeridos. Eu esperava que isso não se transformasse em uma discussão como a que tivemos quando estávamos nomeando o Turtle Bar. Mas estávamos todas muito estressadas naquela época, e as risadas que me seguiram pela praia me tranquilizaram.

— Pamper Palace — Nell disse com uma risadinha enquanto eu me afastava.

— Paraíso no Pentecostes — Eliza acrescentou. — Ou Ilha Mágica.

— Eu estava pensando em Hebe — disse Sienna. — Ela é a deusa grega da juventude e da beleza.

— He Be? — Tam riu. — Não, que tal She Be?

— Não, é um day spa para todos — retrucou Sienna. — Recebi muitos caras para fazer tratamentos faciais e de pele na Suíça.

Sorri e continuei andando, deixando-as sozinhas.

— Jed — gritei quando estava quase no caminho. — Posso dar uma palavrinha rápida com você?

Ele se virou e ficou esperando que eu o alcançasse, com uma expressão curiosa, provavelmente se perguntando como eu sabia seu nome. Ele não precisava saber que eu tinha visto a foto no barco de Evie, então o reconheci imediatamente.

A foto do casamento deles.

Fiquei surpresa ao vê-la ali, mas Evie explicou que guardou a foto para lembrá-la do quanto gostava de sua vida solitária. Sua desculpa nunca soou verdadeira para mim. Eu era a única na ilha que sabia do passado dela, e Evie falava muito sobre Jed quando estávamos sozinhas.

Ela estava se enganando se pensava que ele não era importante para ela. Acho que ela nunca o deixaria ir. É por isso que fiquei curiosa para saber o que a aborreceu tanto. Não fazia sentido.

— Oi — disse, estendendo a mão. — Sou Pippa Carmichael, uma das proprietárias do resort. Presumi que você fosse Jed Stephenson porque saiu do Serenity.

— Serenity? — Ele franziu a testa.

— Desculpe, quero dizer, Cabana Um. Demos nomes às três cabanas, mas estamos aguardando a chegada dos sinais.

— Sim, sou Jed. — Ele pegou minha mão e apertou-a. — Olá.

Mesmo que esse homem tenha causado muita dor a Evie, eu senti um pouco de pena dele. Parecia muito cansado e as sombras sob seus olhos eram escuras e profundas. Ele levantou um pouco a cabeça e seus olhos se estreitaram enquanto olhava para mim.

— Espere aí, você é a Pippa Carmichael que Eva era amiga na universidade?

— Sou. — Esperei para ver qual seria a reação dele e fiquei surpresa quando seus ombros caíram.

— E provavelmente está se perguntando o que estou fazendo aqui.

— O pensamento passou pela minha cabeça. Não parece ser férias.

— Não. — Sua voz estava calma. — Certamente não é. Você sabe onde Eva está?

Coloquei minha mão em seu braço.

— Escute, que tal você vir até minha casa e tomarmos um café? Não há ninguém lá. Gostaria de conversar um pouco com você.

Ele assentiu e me seguiu pelo caminho que levava à velha casa. Rafe e Phillippe estavam na casa de Rafe, na colina, e com as meninas na praia, teríamos mais privacidade na velha casa. Eu sabia que Tam teria deixado a máquina de café ligada, mas enquanto seguíamos pelo caminho, percebi que horas eram e parei de andar.

— Na verdade, é tarde. Vamos ao bar tomar uma bebida.

— Uma bebida seria bom.

Mudei de direção e fomos até o Turtle Bar.

— Cerveja? Vinho? Bebidas alcoólicas? — ofereci quando entramos e aponte para uma mesa perto do bar.

— Uma cerveja, obrigado. Coloque na minha conta.

Acenei com a mão.

— Não, considere isso como uma recepção à ilha.

— Obrigado. — Ele ficou sentado em silêncio enquanto eu servia uma cerveja e depois uma taça de vinho para mim.

Sentei-me em frente a Jed e levantei meu copo.

— Bem-vindo à Ilha de Pentecostes.

Ele bateu seu copo no meu.

— Obrigado.

O silêncio foi pesado enquanto nós dois bebíamos, mas Jed acabou quebrando-o.

— Me desculpe por ter chateado Eva. Houve uma espécie de cena.

Eu balancei a cabeça e não disse nada.

— Eu realmente preciso falar com ela. Andei por toda a ilha e subi as colinas, mas não a vi. Bati na porta da casa, mas não tinha ninguém.

— Não, Nell costuma cuidar do escritório e está na praia com as meninas.

— E Eva... Evie?

— Evie deixou a ilha, infelizmente.

Jed endireitou-se e um pouco de sua cerveja caiu na mesa, mas não pareceu notar.

— Mas eu estava observando o cais. Ela não entrou no barco quando ele deixou aquelas pessoas antes. Eu estava observando da colina atrás das cabanas.

— Não — respondi lentamente, pensando no que dizer, mas então percebi que não era segredo e, de qualquer forma, não sabia exatamente onde Evie estava. — Ela partiu em seu barco.

— Merda. Eu tinha esquecido do barco dela. Como diabos eu poderia ter esquecido? — Jed disse meio para si mesmo. Ele estendeu a mão e esfregou a testa. — Mas ela trabalha aqui, não é? Achei que ela morava na ilha. Ela vai voltar ou eu a assustei?

Ele parecia tão desamparado que meu coração se compadeceu com ele.

— Jed, vou ser honesta com você. Eu sei sobre seu passado com Evie... ou Eva... como você a chama. Lamento saber que a aborreceu, porque, e mais uma vez, serei honesta, sei que ela se preocupa com você. Sou a única daqui que sabe que foram casados, e ela às vezes fala comigo sobre você. Não há má vontade.

— Eu sei que não há. — A tristeza em sua voz era de partir o coração. Ele levantou a cabeça e seus olhos estavam nublados. — Vim vê-la por causa de outra coisa e é por isso que ela ficou tão chateada. Foi um choque para ela. Preciso que ela volte para casa comigo.

— Acho que isso depende de Evie — eu disse.

— Quanto tempo acha que vai demorar até que ela volte? — Jed perguntou. — Reservei a cabana por uma semana porque conheço Evie... ou Eva. Sei que vai ser preciso um pouco de persuasão para levá-la para casa, mas sei que vai concordar no final. Ela fará a coisa certa.

— Você parece muito confiante. — Eu fiz uma careta. — Ela pode ficar fora por uma semana ou mais.

— Você tem o número do celular dela? Ou pode entrar em contato com o barco dela por rádio?

— Você a conhece bem o suficiente, eu acho. Se ela não quiser falar com ninguém, não poderemos contatá-la. Mas tenho certeza de que voltará em breve. Meu parceiro e eu vamos nos casar em seis semanas e sei que ela voltará porque é responsável por nosso terreno. Evie não vai nos decepcionar.

— Precisamos dela em Brisbane agora. Ela não poderá ficar aqui por seis semanas.

Eu tinha ouvido falar muito sobre Jed ao longo dos anos, mas nenhuma vez Evie disse que ele era egoísta ou exigente.

— Realmente?

Capítulo Quatorze



Eva

Oito anos antes

— Jed?

O marido de Eva, há onze meses, estava sentado à mesa da sala de jantar, com o laptop aberto à sua frente e planilhas de agendamento espalhadas sobre esta. Era a única parte da casa de dois andares que não era perfeita; graças ao serviço de limpeza, o piso de cerâmica brilhava, a cozinha estava limpa, a roupa lavada e dobrada, e as camisas de negócios de Jed foram passadas a ferro para as duas semanas seguintes.

— Sim, querida — disse distraidamente, sem tirar os olhos da tela. Mas estendeu a mão e pegou sua mão quando ela caminhou para ficar atrás dele. Ele parecia cansado, seus óculos estavam empurrados para trás acima da testa e seu cabelo estava em pé.

Eva alisou o cabelo dele com a mão livre.

— Eu estive pensando.

— Uma ocupação perigosa — disse com um sorriso.

— Você vai falar sério? — perguntou secamente. — Por favor? — A última palavra continha uma nota de desculpas.

Jed estava sempre feliz e pronto para acomodar qualquer coisa que Eva quisesse. Embora fosse o oposto da casa que ela havia deixado, onde ficava à disposição do padrasto e do irmão, às vezes achava difícil lidar com a disposição constante e equilibrada de Jed.

Um mês depois do casamento, ele foi promovido na mina e, para sua consternação, a nova posição significava um tempo longe de casa. Nos últimos meses, esteve ausente pelo menos duas ou três noites por semana. Uma coisa que ela não percebeu antes de se casarem era o foco dele na carreira e sua intensa determinação e motivação para chegar ao topo.

Desde sua promoção, a maioria das noites em que ele estava em casa com Eva eram passadas no trabalho. No início, trabalhava em seu escritório, mas com sua habitual empatia, Jed percebeu que ela estava sozinha, e agora trabalhava à mesa da sala de jantar adjacente à cozinha.

Agora Eva andava de um lado para o outro na casa; havia pouco para fazer, pois Jed tinha insistido em manter o serviço de limpeza e mantinha uma mulher local que tinha contratado para lavar e passar a roupa. Eva cozinhava e preparava tantas refeições com antecedência que os dois frigoríficos estavam

cheios.

Sua vida agitada no salão de Gloria terminou repentinamente quando as portas foram fechadas, na semana anterior ao casamento, e Zeke deu algumas dicas sobre ela ajudar na fazenda.

Você só poderia ler alguns livros em uma semana e manter os jardins sem ervas daninhas, ela pensou consigo mesma, antes de ter sua ideia. Nos últimos três meses, teve prazer em criar um jardim de permacultura ao redor da casa e Jed disse a ela como estava bonito, mesmo com a seca.

— Então, o que está pensando, amor?

— Eu... hum... Estou um pouco nervosa.

Jed franziu a testa e tirou os óculos antes de deslizar a cadeira para trás. Ele a puxou para seu colo e colocou os braços em volta dela.

— Por favor, não fique assim. Quero que saiba que pode me dizer qualquer coisa. Temos que ser honestos um com o outro sobre tudo, Eva.

Ela assentiu e mordeu o lábio.

— Eu fiz algo que te chateou? — perguntou, puxando-a para mais perto. — Está incomodada por eu estar ausente?

— Não. Bem, talvez um pouco, mas não é sobre isso que quero falar com você. Eu só quero te perguntar uma coisa. Algo que realmente quero fazer.

— O que você quiser. Basta perguntar. Comprarei tudo o que seu coração desejar. — Ele se recostou e arregalou os olhos antes de sorrir para ela. — A menos que seja algo que o dinheiro não vai comprar? Você quer ter um filho?

Eva fez uma careta.

— Deus não. Tenho apenas vinte anos.

— Bom. Não estou pronto para crianças. Ainda. Quero que tenhamos algum tempo para nós mesmos antes de começarmos uma família.

— Sim. Concordo.

— Então? — Ele inclinou a cabeça para o lado. — O que quer me perguntar?

— Não é algo que eu queira ter. É algo que quero fazer.

Jed gentilmente segurou seu queixo e olhou para ela.

— Eva, eu não sou o responsável aqui. Temos uma parceria. Se quer fazer algo, não precisa pedir minha permissão.

Seus olhos arderam de lágrimas.

— Acho que estou acostumada a ter que pedir permissão para tudo que quero.

— Bem, não mais. Se você está feliz, então estou feliz. Agora me diga o que quer, amor.

Ela engoliu em seco, ainda nervosa, por mais solidário que Jed fosse.

— Bem, você sabe que ficou bastante ausente desde que conseguiu a promoção, né?

Ele assentiu.

— E sabe o quanto estou gostando do jardim, certo?

— Eu sei. E está fazendo um trabalho incrível. — Jed afastou o cabelo dos

olhos.

Ela continuou rapidamente.

— Tenho procurado cursos e há um em Brisbane que eu adoraria fazer.

— Vá em frente. Podemos permitir que você voe e fique lá. Quanto tempo dura?

— Bem, o problema está aí.

— O problema?

— É um curso de graduação. Eu teria que subir e ficar lá durante o período letivo. — Eva sentiu Jed tenso, mas sua expressão ainda continha um sorriso.

— Se é isso que realmente quer, podemos resolver. — Ele deixou cair o queixo no topo da cabeça dela. — Eu sei o quão solitária tem estado nos últimos meses comigo longe, Eva. E não reclamou nenhuma vez. Não é sua única função na vida me fazer feliz. Quero que seja feliz também.

O alívio a percorreu.

— Realmente? Não se importa se eu for estudar?

— Sentirei sua falta, mas é claro que vou conseguir. Posso ir vê-la e você pode voltar para casa em alguns fins de semana. E a universidade só vai de março a outubro, então não é como se fosse ficar fora por três anos inteiros.

Eva estendeu a mão e colocou os braços em volta do pescoço de Jed.

— Nunca saberá, nem um milhão de anos, o quanto eu te amo.

Capítulo Quinze



Evie

Os Domingos de Pentecostes

Eles não tiveram um milhão de anos para Jed saber disso. Antes que outro ano se passasse, Eva havia deixado Bylington... e seu casamento. As circunstâncias mudaram para ambos, e a resposta emocional de Eva a essas circunstâncias reforçou a sua necessidade de escapar.

Circunstâncias. Emoções. Decisões.

Jed tinha ido para os Estados Unidos para um curso de três meses sobre máquinas de minas durante o segundo semestre de Eva na universidade e o avô apareceu em Brisbane em seu barco uma semana depois que se despediu de Jed no aeroporto.

Jed a abraçou e ela enterrou o rosto em seu ombro.

— Vou sentir muito a sua falta, Eva.

— Tenha cuidado aí — disse, olhando para a camisa dele. — Não saia à noite e tenha cuidado ao dirigir nessas rodovias. Vou me preocupar com você a cada minuto que estiver fora.

— Terei. E tenha cuidado também. Estude muito e o tempo voará. Telefonarei todas as noites assim que descobrir a diferença horária.

Mas Jed estava ocupado e as ligações não eram tão frequentes quanto planejava. Eles pareciam ter se distanciado desde que Eva começou seu curso.

Ou desde que ele aceitou a promoção, ela pensou.

As circunstâncias mudaram ainda mais quando o avô navegou para Moreton Bay.



No final da tarde seguinte, Evie baixou a vela grande enquanto Kestrel se aproximava da baía frontal na Ilha de Pentecostes. O sol pairava sobre o continente e o céu estava iluminado com a habitual magnificência noturna. Listras roxas irregulares contornavam as nuvens laranjas queimadas a oeste, e o vento diminuiu quando a noite caiu. Um grupo de aves marinhas a seguiu desde a Ilha Shaw, e Evie ergueu a mão e despediu-se delas enquanto seguiam para o leste quando ela virou o barco para a baía.

Ela havia tomado uma decisão na noite passada; fugir não era o curso de ação correto. Já fizera isso uma vez e veja como acabou.

Sozinha... e solitária.

Até que ela veio para esta ilha.

Evie não estava interessada em ir para o sul com Jed, mas se pudesse fazer a diferença, ela *iria*. Se não fosse tão importante, Jed não teria vindo.

O terreno precisava ser preparado para o casamento de Pippa e Rafe e ela estava determinada a torná-lo perfeito. Não era uma boa hora para ir embora, mas Evie sabia que iria com Jed. Não tinha escolha.

Evie sabia que devia a Pippa; ela tinha sido uma amiga íntima durante os seis meses em que permanecera no curso universitário, e Pippa passou muitas noites ouvindo suas declarações enquanto Evie ponderava sobre seu futuro.

— Eu amo Jed — disse uma noite, enquanto estavam sentadas na varanda dos fundos do antigo Queenslander que Pippa dividia com Tamsin e Nell naquela época de faculdade. Tam e Nell trabalhavam meio período à noite e Evie não as conhecia muito bem. — Mas a ideia de voltar para Bylington, para a casa e para a minha vida lá me deixa fisicamente doente.

— Você contou ao Jed como se sente? A parte da sensação de enjoo, quero dizer? — Pippa recostou-se no sofá velho e surrado e seu olhar estava fixo em Evie.

Ela balançou a cabeça.

— Como você pode dizer à pessoa que ama que a ideia de estar com ela te deixa enjoada? Não é Jed, Pip. É o lugar.

— O que há de tão ruim no “lugar”?

Evie olhou para baixo da colina enquanto tentava encontrar as palavras certas. Um grande pátio esportivo ficava no final da rua e alguns times jogavam futebol sob as luzes brilhantes.

— Todas as coisas ruins que já aconteceram comigo aconteceram naquela cidade. Meu pai morreu em um acidente na fazenda quando eu era bebê. Eu nem me lembro dele. Mamãe se casou com meu padrasto quando eu tinha sete anos e sei o quanto estava infeliz com Reg. Depois ela morreu e eu tive que cozinhar, limpar e cuidar dele e do meu irmão. Depois consegui um estágio de cabeleireira e odiei isso. A cidade é um lugar horrível. Sempre guardei lembranças ruins para mim e me sinto presa. Então Jed apareceu e perdi de vista as coisas ruins por um tempo. Eu nunca deveria ter me casado com ele.

— Mas você o ama?

— Sim, e a ideia de deixá-lo infeliz também me faz sentir mal.

— Jed se mudaria?

— Ele teria feito isso. — Evie balançou a cabeça. — Mas eu não lhe pediria. Sua carreira é importante e ele quer chegar ao topo. Se eu lhe pedisse para se mudar, sei que o faria, num piscar de olhos, mas eventualmente ele ficaria ressentido comigo.

— Parece-me que já tomou uma decisão, Evie. — A voz de Pippa estava triste. Para seu crédito, não endossou nem criticou a decisão de Evie, mas ouviu com simpatia. — Se precisar conversar, estarei sempre aqui para ajudá-la.

E Pippa estava, e quando se encontraram na Ilha Hamilton, oito anos

depois, e Pippa ofereceu a Evie o emprego na Ilha Pentecostes, ela ficou satisfeita.

Então agora retribuiria a Pippa por sua amizade e faria a coisa certa pelo irmão. Ela faria as duas coisas, não importa o que custasse. Ou quão difícil seria.

Zeke era seu único parente vivo. Não importava o que tivesse dito a ela no dia em que deixou Bylington — e Jed — e não importava que não tivesse visto ou falado com seu irmão durante quase oito anos, Zeke era seu irmão e se ela pudesse ajudá-lo, o faria.

Evie suspirou quando o motor deu partida e ela girou o volante para bombordo. Ela e Zeke tiveram um relacionamento difícil na adolescência. Quando sua mãe morreu, ele passou por uma fase selvagem; embora tivesse apenas dezesseis anos, ele saía para beber quase todas as noites, e o pior de tudo era que o padrasto não via nada de errado nisso.

— Não faz mal ao menino tomar alguns drinques. Ele trabalha duro, é quase um homem — Reg gritou uma noite, quando ela tentou impedir Zeke de ir à cidade com o único motivo de ficar bêbado.

Evie nunca se sentiu intimidada por Reg.

— Ele é menor de idade e, como você acabou de dizer, é um menino — gritou de volta.

Ela levava um tapa nas costas por isso, mas seu padrasto era um homem astuto; ninguém nunca o viu bater nela. O mesmo que sua mãe; os hematomas que ela teve foram todos explicados como falta de jeito.

Mas se ficar bêbado era a maneira de Zeke lidar com a situação, a de Evie era entrar em si mesma e bloquear o mundo ao seu redor. Às vezes conseguia até fingir que sua mãe estava na fazenda esperando que ela voltasse do ensino médio.

Mas a mãe não estava. Ela estava no cemitério do outro lado da cidade, e nem todo fingimento do mundo poderia melhorar as coisas.

Zeke entendeu Evie — e sua necessidade de ficar sozinha. Entendeu por que ela se fechou, assim como por que ela queria um casamento tranquilo. Ele parou de beber quando começou a trabalhar na mina. Zeke e Jed tornaram-se bons amigos e Evie sabia que ele via Jed como um modelo positivo.

A única coisa que ele não conseguia entender era porque Evie teve que ir embora.

Quando Evie e Jed se casaram, Zeke e Sam vinham jantar uma vez por mês e, embora ela não tivesse nada em comum com a nova esposa de Zeke, fez um esforço.

Houve uma paz frágil entre os irmãos, até o dia em que Eva disse a Zeke que estava indo embora.



Passaram-se apenas alguns minutos antes que colocasse Kestrel no canal. Evie fez uma careta. Mudar o nome do barco obviamente não funcionou; Jed

a encontrara novamente.

Mas desta vez conseguia entender o porquê. Conhecendo Jed, ele teria procurado até os confins da terra até encontrá-la.

Respirando fundo, se concentrou em seu barco e, enquanto o conduzia para o canal entre as cabeças de coral, um pequeno comitê de boas-vindas se reuniu no cais.

Pippa e Tamsin estavam na beira da praia, perto dos degraus que levavam à casa de Rafe. Não havia sinal de Jed, mas Evie não tinha dúvidas de que ainda estaria na ilha. Ele teria conquistado a todos com seu charme natural e esperaria ali até que ela voltasse.

Na verdade, era um bom homem; e simplesmente não tinha sido boa o suficiente para ele.

Pippa estava esperando Evie jogar a corda. Ela a pegou habilmente e prendeu Kestrel aos postes de amarração do cais.

Evie passou as mãos pelos cabelos e respirou fundo enquanto subia para uma recepção que não esperava.

Os olhos de Tam brilhavam e suas mãos estavam nos quadris.

— Nunca mais faça isso comigo, Evie!

Evie tinha esquecido que ouviu Tam correndo atrás dela, mas estava concentrada em chegar ao barco.

Ela sustentou o olhar de Tam com firmeza.

— Desculpe. Não pensei no perigo de atravessar a baía a nado. Eu ouvi você me chamando, mas...

Tam estendeu a mão e a abraçou.

— Achei que tivesse sido levada por um tubarão.

— Bem, eu não fui. Mas prometo que não farei isso de novo. Eu só estava tentando fugir. — Ela olhou para Pippa e depois para as cabanas. — Jed ainda está aqui?

Pippa estendeu a mão e a abraçou também.

— Bem-vinda à casa. E sim, ele está. Tudo bem?

Eva assentiu.

— Sim, eu sabia que estaria. Falarei com ele mais tarde. Onde ele está?

— Acho que estava indo para o bar. Ele pediu que o jantar fosse entregue lá — disse Tam.

— Mais alguém pediu para comer ali?

— As outras duas cabanas estão ocupadas. Então, é apenas Jed.

Eve engoliu em seco.

— Quanto tempo até que a refeição dele esteja pronta?

— Mais uma hora — disse Tam.

— OK. Se estiver tudo bem para você, levarei a bandeja até o bar e falarei com ele então. — Evie não perdeu o olhar satisfeito que Tam e Pippa trocaram. — Jed lhe contou exatamente por que ele estava aqui? — perguntou.

Pippa balançou a cabeça.

— Não.

— OK. Ótimo. — Evie manteve a voz firme. Se ela pensasse no que estava por vir, deixaria o estresse tomar conta e não faria isso de novo. Não na frente das meninas ou na frente de Jed. — Vou voltar para casa tomar um banho e encontro você na cozinha daqui a pouco. Ok, Tam?

— Tudo bem. — Tam a abraçou brevemente antes de ela sair do cais. — Tome cuidado, amiga. Todos nós a protegemos, você sabe.

Isso foi o suficiente para fazer Evie ofegar, mas manteve as lágrimas e a voz trêmula sob controle.

— Obrigada. Você não sabe o que significa ter amigas que se preocupam comigo.

Foi a vez de Pippa abraçar.

— Oh, nós fazemos isso, Evie. Um por e todos por um aqui.

Capítulo Dezesseis



Evie

Evie tinha um pequeno quarto nos fundos da casa original de Ma Carmichael e dividia o banheiro com as outras meninas. Os dois vestidos que comprara em Hamo quando foi com Sienna e Tam, três semanas atrás, estavam pendurados no nicho do canto. Depois de um banho rápido, colocou o amarelo brilhante na cabeça e pegou as grossas contas marrons que estavam penduradas no gancho de latão do antigo cabide que usava como penteadeira.

Sienna bateu na porta enquanto Evie tentava descobrir o que fazer com seu cabelo.

— Quer companhia, Evie? — Sua voz melodiosa chamou através da porta entreaberta.

— Entre, Sienna.

Sienna entrou e acenou com a cabeça enquanto olhava para Evie.

— Você está muito bonita.

— Obrigada. Preciso conversar com alguém e vai ser difícil. Achei que me vestir bem poderia ajudar, mas não ajuda.

Sienna franziu a testa.

— Posso perguntar quem?

Evie fez uma careta.

— Meu ex-marido. Bem, tecnicamente meu marido. Nunca nos divorciamos.

A boca de Sienna caiu aberta.

— Oh. E, claro, quer estar no seu melhor. Fique aí mesmo.

Ela voltou em segundos com sua mala de maquiagem. Colocando-a na cama, arrastou o banquinho debaixo da janela até o suporte do corredor.

— Sente-se aí. Vai secar o cabelo?

— Eu não tenho tempo.

Sienna assentiu, ficou atrás dela e pegou o pente de dentes largos.

— Não discuta. Posso deixá-la pronta e linda em cinco minutos.

Ela penteou o cabelo de Evie e depois o prendeu em um coque apertado na parte de trás da cabeça.

— Você tem a estrutura óssea linda, Evie. Com maçãs do rosto salientes e olhos amendoados, precisa de muito pouco trabalho. Basta um toque de cor nas pálpebras para combinar com seus olhos verdes e um pouco de brilho labial e está perfeita. — Dessa forma, não parece ter tentado ficar bonita, o

que eu acho que é como quer parecer.

Evie estendeu a mão e apertou a mão de Sienna.

— Você está adivinhando certo. E obrigada por ser uma boa amiga.

— É o que adoro em estar aqui. Eliza sempre foi uma boa amiga para mim, mas desde que conheci vocês, meninas, na ilha, também valorizo muito suas amizades. Nunca me senti tão apoiada como aqui.

— Elas são um grupo de mulheres muito especial, isso é certo.

— E você também faz parte disso. Nunca duvide disso, Evie. Se precisar de uma amiga depois da conversa, estarei aqui na varanda.

— Provavelmente precisarei. — Evie forçou uma risada. — Abra uma garrafa de vinho!

Seu estômago estava embrulhado quando calçou um par de sandálias e foi para a cozinha.

Tam tinha uma bandeja pronta e havia duas tampas de aço inoxidável cobrindo os pratos.

— Eu também fiz uma refeição para você, Evie. Não há nada pior do que tentar falar quando uma pessoa está comendo. É só curry e arroz.

— Obrigada. — Antes de Evie pegar a bandeja, ela se aproximou e abraçou Tam. — E obrigada por ser minha amiga. Tudo isso é muito novo para mim. Na verdade, nunca tive amigas antes.

As bochechas de Tam coraram e ela retribuiu o abraço.

— Estarei aqui para ajudá-la se precisar de companhia quando voltar.

Desta vez foi mais fácil sorrir.

— Sienna esperará na varanda com uma garrafa de vinho.

Tam sorriu.

— Ok, e vou levar a sobremesa.

— Gosto dessa ideia. — Evie sorriu de volta enquanto levantava a bandeja.

— Posso demorar um pouco. Tenho muitas perguntas para Jed e alguns arranjos a tomar. Eu vou te contar sobre isso mais tarde. Veja se Pippa, Eliza e Nell podem se juntar a nós. Eu poderia muito bem contar tudo de uma vez.

Enquanto caminhava até o bar, Evie tentou clarear a mente concentrando-se nos jardins e caminhos e catalogando o que precisaria fazer antes do casamento.

Quando ela viu a área que havia sido reservada para o novo restaurante, sabia que precisava fazer todo o resto primeiro, porque o paisagismo ao redor do novo prédio levaria pelo menos dez dias para ser concluído. Ela teria que ver Pippa e contratar alguns trabalhadores; se tivesse mais tempo, poderia ter feito o trabalho sozinha, mas o tempo era um fator desconhecido no momento. Tudo dependeria de quanto tempo ficaria fora.

Ela sabia que teria que ser firme com Jed, mas achava que isso também estava fora do controle dele.

Quando se aproximou do bar, ela já estava sob controle. Jed estava de frente para a água e não a ouviu se aproximar; suas sandálias de couro estavam silenciosas no chão.

Ela deslizou a bandeja sobre a mesa e Jed se virou.

— Obrigado... — Ele ficou boquiaberto e olhou para ela.

— Olá, Jed. Voltei.

— Sim... Evie. — Ele assentiu, e os nós dos dedos estavam brancos onde sua mão segurava o encosto da cadeira. — Posso ver isso.

— Por favor, sente-se. Seu jantar vai esfriar.

— Não estou com muita fome. — A voz dele era suave, mas profunda como sempre, causando um arrepio na espinha de Evie.

— Bem, eu estou — disse rapidamente, ignorando a sensação de tremor nas pernas ao encontrar os olhos do marido. — Sente-se e comeremos enquanto conversamos. Eu não tenho muito tempo. Eu tenho um... hum... uma reunião de trabalho depois de falar com você.

Ele esperou até que ela se sentasse e então se sentou, sem tirar os olhos dela uma única vez.

Evie lutou para manter a compostura, mas foi difícil. Ela empurrou a bandeja para o meio da mesa, pegou um dos guardanapos enrolados nos talheres e colocou-o na frente dos talheres de Jed. Manteve os olhos baixos enquanto retirava as duas refeições da bandeja, levantava as tampas e as colocava de volta na bandeja. Deslizou uma das tigelas de curry na direção dele e puxou a outra para ela. O aroma do curry perfumado e do arroz de jasmim fez seu estômago revirar mais do que já estava.

— Obrigado. — Jed desenrolou o guardanapo e colocou a faca sobre a mesa. Ele girou o garfo nos dedos e olhou para a refeição.

— Coma — disse Evie com falso brilho na voz — e depois conversaremos. — Ela pegou o garfo e moveu alguns grãos de arroz de um lado para o outro da tigela. — Ah, olhe, Tam tem alguns pappadams naquele pacote. — Ela pegou o pacote no meio da bandeja, mas sua mão parou quando Jed deixou cair o garfo com estrondo.

— Pelo amor de Deus, Eva. Pare com isso. — A voz de Jed falhou e ele cobriu os olhos com a mão. — Podemos ser civilizados sem toda essa merda social falsa. Não podemos? Por favor?

Foi a primeira vez que Jed a xingou, e a garganta de Evie se fechou. Ela baixou a cabeça e olhou para o curry de manteiga amarelo brilhante.

— É minha maneira de lidar com a situação, Jed. Me desculpe por ter fugido de você outro dia. Deveria ter ficado para ouvir, mas não consegui. Eu simplesmente não consegui. Não quando me contou por que estava aqui.

Ela observou quando Jed estendeu a mão por cima da mesa e pegou a mão dela. As terminações nervosas de todo o seu corpo dispararam em resposta ao toque dele.

— Eu sei e sinto muito por ter sido tão direto, mas percebi que não estava disposta a falar comigo. Me desculpe por ter sido tão duro com você, mas era o único jeito. A única maneira de fazer você ouvir antes de ir embora novamente.

Evie apertou seus dedos antes de retirar a mão de seu aperto quente.

— Está tudo bem. Tive tempo para processar o que você disse. Diga-me há quanto tempo Zeke está doente e o que preciso fazer.

Capítulo Dezesseete



Jed

Jed descobriu que se comesse enquanto falava, Eva, Evie — ele tinha que se acostumar com esse nome — também comeria, e isso pareceu ajudar os dois a manterem a calma.

— Zeke ficou doente pela primeira vez há cerca de dezoito meses. Ele foi diagnosticado com um câncer agressivo no sangue, mas o tratamento inicial foi bem-sucedido. Ele fez um transplante de células-tronco e entrou em remissão.

— Por que ninguém me contou? — Os olhos de Evie estavam tristes enquanto ela olhava para ele.

— Eu não consegui encontrar você. Eu tentei, Eva. Foi difícil porque quando mencionei isso a Zeke, ele disse que não queria que você soubesse, mas achei que deveria. No final, não importou, porque não consegui te encontrar e ele respondeu ao tratamento. Até achamos que havia vencido a luta. Voltou a trabalhar na fazenda e eu fui para casa.

— Eu estava em Vanuatu — disse ela. — Naveguei até lá e passei três meses trabalhando com um grupo de voluntários para ajudá-los a restabelecer as suas parcelas agrícolas numa das ilhas menores após o ciclone.

Jed fez uma pausa enquanto levantava o garfo.

— Sozinha? No *Eros*?

— Sim, sozinha. No *Kestrel*. Mudei o nome do barco do vovô.

— Mudou para que eu não pudesse te encontrar de novo?

— Não. Talvez. — Evie encolheu os ombros e não olhou nos olhos dele.

— Não sei. De qualquer forma, nunca gostei do nome. Continue me contando sobre Zeke. — Ela ergueu a cabeça e olhou para ele novamente. — E o que quis dizer com ir para casa?

— Ajudei na fazenda quando ele estava no hospital. Ele adoeceu novamente há um mês e, quando me disse que o prognóstico não era muito bom desta vez, eu estava determinado a encontrá-la. — Por mais saboroso que fosse o curry, ele estava preso em sua garganta. Ele pegou o copo de água que encheu no bebedouro do bar antes de Evie chegar. Levou um momento para organizar seus pensamentos. Nada mudou; ela obviamente achava sua companhia difícil. — Eu sabia que você estava na Ilha Hamilton há algum tempo, então fiz algumas perguntas e alguém disse que achava que estava trabalhando aqui na Ilha Pentecostes. Voei direto de Brisbane para cá e nem

sabia se estava mesmo ou não, até que te vi ontem. Então decidi que não iria embora até falar com você.

Olhar para Evie foi difícil.

Não importava o quanto o afastasse, ou o quão óbvio fosse que ela não queria estar na presença dele, Jed não conseguia parar o que sentia por ela, assim como não conseguia fazer com que seu coração parasse de bater. Ele amou Evangelina Asquith desde o primeiro momento em que a conheceu, e isso quase o quebrou quando ela foi embora.

Ela nunca o amou o suficiente; Jed sabia disso agora. Ele tinha sido uma forma de Eva escapar de sua família e de seu passado.

Ele engoliu em seco.

— Eu precisava falar com você. Você pode ser a última chance de Zeke.

— Eu? Eu posso? — Ela olhou para ele novamente e franziu a testa. — Você disse que ele estava morrendo. E que preciso vê-lo.

— E então foi embora antes que eu pudesse lhe contar por que estava aqui.

— E?

Jed respirou fundo. Tudo dependia da resposta dela. As chances de Zeke sobreviver, seu futuro.

Era por isso que estava ali, e sem o conhecimento de Zeke. Ele e o irmão de Evie foram próximos nos últimos anos. Zeke sempre disse que nunca perdoaria Evie por ir embora, mas continuou sendo um bom companheiro para Jed e o apoiou enquanto aprendia como lidar com a ausência dela em sua vida. Zeke foi quem o fez perceber que as longas horas que trabalhava na mina eram sua maneira de lidar com o fim do casamento e que ele não tinha vida.

Jed reuniu seus pensamentos antes de falar.

— Zeke tem uma chance. Um transplante de medula óssea. Os médicos concordam que se conseguirem encontrar um compatível, ele terá excelentes hipóteses de recuperação total.

— Como eles encontram uma correspondência?

— No registo internacional da medula óssea; não parece bom. Não houve correspondência. — Jed olhou para a esposa enquanto escolhia cuidadosamente as palavras. — A outra correspondência provável é através de um irmão. Por isso você é a última chance de sobrevivência dele. As chances são boas. Há uma chance em quatro de serem compatíveis.

Ela assentiu lentamente.

— O que eu preciso fazer?

— Você está disposta a ajudar?

— Claro que estou, Jed. — Apesar de suas palavras, a voz de Evie estava triste. — O que pensa que sou? Sem coração? Não importa o que aconteceu entre nós, Zeke é meu irmão e farei o que for preciso para ajudá-lo.

— Obrigado. — Ele soltou a respiração que estava prendendo. — Só há mais uma coisa que preciso lhe contar. Não contei a Zeke que estava procurando por você.

— Vamos resolver isso quando eu chegar lá. Se ele pode ser obstinado sobre isso, também posso. Se eu for compatível, farei o que for preciso. Caso contrário, farei as pazes com meu irmão e o ajudarei a lutar. — A voz de Evie tremeu e tudo o que Jed pôde fazer foi não lhe estender a mão. — Eu perguntei o que preciso fazer.

— O primeiro passo é tão simples quanto um cotonete na bochecha. Os médicos combinam os doadores com os pacientes com base no tipo de tecido do antígeno leucocitário humano. São proteínas, encontradas na maioria das células do seu corpo. Seu...

— Esqueça isso. Apenas me diga como faço isso.

— Zeke, Sam e os meninos estão em Brisbane. Eles costumavam ficar na minha casa quando ele vinha para o tratamento mensal, mas desta vez Sam e os meninos estão em uma cabana no hospital. O oncologista de Zeke é um grande especialista em Brisbane.

A cor desapareceu das bochechas de Evie.

— Meninos? Que meninos?

— Zeke e Sam têm dois meninos. Jimmy tem cinco anos e Liam tem dois.

O grito que saiu dos lábios dela quase partiu seu coração.

— Eu não sabia. Por que não me contou quando me viu há dois anos?

As palavras de Jed foram mais duras do que ele pretendia.

— Porque você deixou bem claro que não queria ter nada a ver comigo. Se bem me lembro, conversamos por cerca de cinco minutos e foi principalmente você me dizendo para deixá-la em paz.

— Sinto muito, eu não estava em uma boa situação naquela época.

Jed conteve as palavras. Ele sentiu vontade de dizer que não estava bem desde que ela o deixou em Bylington, oito anos atrás.

— Não vamos discutir. Precisamos fazer alguns planos.

Ela assentiu sem falar.

— Seria melhor se fosse para Brisbane o mais rápido possível. Você não terá problemas para tirar uma folga?

— Não — respondeu calmamente.

— Se você for compatível, é um procedimento simples no hospital, e então estará pronta para ir. Vou fazer reserva para nós no primeiro voo que puder saindo de Hamilton Island.

Mais uma vez, um aceno de cabeça, antes de Evie falar.

— Posso fazer uma pergunta, Jed?

— Sim?

— O que você quer dizer com sua casa em Brisbane?

Ele encolheu os ombros.

— Exatamente o que eu disse. Minha casa. Voltei para a casa da família em Bay quando meus pais faleceram. É onde moro agora. Você pode ficar lá se quiser. Tenho uma suíte de hóspedes.

— Conseguiu sua promoção?

Foi a primeira vez que Evie demonstrou qualquer tipo de interesse pela

vida dele desde que o deixou. Jed lutou por muito tempo e a decisão que finalmente tomou foi a certa para ele. Ele se adaptou à sua nova vida e conseguiu superar Evie.

Ou ele pensara que sim, até vê-la ontem. Não importa quanto tempo tenha passado, seu coração ainda batia forte e sabia que nunca deixaria de amá-la. Talvez se eles se divorciassem, seria mais fácil superá-la.

Capítulo Dezoito



Eva

Oito anos antes

— Não acredito que você está em Brisbane na mesma época que eu, vovô!
— Eva abraçou o avô e fechou os olhos enquanto o cheiro familiar e reconfortante de creme de cabelo e o roçar de bigodes ásperos em sua bochecha a levavam de volta a sua infância. Ela foi até a marina de Manly, em Moreton Bay, onde ele atracou Eros.

Ficou surpresa, mas muito satisfeita ao receber um telefonema dele, embora o avô tivesse ligado originalmente para avisá-la de que estava indo visitar Bylington.

— Funcionou muito bem. Isso vai me poupar uma viagem até lá. Mas vou ligar para Zeke. — O vovô segurou-a com o braço esticado. — Você está linda, querida. — Ele estendeu a mão e passou um dedo no cabelo dela. — Estou satisfeito em ver que seu cabelo voltou à cor natural. Você está cada dia mais parecida com sua avó... que Deus a tenha... a cada dia.

— Não sou mais cabeleireira, então não preciso experimentar todos os produtos e cores.

— Estou muito satisfeito em ouvir isso. Então, o que está fazendo em Brisbane?

— Eu estou na universidade. Estudando arquitetura paisagística.

— Então aquele bastardo mesquinho com quem sua mãe se casou estupidamente finalmente pagou sua despesa, não foi? Ou você economizou?

— Reg morreu há três meses.

— Sem perda, detestava aquele desgraçado nojento. Então Zeke ficou com a fazenda e sua parte lhe ajudou a entrar na universidade?

— Sim e não. Zeke está trabalhando na fazenda, sim. Ele saiu da mina. — Eva sorriu para ele e estendeu a mão esquerda. — Meu marido está me ajudando a pagar a faculdade.

— O que...? Você está casada e não me convidou para o casamento! Eu vou ficar chateado! Quando isso aconteceu?

— No ano passado, mas pensei que estivesse nas ilhas. Tentei ligar por semanas e não houve resposta. Parei de me preocupar quando recebi aquele cartão postal de Broome. Você realmente precisa manter mais contato.

O avô balançou a cabeça.

— Você e Zeke estão crescidos agora. Têm suas próprias vidas. Eu tenho a

minha e conversamos quando podemos. Os laços familiares são fortes, amor, não importa onde estejamos, ou quanto tempo entre as visitas. Agora, venha sentar-se no convés e conte-me tudo sobre esse seu marido, e então lhe contarei minhas novidades.

O avô fez café enquanto ela esperava no deque. Fechando os olhos, ouviu enquanto ele andava pela cozinha. O ar estava úmido e salgado, e ela relaxou, absorvendo os cheiros e sons do mar. As gaivotas gritavam no alto, e o apito ocasional da buzina da balsa do outro lado da baía eram os únicos sons além do barulho suave das pequenas ondas na lateral do casco.

Este era o seu lugar feliz. De repente, a ideia de voltar para Bylington a atingiu como uma faca. Seus olhos se abriram e ela franziu a testa. Jed estava em Bylington — isso deveria ser suficiente para deixá-la ansiosa para voltar. Faltavam apenas duas semanas para o fim do semestre e depois dos exames dela, ele voltaria dos Estados Unidos e ficariam juntos em casa por quatro meses.

— Aqui está. — O avô dela colocou o café no deque e abriu um banquinho dobrável. Ele sentou-se lenta e desajeitadamente e Eva franziu a testa.

— Você está bem, vovô? Parece um pouco rígido aí.

— Minha artrite está piorando, amor. Eu tive que tomar uma decisão. Por mais que eu odeie essa ideia, vou me tornar um marinheiro terrestre. Era sobre isso que eu queria falar com você, mas o fato de estar casada e na universidade é um obstáculo.

— De que maneira?

Ele ergueu a xícara de café e olhou para ela por cima da borda.

— Estou lhe dando Eros.

— Mas..., mas onde você vai morar?

— Comprei uma pequena unidade em um asilo a duas ruas de distância. — Ele apontou para o lado oeste da marina. — Perto o suficiente para caminhar até a água e perto o suficiente para sentir o cheiro do mar todos os dias. — Ele sorriu para ela e a pele desgastada ao redor de seus olhos azul-claros enrugou-se. — E agora que está morando em Brissie, pode usar o barco sempre que quiser, o seu barco, e talvez levar seu velho avô para velejar alguns dias.

Evie mordeu o lábio.

— Eu... nós... não moramos em Brisbane.

O avô franziu a testa.

— Onde você mora?

Eva sabia que sua voz estava tensa.

— Ainda em Bylington. Jed, meu marido, é gerente assistente da nova mina de carvão.

— Ah. — Seu olhar era astuto. — Então, você não escapou daquela cidade, afinal.

— Não, mas fugi de Reg e da fazenda, e Jed e eu moramos em uma linda casa na colina, mas sim, ainda estou lá. Ele viaja muito e eu venho para a universidade dois semestres por ano.

— Sinto muito, posso ser antiquado, mas isso não me parece muito um relacionamento. Nos dias modernos. — Ele balançou a cabeça. — Quando sua avó e eu nos casamos, a única vez que estivemos separados foi na semana em que ela ficou no hospital, quando sua mãe nasceu. — O avô manteve os olhos dela por um longo tempo e, finalmente, ela desviou o olhar. — É isso que realmente quer? — perguntou.

— Mais ou menos. Eu amo Jed. Ele é um cara maravilhoso, mas ainda odeio morar em Bylington. Não sei o que quero, vovô. — Ela colocou uma das mãos sobre os olhos enquanto as lágrimas ameaçavam. — Na verdade, eu quero Jed, mas não em Bylington.

— Seu marido se mudaria?

Eva balançou a cabeça.

— Eu não lhe pediria isso. Ele está trabalhando para uma promoção e esse é o melhor lugar para isso.

— E você ficará feliz quando ele conseguir essa promoção?

— Ficarei feliz por ele.

— Mas e você, amor? Todos os seus sonhos? Parece-me que entregou muitos deles. Está gostando da universidade?

Eva pensou enquanto tomava um gole de café.

— Não é o que eu esperava. Para ser honesta, acho que estive pensando se quero voltar no próximo semestre. Mas a ideia de voltar a Bylington sem nada para fazer quando Jed estiver fora, me deixa doente. Fiz alguns amigos aqui e isso tem sido bom para mim. A maioria das meninas que conheci no ensino médio mudou-se para Dubbo ou Sydney.

— Bem, querida. Parece que tem algumas decisões a tomar. O que quer que decida, Eros é seu. Não precisa esperar até partir. Eu sei que irá amá-lo e que vai cuidar dele.

— Mas e Zeke? Você não pode entregá-lo para mim. Isso não seria justo.

— Zeke lhe deu um pagamento pela sua parte na fazenda?

— Não. Eu não precisava.

— Você tinha direito a ele. Sua mãe e seu pai trabalharam duro para construir aquela propriedade. Tentei convencê-la a vender quando seu pai morreu, mas ela era teimosa. Como o pai dela, e como a filha também, eu acho. Ok, Zeke fica com a fazenda, você fica com o barco. Isso é justo para mim.

Eva colocou a xícara no convés e se levantou. Ela caminhou até o banco e se ajoelhou ao lado dele. Ela se apoiou no ombro do avô e sua voz saiu abafada.

— Sinto muita falta da mamãe, vovô.

Sua mão desgastada acariciou seu cabelo.

— Eu sei, querida. A vida é difícil. — Ele se abaixou e ergueu seu queixo para que olhasse para ele. — Há uma coisa que eu quero que se lembre. A vida é difícil, mas é curta. Portanto, não perca tempo fazendo coisas que não quer fazer. Não é egoísmo, mas precisa pensar cuidadosamente sobre o que

quer na vida e se o parceiro que escolhe deseja as mesmas coisas que você.

Ela assentiu.

— Eu vou.

— E o que quer que decida, Eros é seu. Fiz um contrato de aluguel de noventa e nove anos neste cais. Está tudo pago. Ele só precisa de alguém para cuidar dele.

Capítulo Dezenove



Eva

Oito anos antes

Voltar para Bylington seria difícil, ainda mais depois de quatro meses longe. Antes de viajar para o exterior, Jed passou dois fins de semana enquanto Eva estava em Brisbane, e sempre se hospedavam em um hotel chique na cidade. Ele deveria voar para Brisbane e buscá-la depois do exame final na próxima semana, mas ligou na noite anterior.

— Eva, querida, sinto muito. Tenho que voar para a Austrália Ocidental por duas semanas no caminho de volta daqui. Reservarei um voo para Dubbo e pedirei a Zeke para buscá-la. Ou melhor ainda, por que não procura um carro para comprar em Brisbane e leva algum tempo dirigindo para casa? Quando encontrar um, me avise e transferirei o dinheiro para sua conta.

— Não, está tudo bem. Ficarei aqui e trabalharei um pouco até você chegar em casa. — Eva não disse que o trabalho que estava fazendo seria em Eros, e não em seu trabalho na universidade. Por alguma razão — e não conseguia entender o porquê — ainda não havia mencionado Eros ou o avô para Jed. Ela disse a si mesma que queria que fosse uma surpresa quando levasse Jed para lá quando ele chegasse, assim poderiam passar um fim de semana na água, porém se perguntou se não estava sendo totalmente honesta consigo mesma.

Eros era dela e Eva estava aproveitando o tempo que passava com ele. Era sua hora e seu barco, e ela abraçou bem forte; tomou uma decisão consciente de não examinar por que se sentia assim.

Jed estava tentando convencê-la a comprar um carro para usar em Brisbane, mas estava muito feliz morando em um conjunto residencial da universidade e usando o transporte público para se locomover. Desde que o avô voltou e se instalou em seu novo apartamento, ela passou a maior parte dos fins de semana em Eros. Havia um ônibus da cidade para a baía e, em alguns dias, ela até faltava às aulas e passava o dia trabalhando no barco que começava a amar cada vez mais a cada vez que subia a bordo.



Jed

Acabou se passando quatro semanas até que Jed pudesse fugir da mina perto de Port Hedland, na Austrália Ocidental. Ele não falava com Eva desde que voltara dos Estados Unidos porque seu telefone ficou fora de alcance durante a maior parte do mês, e a culpa o dominou enquanto voava direto para Brisbane. Ela estaria de volta à universidade agora, talvez. Ele não tinha certeza de quando o semestre começou.

Ele franziu a testa, percebendo quão pouca atenção prestava às coisas que importavam para sua esposa.

Antes de voltarem para casa — ou sozinho, se o semestre já tivesse começado, — iria surpreendê-la com um fim de semana em Brisbane. Quanto mais tempo Eva passava no curso, mais desconfortável Jed ficava; ele sabia como ela odiava morar em Bylington.

A alternativa para sua carreira planejada era que se mudassem para uma mina remota na Austrália Ocidental, mas nesta fase nem sequer consideraria isso. Ela teria que desistir do curso e mudar-se para o interior; por enquanto, Bylington preencheria todos os requisitos.

Assim que saiu do avião e chegou ao terminal do aeroporto de Brisbane, discou para o celular de Eva. Ele bocejou quando o telefone tocou e se dirigiu ao café no saguão de desembarque. Um café rápido e depois desceria até o balcão da locadora de veículos. Enquanto ele estava na fila, a mensagem foi para o correio de voz dela e a decepção o percorreu.

— Surpresa! Estou em Brisbane, no aeroporto. Alugando um carro. Onde você está? Liga para mim. Amo você. — Ele deixou uma mensagem de voz, xingando-se por não ter ligado na noite passada. Talvez ela estivesse de volta a Bylington.

Quando terminou seu café, alugou um carro e estava dirigindo para a cidade, sua decepção aumentou. Ele conectou seu telefone ao Bluetooth do carro alugado e, a cada poucos minutos, tentava o número de Eva, mas ninguém atendeu.

O trânsito estava intenso e demorou quase uma hora para atravessar a cidade e chegar à universidade. Ele estacionou o carro no estacionamento quase vazio do conjunto residencial e seguiu para o prédio nos fundos onde Eva morava durante o semestre.

A porta da frente do prédio estava trancada e a frustração tomou conta de Jed enquanto olhava em volta. Não havia ninguém à vista. Ele apertou a campainha e eventualmente alguém atendeu.

— Ei! — Uma voz masculina profunda ecoou através da música alta do outro lado da chamada.

— Oi. Estou atrás de Eva Stephenson. Sabe se ela está?

— Desculpe amigo. Não tem ninguém aqui. Todo mundo fez checkout para as férias de inverno. As aulas começam na semana seguinte.

— Obrigado. — Ele voltou para o carro, o desânimo perseguindo seus passos.

Tanta coisa para uma surpresa. Eva deve ter ido para casa. No caminho de

volta ao aeroporto, para devolver o carro e pegar um voo para Dubbo, ligou novamente para o celular dela e depois para o telefone fixo, mas também não houve resposta.

A primeira pontada de preocupação o atingiu e ele discou o número de Zeke, e Samantha atendeu.

— Olá, Sam, é Jed. Estou voltando para casa. Você conversou com Eva nos últimos dias?

— Olá, Jed. Zeke conversou com ela e o avô ontem à noite. Ela está hospedada com ele em Brisbane.

— Oh, tudo bem. Obrigado. Vou continuar tentando o número dela.

— Boa sorte. Zeke estava gritando com ela por deixar seu telefone sem bateria ontem à noite também. Ele conversou com ela pelo telefone do avô.

— Você tem o número dele?

— Zeke sabe. Vou pedir para ele mandar uma mensagem para você quando chegar para almoçar.

— Obrigado. Até breve. Estaremos em casa em alguns dias.

— Tchau, amigo.

Samantha era uma garota decente e adorava a vida na fazenda. Jed ficou desapontado porque Eva não passava mais tempo lá quando ele estava fora, mas Eva e Zeke geralmente brigavam por uma coisa ou outra.

Com um suspiro, voltou para a cidade; faria a reserva no hotel de sempre enquanto esperava para entrar em contato com sua esposa.

Capítulo Vinte



Eva

Oito anos antes

O rádio estava tocando ao lado dela enquanto Eva envernizava o corrimão ao redor do convés traseiro. Quando se inclinou para frente para escovar cuidadosamente o último canto, uma mão bateu em seu ombro. Com um grito, largou a escova e se virou.

Seus olhos se arregalaram quando olhou para o rosto sorridente de seu marido.

— Jed! Oh, meu Deus! O que está fazendo aqui?

O sorriso dele desapareceu, mas ela deu um pulo e jogou os braços em volta do pescoço dele.

— Achei que teria mais uma semana em Port Hedland — disse enquanto o beijava. — Estava contando as semanas.

Jed retribuiu o abraço e se afastou para olhar para ela. Eva estendeu a mão para limpar o rosto com as costas da mão. Ela tinha uma mancha pegajosa na bochecha, e o cabelo que não estava preso em um boné de beisebol desbotado, estava emaranhado. Ela estava muito ocupada terminando o barco para fazer qualquer outra coisa.

— Terminamos mais cedo — disse. — Então, pensei em fazer uma surpresa para você. Onde está seu telefone? Deixei algumas mensagens.

— Hum. — Ela torceu o nariz e pensou. — Na minha bolsa, no convés inferior, eu acho. Fiquei com o rádio ligado a manhã toda. — Ela recuou e notou o avô no cais. — Ah, já estava me perguntando como me encontrou.

— Isso quase parece que estava se escondendo. — Apesar do sorriso, a voz de Jed continha um tom que ela nunca tinha ouvido antes.

Impaciência? Desapontamento?

— Graças ao seu irmão, à esposa dele e ao seu avô, eu a encontrei. — Dessa vez havia um tom agudo em sua voz. — E Eros, seu barco, eu acho, Eva?

— Oh, sim. Tenho muitas novidades. — O calor subiu por seu pescoço, e não era do sol. — Vovô. Venha a bordo. — Ela olhou para Jed. — Presumo que ambos já se conheceram?

— Sim. Seu avô me contou como ele lhe deu o barco. Há alguns meses. — Desta vez, a impaciência na voz de Jed se transformou em aço. — Deve ter esquecido de mencionar isso para mim.

O avô ergueu as sobancelhas e desceu para a cozinha.

— Vou colocar a chaleira no fogo.

Jed ficou ao seu lado até que o avô sumisse de vista e então se virou para ela.

— O que está acontecendo, Eva? Devo me preocupar?

Ela balançou a cabeça.

— Preocupar-se com o quê? Não há nada a esconder. Eu tenho um barco agora. Você ficou fora por mais de três meses, então decidi ficar aqui e trabalhar.

— Você não ia navegar até o pôr do sol?

Dessa vez a irritação — com um pouco de culpa na mistura — se insinuou.

— É claro que não. Qual era o sentido de voltar para casa e vasculhar uma casa enorme e impecavelmente limpa se você não estivesse lá? E agora que o vovô se mudou para Brisbane, tenho companhia.

Eva ficou tensa enquanto esperava pela reação de Jed. Ela relaxou quando os braços dele a envolveram e ele a abraçou. Ela aninhou-se nele e apreciou a ternura em seu abraço.

— Me desculpe por ter ficado tanto tempo fora, querida. Senti tanto a sua falta — disse.

— Eu também senti sua falta — ela sussurrou. — Mas você entende por que fiquei aqui?

Ele assentiu.

— Infelizmente, sim. Sinto muito por estar zangado. E sinto muito por ter ficado ausente por tanto tempo. Tivemos muitos problemas lá no Oeste.

— Eu ia contar a você sobre Eros e o vovô quando chegasse em casa. Não era o tipo de coisa que eu queria contar-lhe por telefone.

A boca de Jed estava perto de sua orelha.

— Vamos tomar uma xícara rápida e depois voltar para o hotel. Reservei nossa suíte habitual para o fim de semana.

Eva teria preferido ficar em Eros – com Jed – mas não achou que fosse o momento de dizer isso.

— Isso parece bom, e então que tal voltarmos aqui amanhã e eu levarei você para velejar?

Ele assentiu, mas pela sua expressão ela se perguntou se estava interessado.

— Não precisa. Vou terminar esse envernizamento enquanto você toma uma xícara de chá com o vovô. Tenho que terminar antes de irmos.

Seu coração afundou quando a resposta de Jed deu o tom para os próximos dias.

— Ok, vamos ver o que o amanhã nos traz.

Capítulo Vinte e Um



Evie

Ilha Pentecostes

Quando Evie deixou Jed no bar, ela voltou para casa. Sienna e Eliza, Tam, Nell e Pippa estavam sentadas em silêncio na varanda, esperando.

Evie colocou cuidadosamente a bandeja com os pratos do jantar sobre a mesa, cobriu os olhos com as mãos e começou a chorar. Pippa deu um pulo e abraçou Evie.

— Foi tão ruim assim, Evie? — perguntou baixinho.

Evie levantou a cabeça e viu as lágrimas nos olhos de cada uma de suas amigas enquanto a observavam chorar nos braços de Pippa. Ela deu um passo para trás e enxugou os olhos com as costas da mão. Sienna pegou a caixa de lenços que estava em cima da mesa.

Eva pegou um e acenou em agradecimento e depois enxugou o rosto.

— Eu tenho que ir para Brisbane. Jed veio me contar. — A voz dela falhou. — Meu irmão, Zeke, está morrendo, e se minha medula óssea for compatível, talvez consiga salvar a vida dele.

Tam serviu uma taça de vinho e deu um tapinha no assento ao lado dela.

— Venha, sente-se e diga-nos como podemos ajudar.

Eva assentiu.

— Mas apenas uma bebida. Tenho muito trabalho para fazer esta noite.

O apoio das amigas ao cercá-la de amor foi um dos momentos mais especiais de sua vida.

— Obrigada — disse, erguendo o copo e as lágrimas começaram a escorrer pelo seu rosto novamente.

Ah, Zeke.



— Alguns metros de terra de jardim também, por favor, Pippa. Se eu pensar em mais alguma coisa, envio uma mensagem de Brisbane. — Evie entregou a lista que havia digitado no computador de Nell, com as quantidades que precisava e os fornecedores preferidos. Ela trabalhou até meia-noite, elaborando planos, horários de trabalho e listas de equipamentos e instalações.

Jed conseguiu reservar dois assentos no voo que sairia da Ilha Hamilton amanhã e Evie estava finalizando o pedido de suprimentos paisagísticos para

Pippa fazer enquanto ela estivesse fora.

— A única outra coisa que preciso saber é se você decidiu o esquema de cores para o casamento.

Tamsin e Nell voltaram ao escritório para lhes fazer companhia enquanto Evie trabalhava, e ambas conversaram juntas.

— Não é rosa!

Sienna estava sentada na sala e repetiu suas palavras.

Pippa fez uma careta para elas.

— Está correto. Não é rosa. — Ela estendeu a mão e pegou a de Evie. — E se não puder voltar a tempo para fazer o trabalho, não há problema. Seu irmão e sua família são mais importantes que um jardim.

— Mas o seu casamento também é importante — Evie balançou a cabeça enfaticamente. — Voltarei para ter o terreno perfeito. Contratarei alguém para cortar a grama enquanto estiver fora e ficarei com ele até o casamento. Avisarei quando irei voltar assim que souber o que está acontecendo. — Ela franziu a testa e olhou para Pippa. — Tire o custo do meu salário.

— Não seja boba. E *vou* organizar alguém para cortar a grama. Você apenas se concentre no que precisa fazer. A que horas é o seu voo? Às oito da manhã?

— Sim.

— Rafe assumirá tudo. Dessa forma, não terá que pagar pela vaga do seu barco na marina.

— Obrigada. Agora vou para a cama. — Evie franziu a testa para Pippa. — Pippa, não vá até a casa sozinha. Ligue para Rafe e peça que desça e acompanhe você até sua casa.

— Ele está esperando que eu ligue — respondeu ela.

— No caminho de volta, você pode parar na cabana de Jed e avisá-lo para nos encontrar no cais? O que você acha? Por volta das seis?

— Seis lhe dará tempo suficiente para chegar lá e fazer o check-in. E sim, vamos parar na cabana no caminho de volta. — Pippa torceu o nariz. — Teremos que parar de chamá-las de “cabanas” e usar os nomes que escolhemos. Parece um pouco de segunda categoria chamá-las de cabanas, não acha?

— Um pouco. Serenity, Peace, and Tranquillity têm muito mais apelo. — Evie levantou-se e espreguiçou-se. — Boa noite a todas. Vejo vocês quando voltar.

Nell se aproximou e a abraçou.

— Pensaremos em você, Evie — disse. — Se precisar conversar, não hesite em ligar, não importa a hora do dia ou da noite.

Tam apertou a mão de Evie quando ela passou.

— Tome cuidado, amiga.

Evie mordeu o lábio quando a umidade surgiu atrás de seus olhos, mas ela lutou contra isso. Houve lágrimas mais do que suficientes esta noite.

— Obrigada. Agradeço cada palavra e pensamento. Vai ser difícil e ficarei

satisfeita quando voltar aqui.

Sienna se levantou e manteve os braços abertos enquanto Evie atravessava a sala.

— Vá com segurança, Evie. Eliza disse para você dar o melhor de si também.

— Vejo vocês em breve. — Evie pigarreou. — Oh, você já escolheu um nome para o spa? Tive algumas ideias para um jardim todo branco ao redor do prédio.

— Oh, sim. Parece bom. E sim, eu já, e a chefe aprovou — Sienna lançou um sorriso para Pippa que estava parada na porta. —, nosso spa vai se chamar “Hebe”, e o slogan terá algo sobre a deusa da juventude e beleza.

— Eu amei isso. Vou dar uma olhada em alguns catálogos de plantas para que os arbustos com flores brancas possam ser plantados assim que estiverem prontos.

Evie caminhou pelo corredor até seu quarto. Suas mãos tremiam quando abriu a porta. Ter amigas tão carinhosas era uma experiência nova para ela.

Parecia um pouco bobo, mas sentia-se protegida pelo amor com que as meninas a cercavam. Ir trabalhar na Ilha de Pentecostes foi uma das melhores escolhas de vida que fez. Era um lugar único que se tornou ainda mais especial pelo grupo de mulheres que a aceitaram como amiga. Evie fechou a porta atrás de si e foi até a janela.

Ela podia ver a cabana de Jed dali e ficou olhando por um longo tempo antes de pegar a bolsa e arrumar algumas roupas para levar para Brisbane no dia seguinte. Felizmente, mantinha a maior parte de suas coisas em casa agora. Se tivesse que ir até o barco, teria ficado tentada a navegar para muito, muito longe.

Jed a assustou. Não o homem em si, mas os sentimentos que ainda nutria por ele. Evie nunca deixou de amá-lo e sabia que os próximos dias seriam muito difíceis em vários aspectos.

Tão difícil quanto no dia em que deixara o marido e partiu em Eros.

Capítulo Vinte e Dois



Eva

Oito anos antes

— Afinal, decidiu voltar, não é, Evangelina? — O tom de Zeke era ressentido, como sempre parecia ser ultimamente. — Achei você gostava mais de fumar do que de casa.

Jed e Eva estavam parados no portão do quintal da frente da fazenda. Ninguém estava em casa quando bateram na porta, então ouviram a moto de Zeke vindo do cercado dos fundos e esperaram. Eles só haviam chegado de Brisbane três horas antes e atenderam o telefonema que mudaria sua vida. O avô morreu pouco depois de Jed e Eva se despedirem dele e saírem de Brisbane para irem de carro até Bylington.

— Afaste-se, amigo. — Jed ficou ao lado de Eva e passou o braço em volta dela.

Os olhos de Zeke se arregalaram, mas ele calou a boca.

— Temos más notícias. — Eva manteve a voz calma. — Vovô faleceu esta manhã. Ele estava em Brisbane e nós o vimos antes de partirmos.

— Pelo menos você conseguiu vê-lo — disse Zeke, ressentido. — Não que ele se importasse em me ver para começar. O velho maluco nunca se interessou por mim.

Evie não conseguiu se conter.

— Ah, pelo amor de Deus, Zeke. Você consegue pensar em alguém além de você?

Seu irmão olhou para ela, seus olhos se estreitaram e então encolheu os ombros.

— OK. Lamento que ele tenha morrido, mas não o vejo há anos.

— Você precisa saber que ele me deu seu barco quando voltou para Brisbane e sei que cuidou de você em testamento. Ele me contou isso há algumas semanas, quando estava preocupado com o fato de estar com ciúmes por eu ter ficado com o barco.

— Jesus, o que eu faria com uma banheira velha? De nada. — Ele teve a graça de parecer arrependido. — Olha, me desculpe por ter explodido. Eu não tive um bom dia. Perdi meu melhor touro esta manhã.

Eve assentiu, mas não disse nada. Ela e Jed também não tiveram um bom dia. A viagem de Brisbane para casa foi feita principalmente em silêncio. Eles não discutiram, mas sabia que Jed não estava feliz com ela.

O problema é que não se importava e, então, quando recebeu a ligação sobre o avô, foi como se todo o seu coração estivesse envolto em gelo. Ela não se importava com nada e, depois de apenas sete horas deixando o barco para trás, ansiava por estar de volta à água.

Seu humor piorou à medida que se aproximavam de Bylington. O campo parecia agreste; a grama que tinha um vestígio de verde quando partira no final do verão agora estava seca e marrom. Toda a paisagem era monótona e deprimente; a seca tomou conta do Centro-Oeste e as geadas do inverno acabaram com tudo. Uma pequena explosão de simpatia derreteu a dureza do seu coração; não é de admirar que Zeke estivesse fazendo isso do jeito difícil.

— Você quer entrar para tomar uma xícara de chá? Sam estará em casa em breve.

— Não, obrigada. Acabamos de chegar e estou cansada.

— OK. Bem, avise-me quando for o funeral. Vou tentar chegar lá, mas não posso prometer nada.

Eva assentiu e voltou para o carro de Jed, deixando os dois homens conversando. Sabia que estavam falando sobre ela, porque Zeke ficava olhando para o carro. Mas não se importou. Não se importava com nada. Tudo o que queria fazer era se virar e ir embora.



Para seu crédito, Jed tentou.

Ele se esforçou tanto que Eva o amou ainda mais.

E isso tornou tudo mais difícil. Ela lutou muito para ser feliz, mas era impossível. Sabia agora que, por mais que amasse Jed, o casamento deles não daria certo. Ela se sentia tão confinada em Bylington e na casa deles que era difícil respirar.

Na primeira noite depois de voltarem para casa, ela e Jed ficaram deitados lado a lado na cama, sem se tocarem. Eva sabia que ele estava acordado ao lado dela e sabia que estava sofrendo, mas não tinha nada para dar.

Cada um deles queria coisas diferentes. Jed estava feliz em casa e feliz em Bylington, e focado em sua carreira. Eva precisava estar na costa, perto da água. Ela não tinha ninguém com quem conversar e ficou ali deitada pensando na mãe e em como ela ficou com Reg, embora tivesse percebido que havia cometido um erro ao se casar com ele.

A situação dela com Jed era diferente; não podia compará-lo ao padrasto. Jed Stephenson era um bom homem, e Eva sabia que ele a amava e provavelmente abandonaria a carreira por ela, se pedisse.

Mas sabia que não era justo.

Enquanto ela estava deitada na cama king-size, lágrimas quentes escorriam dos cantos dos olhos e escorriam pelo travesseiro. Ela ficou ali e as deixou vir, até que seu nariz ficou tão entupido que teve que se levantar e ir ao banheiro pegar um lenço de papel.

Quando voltou, Jed estava de costas para ela e Eva ficou pensando em tudo

que havia perdido.

Ela chorou pela mãe, pelo avô e por um irmão que não se importava com a família.

Mas, acima de tudo, chorou pelo que estava prestes a fazer ao homem que amava.

Capítulo Vinte e Três



Jed

Jed estava lá fora olhando para a água quando Pippa passou com Rafe depois da meia-noite e disse-lhe para estar no cais às seis da manhã.

Ele fez as malas de madrugada e chegou às cinco e meia e sentou-se na pedra ao pé da escada que levava à casa no morro.

Ele não dormiu muito desde que esteve na ilha. Ontem à noite, enquanto estava sentado do lado de fora observando a água, seus pensamentos cheios de Eva – Evie – ele se corrigiu novamente. Estava ainda mais bonita agora do que há dez anos, quando se apaixonou por ela. Ele sabia então que ela era uma alma ferida, mas os primeiros meses juntos foram felizes e ela se instalou na casa dele. Tolamente, pensou que poderiam superar seus demônios juntos.

Ambos poderiam assumir a culpa pela desintegração de seu relacionamento. Se ele não estivesse tão concentrado em sua maldita carreira e se ausentasse tanto, e se Evie não tivesse escolhido começar aquele curso universitário (ela só cursou dois semestres), talvez pudessem ter trabalhado mais para fazer seu casamento funcionar.

Ele pensou em sua vida e sabia que se tivesse tomado essa decisão naquela época, eles teriam tido uma chance.

A Evie que vira nos últimos dois dias – pelo menos depois do primeiro encontro – tinha equilíbrio e confiança e obviamente se estabeleceu em uma vida que a fazia feliz. Ele estava grato por ela ter um bom emprego, em uma bela ilha, e obviamente ser apoiada por um grupo de amigas fortes. Ele tinha visto como a protegiam.

— Bom dia.

Jed deu um pulo quando o objeto de seus pensamentos chegou ao cais. Ele esteve tão absorto no passado que não a ouviu chegando.

— Bom dia.

— Você também chegou cedo — disse ela.

— Sim. Acordei antes do amanhecer. Havia um pássaro estranho chorando do lado de fora da minha cabana.

— Um maçarico — ela respondeu. — Eles têm uma ligação interessante.

O silêncio desceu e ele procurou algo para preenchê-lo.

Antes que pudesse falar, Evie o fez.

— Você gosta da nossa ilha?

— Muito. Posso ver por que está feliz trabalhando aqui. Ouvi dizer que fez

todo o paisagismo.

— Sim, é um ótimo trabalho. Foram alguns meses satisfatórios.

— Viajou um pouco nos últimos anos, não foi?

— Está me vigiando, Jed?

— Não, não estou vigiando, eu só queria saber se estava bem. Nunca tocou em nada do dinheiro que coloquei em sua conta, não é?

— Não, porque eu disse que era desnecessário. — Ela sustentou o olhar dele com firmeza. — Devíamos ter nos divorciado, pois assim não teria que se preocupar.

— E acha mesmo que teria feito diferença para mim querer saber que você estava bem? — Ele levantou uma mão e passou-a pelos cabelos em frustração. — Estava tudo bem para você, fazer o que amava e o que queria, e não se reportar a ninguém. Não deixando ninguém saber onde estava. Meu Deus, Evie, sempre que lia sobre um iate abandonado, ou um ataque de piratas na Indonésia, ou um incêndio numa marina, ficava preocupado se era você.

Ela encolheu os ombros.

— Eu posso cuidar de mim mesma.

O silêncio desta vez foi pesado, e ele soltou um suspiro de alívio quando Pippa e seu parceiro, Rafe, desceram os degraus.

— Bom dia — Rafe disse enquanto Pippa se aproximava de Evie. — Tudo pronto para ir?

— Eu também vou — disse Pippa. — Para fazer algumas compras e encontrar com os construtores. Quando nos despedirmos de você e meu adorável homem me levar para tomar café da manhã, as lojas estarão abertas.

— Sim, estamos prontos — respondeu Jed. — Obrigado por assumir. Por favor, adicione-o à minha conta. Deixei os dados do meu cartão de crédito no escritório.

Pippa acenou com a mão.

— Não seja bobo. Você pagou por uma semana e só esteve aqui duas noites. Por favor, considere essas noites como um crédito e volte e fique conosco quando tudo isso acabar.

Evie olhou e Jed percebeu a expressão em seu rosto enquanto ela balançava a cabeça. Para sua surpresa, ela não parecia muito infeliz com essa perspectiva.

Ele assentiu também.

— Isso seria bom, obrigado.

— Suponho que agora você tenha férias e longos serviços na manga. — Evie olhou para Pippa. — Jed raramente tira folga.

A irritação incomodava Jed.

— Você pode se surpreender hoje em dia, Evie. Sendo meu próprio patrão, posso tirar folga quando quiser. Definitivamente voltarei aqui. Depois.

Eles estavam todos quietos. O “depois” era uma incógnita até descobrirem se Evie poderia ser uma doadora para seu irmão.

Rafe ligou o motor e os outros três sentaram-se na poltrona de couro na

parte traseira do barco.

— O que quer dizer com ser seu próprio patrão? — perguntou Evie.

— Tive uma mudança de carreira.

Seus olhos se arregalaram.

— Você não mais com as minas?

— Não. Deixei a indústria de mineração quando saí de Bylington, dezoito meses depois de você. Voltei nos últimos anos para ajudar na fazenda quando Zeke estava em tratamento.

Evie desviou o olhar.

— Eu não sabia disso.

Foi o maior interesse que demonstrou por ele desde que Jed chegara à ilha.

— Que tipo de trabalho faz? Consultoria em mineração? — perguntou suavemente enquanto olhava para ele

— Não. — Ele sustentou seus olhos, desejando que não desviasse o olhar novamente. — Eu segui meu sonho. Assim como você seguiu o seu, Evie.

Capítulo Vinte e Quatro



Evie

Brisbane

O voo de Hamilton Island para Brisbane foi rápido e, quando o avião começou a pousar no aeroporto de Brisbane, o estômago de Evie deu um nó. A última vez que viu o irmão foi no dia em que deixou Jed e Bylington, oito anos atrás. Ela cometeu o erro de ir até a fazenda contar a Zeke o que estava fazendo, pois pensou que tinham um relacionamento bom o suficiente para ele entender.

O que ela precisava.

E como estava perdida.

Sua reação foi absolutamente exagerada. As narinas de Zeke se dilataram quando ele gritou com ela. Eva deu um passo para trás, enquanto ele flexionava os dedos como se fosse dar um soco nela.

Talvez ele tivesse aprendido mais com o padrasto do que imaginava. Ele se afastou dela e deu um soco na lateral da casa com tanta força que ela ficou surpresa por não ter quebrado a mão.

Quando se virou, uma veia pulsou na testa de Zeke.

— Se deixar Jed e sair desta cidade, estará perdida para mim, Evangelina.
— Seus olhos eram frios e duros, e sua voz era baixa e controlada. — Nem se preocupe em entrar em contato comigo. Nunca — cuspiu.

Sem dizer uma palavra, ela se virou e caminhou até o carro. O carro que o marido comprou quando ela lhe disse que estava indo embora.

O baque das rodas da aeronave descendo do trem de pouso a arrancou de seus pensamentos.

Foi uma aterrissagem difícil e quando Evie ofegou, Jed estendeu a mão e pegou a dela.

— Você está muito nervosa, não está?

— Sobre encontrar Zeke, sim. — Ela deixou Jed segurar sua mão e tentou ignorar a leveza que a enchia. — Eu sou tão óbvia?

A voz de Jed era suave quando a mensagem “Bem-vindos a Brisbane” chegou ao sistema.

— Podemos ter estado juntos apenas por uma parte muito curta de nossas vidas, mas ainda sei o que motiva você. Aposto que seu estômago está embrulhado e está repassando todas as possíveis reações de Zeke.

— Estou. Ele tem que concordar que eu seja uma doadora se corresponder?

E se disser não?

— Não sei. Essa é uma das perguntas que terá que fazer. Mas Evie, pare de se preocupar. Zeke suavizou. Ele é um bom marido e um pai maravilhoso para seus dois filhos. Se houver alguma chance de ele encontrar um tratamento que funcione, não desistirá.

Evie mordeu o lábio e sua voz tremeu.

— E se ele não falar comigo?

— Ele vai. Ele ama você, querida, Evie. Quando eu te alcançava sempre que conseguia te encontrar, Zeke sempre queria saber onde estava e o que fazia. — Os seus olhos enrugaram-se num sorriso. — Quando eu soube onde estava, de qualquer maneira. Nunca te contei sobre a vez em que vi *Eros*. A casa de mamãe e papai não fica longe do promontório norte. Certa tarde, eu estava tomando uma cerveja e vi você navegando pela Baía de Moreton. A princípio não tive certeza se era o seu barco por causa da vela rosa choque, mas mesmo a meio quilômetro de distância, quando você apareceu no convés, eu a reconheci.

— A vela rosa fazia parte de uma corrida contra o câncer de mama que apoiei há alguns anos. — Ela apertou a mão dele com força. — Você deveria ter vindo e dito olá quando eu entrei.

Sua risada não continha alegria.

— Realmente?

— Ok, provavelmente não. — Ela encolheu os ombros e olhou para baixo. — Por mais difícil que seja aceitar, eu também amadureci, Jed. Nunca tive ressentimentos por você. Carreguei muita culpa porque sabia que nunca deveria ter me casado. É por isso que fiquei chateada nas poucas vezes que te vi. Atrapalhei sua vida por um bom tempo.

Sua resposta foi instantânea.

— Discordo. Eu não trocaria aquele ano, nove meses e quatro dias por nada — disse suavemente.

Antes que pudesse responder, a luz do cinto de segurança se apagou e Jed soltou sua mão enquanto eles recolhiam a bagagem de mão e se preparavam para desembarcar. Havia uma multidão nas esteiras de bagagem, e a mão dele estava firme nas costas dela enquanto a guiava até a esteira no final.

Logo pegaram as malas e estavam indo para o estacionamento de vários andares, onde Jed explicou que havia deixado o veículo quando voou para o norte em sua busca.

Evie estava esperando um carro luxuoso como ele sempre dirigiu, mas ficou surpresa quando apontou em direção ao seu veículo. As palavras mais furiosas que trocaram quando ela foi embora e Jed insistiu em lhe comprar um carro, foi porque queria lhe comprar um Audi, e ela insistiu em um sedã comum, pequeno e barato.

Então, quando ele parou atrás de um velho Toyota com tração nas quatro rodas, sua boca se abriu. Fechou-a rapidamente sem fazer qualquer comentário, mas reparou no sorriso no rosto de Jed. O nariz dela enrugou-se

quando ele abriu a porta do passageiro para ela, e um cheiro forte e afiado saiu.

— Isso é verniz marinho — comentou com curiosidade.

— Não, é óleo para decks. — Ele não deu mais detalhes.

Evie esticou as pernas e ignorou a pilha de trapos manchados de tinta no chão do lado do passageiro. Ela se virou ligeiramente e olhou para a traseira do longo veículo. Vasos de tinta e verniz e pedaços de madeira de tamanhos estranhos enchiam o resto do veículo.

— Este é o seu veículo?

Ele assentiu enquanto ligava o motor, engatava e saía do pequeno espaço.

— É.

Era como jogar “sim ou não”.

— Então, este é o seu veículo de trabalho? — perguntou enquanto descia a rampa em direção ao portão de saída.

Jed enfiou a mão no bolso e abriu a carteira, tirou um cartão de crédito e passou-o no sensor, e logo estavam na estrada principal para a cidade.

— Este é meu veículo de trabalho e meu veículo recreativo. Meu único veículo. Era do papai e imaginei que ainda lhe restavam alguns anos.

— Oh.

O sorriso que lançou para ela era largo. Ele ainda era um homem bonito e um arrepio percorreu a espinha de Evie quando Jed olhou para ela novamente.

— Gosto de surpreender você.

— Bem, estou surpresa. — Era bom ter uma conversa descontraída e isso estava tirando a mente de Evie do destino. — Você disse que seguiu seu sonho. Eu era imatura e egoísta quando nos casamos. Por que eu nunca soube qual era o seu sonho?

— Éramos jovens, Evie. E — O calor subiu por seu pescoço quando lançou outro olhar de soslaio para ela. — estávamos apaixonados e ocupados.

— Sim, mas você me conhecia tão bem. Sabia quais eram meus problemas e sabia o que eu adorava fazer e quais eram meus sonhos. Alguma vez conversamos sobre você? O que queria fazer? Quais eram seus sonhos?

— Fiquei feliz do jeito que estávamos. Fiquei feliz quando você estava feliz. É por isso que não briguei quando quis ir embora. Eu queria que fosse feliz e sabia que não era o suficiente para você. Doe, mas eu sabia que precisava deixá-la ir.

De repente, a conversa deles ficou intensa.

— Desculpe. Eu não queria que ficasse uma conversa tão pesada, e tão rapidamente — disse ele.

— Não, fui eu. Eu me sinto tão mal. Qual era o seu sonho, Jed?

Enquanto esperava, notou a cor manchar suas bochechas.

— Você provavelmente vai pensar que é bobagem. Quer dizer, eu fiz todo aquele estudo. Uma licenciatura em engenharia e todas aquelas viagens às minas ocidentais e ao estrangeiro, e depois desfiz tudo.

— Para? — Ela ergueu as sobrancelhas.

— Para seguir meu sonho e aprender o que é felicidade. — Suas mãos estavam apertadas no volante e o olhar de Evie permaneceu em seus antebraços fortes.

— E funcionou? — perguntou suavemente.

— Quase. Estou chegando lá. Eu serei honesto. Embora já tenham se passado oito anos, ainda sinto sua falta todos os dias, Evie. — Os nós dos dedos dele estavam brancos, e ela percebeu que, embora mantivesse o tom leve, Jed estava tenso. — Diga-me se eu estiver passando do limite. Você alguma vez pensa em mim?

— Frequentemente. — Ela olhou para as mãos no colo. — Mas sempre imaginei você naquela casa e no seu trabalho em Bylington. É um pouco chocante saber que está em Brisbane e que está fazendo isso... hum... pintura de convés?

A risada de Jed os cercou e Evie não pôde deixar de sorrir com ele.

— O que? Você não é pintor de convés?

— Não. — Ele balançou a cabeça. — Sou um artesão de móveis e me saí muito bem, mesmo que eu mesmo diga isso.

— Uau. Você realmente me surpreendeu. Eu não fazia ideia. Como funciona?

— Eu recebo pedidos. Eu construo o que o cliente solicita e cada conjunto é único.

Evie bateu no lábio com um dedo enquanto pensava.

— Quanto tempo você levaria... — ela balançou a cabeça. — Não, não importa. Você provavelmente está ocupado.

— Quanto tempo eu levaria para o quê?

— Bem, estávamos todos, e não somente Pippa, tentando pensar em um presente de casamento único para ela e Rafe. Eu ia fazer um recanto no jardim deles com alguns arbustos tropicais raros, e íamos procurar uma mesinha e duas cadeiras. Só para eles.

— Eu ficaria honrado. Eles parecem um ótimo casal.

Eva assentiu.

— Eles têm sido muito bons comigo.

— Não se desacredite. Um dia, eu estava conversando com Nell e ela me disse que você fez todo aquele paisagismo. — Ele riu. — E acredite em mim. Andei muito por aquela ilha procurando por você. Fez um lindo trabalho.

— Obrigada. Eu gostaria de ver alguns dos seus também.

— Tenho um galpão em Manly. Você é muito bem-vinda para ficar na minha casa. Espero que fique.

A garganta de Evie se fechou quando Jed entrou em um hospital particular e ela percebeu que haviam chegado.

— Ah, merda — disse.

Capítulo Vinte e Cinco



Pipa

Quando Rafe e eu estávamos em Hamilton Island depois de ver Evie e Jed no aeroporto, aproveitamos a oportunidade para nos encontrarmos com os Riccardos, e a notícia foi ótima.

Bem, ótima para nós, mas não tão bom para o trabalho deles que foi cancelado. Mas o que isso significou para Ma Carmichael's foi que assim que os suprimentos fossem entregues — e estivessem encomendados e prontos para serem enviados do continente — os irmãos poderiam começar a trabalhar.

Danny Riccardo apertou minha mão quando saímos do escritório.

— Garanto que com minha equipe podemos concluir seu trabalho em quatro semanas.

— Tudo isso? O restaurante, as cabanas e o spa?

— Sim, tenho uma ótima equipe e eles trabalham rápido, mas a qualidade não é comprometida. Colocaremos o concreto em três dias.

Engoli em seco e coloquei meu braço no de Rafe enquanto caminhávamos de volta para a área do restaurante.

— Estamos sendo bobos? Devemos esperar até depois do casamento?

— Querida — ele disse com aquele lindo sotaque que eu tanto amava. —, por mais que eu esteja encantado e ansioso pelo nosso casamento, na realidade é apenas um dia de vida na ilha. Se chover ou houver qualquer outro problema, isso não terá impacto na cerimônia. Se de fato o trabalho estiver concluído, você pode imaginar Tamsin, quando ela poderá ter a possibilidade de servir o bufê em uma cozinha comercial e ter a recepção em um prédio real?

— Como sempre, você está certo — disse, provocando-o.

Rafe colocou o braço em volta de mim e me abraçou.

— Você vai pagar por isso mais tarde, garota — ele brincou.

— Leve-me para tomar café da manhã e depois me leve para casa. — Estendi a mão e o beijei enquanto caminhávamos.

A vida estava agitada na casa de Ma Carmichael nos últimos meses, para não mencionar um pouco dramática. Nossa população itinerante cresceu desde que as meninas conheceram seus parceiros. Gabe e Nat deveriam vir neste fim de semana, e todos nós estaríamos lá, exceto Evie.

Rafe estendeu minha cadeira depois que escolhemos um popular café na

marina com vista. Ele sempre foi um cavalheiro e às vezes eu tinha que me beliscar para acreditar que esse homem me amava. Enquanto caminhávamos pela rua, muitas cabeças femininas se viraram e eu me enchi de orgulho.

— Por que está sorrindo? — perguntou enquanto se sentava à minha frente e servia um copo de água da jarra sobre a mesa.

— Simplesmente feliz — disse enquanto olhava em volta. — Tudo está indo tão bem. Toque na madeira. — Bati os nós dos dedos na mesa. — Só espero receber boas notícias de Evie depois que ela for ao médico. Espero que possa ajudar o irmão.

— O que você achou de Jed? — Rafe perguntou.

— Gostei dele. Ouvi muito sobre ele por Evie quando estávamos na universidade, e sempre falou muito bem dele.

— Então, já se conhecem há algum tempo? Achei que poderiam ter sido mais que amigos. Eu vi o jeito que ele estava olhando para Evie.

— Ah, esqueci que você não sabe. — Coloquei a mão na boca.

— Sobre o que?

— Eles são casados.

— Casados? Então, o que Evie está fazendo trabalhando para nós na ilha?

— Eles estão separados há muito tempo, mas nunca se divorciaram. Fiquei satisfeita ao ouvir Jed dizer que voltaria. Espero que nossa ilha possa fazer seu feitiço mágico.

— E que feitiço seria esse, sua romântica incurável? — Rafe pegou minha mão e roçou os lábios na palma aberta, e minhas pernas ficaram gelatinosas.

— Um feitiço romântico. Qualquer um pode ver que foram feitos para ficarem juntos.

— Deixe-os em paz. Tenho certeza de que se for para ser, eles vão resolver isso. Você tem muito trabalho para supervisionar e não consegue encontrar tempo para dar conta de tudo.

— Oh, droga, acabei de me lembrar. Também tenho outro compromisso, enquanto estamos aqui. Que horas são?

— Nove e meia.

— Ufa, temos tempo para comer antes de eu encontrar Cherry às dez.

— Cherry? Honestamente, Phillipa, não consigo acompanhá-la. Você vai me cansar.

— E vou adorar cada minuto — disse atrevidamente. — Ainda não é tarde para mudar de ideia sobre o casamento.

— Sem chance, amor. Agora, quem é Cherry?

— Cereja Chilcott. Ela vem trabalhar para nós no novo restaurante.

Rafe sorriu para mim com indulgência e gesticulou para a garçonete.

— Diga-me o que devo fazer e eu lhe atenderei.

Inclinei-me e sussurrei em seu ouvido, e não pude deixar de rir quando ele corou.

— Comporte-se, senhorita Carmichael!

Capítulo Vinte e Seis



Evie

Brisbane

Evie odiava hospitais desde os quatorze anos, pois sua mãe havia entrado em um e nunca mais voltara para casa. Então, enquanto caminhava pelo tapete cinza ao lado de Jed, seus passos eram silenciosos; cercados apenas pelos ruídos normais do hospital e pelos cheiros antissépticos. Vozes abafadas, máquinas apitando e o som de um carrinho de chá sendo empurrado pelo corredor adjacente quebraram o silêncio.

Evie lutou contra a náusea que crescia em seu estômago, e luzes prateadas começaram a pinicar sua visão à medida que avançavam pelo corredor. Uma sensação terrível de frio encheu seu peito e ela pensou que fosse vomitar. Ela parou de andar, respirou fundo antes de cruzar os braços sobre a barriga.

Antes que percebesse, Jed a levou para uma cadeira em uma pequena sala de espera e empurrou suavemente a cabeça dela entre os joelhos. Suas mãos tremiam, mas começou a se sentir melhor imediatamente quando o sangue começou a circular por seu corpo.

— Você está bem, querida? — A voz dele estava perto do ouvido dela e era calmante; o braço dele estava apertado em volta de seus ombros quando ela começou a se sentar.

— Sim, aquela sensação terrível de desmaio passou. É apenas estresse. Assim que eu ver Zeke, ficarei bem. — Ela endireitou-se. — Você poderia me trazer um pouco de água, por favor?

Jed deu um pulo e logo voltou com uma garrafa de água fria.

Evie bebeu profundamente e sentiu o calor voltar ao seu corpo.

— OK. Estou bem agora. Vamos fazer isso. É longe?

Jed balançou a cabeça.

— Na semana passada, Zeke estava na Ala Oito, perto daqui. — Ele estendeu a mão e pareceu natural para Evie colocar a mão na dele. Ele segurou-a com força e os últimos oito anos pareceram dissolver-se numa espécie de lapso de tempo.

Quando chegaram ao quarto, Jed fez um gesto para que ficasse na porta e se inclinou para verificar se ainda era onde Zeke estava.

Ele se virou com um aceno de cabeça.

— Ele está acordado.

Jed recuou e deixou Evie entrar primeiro.

Ela forçou um sorriso no rosto e se aproximou da cama no quarto privado. Zeke estava deitado de lado, conectado a um gotejador enquanto olhava pela grande janela para um jardim pequeno, mas colorido.

— Olá, irmão mais velho. — Evie parou ao lado da cama e Zeke virou a cabeça lentamente para olhar para ela. Ela manteve o sorriso no rosto até que Zeke levantou a mão direita e estendeu a mão para ela. Uma lágrima rolou pelo seu rosto enquanto ele tentava falar.

Sua voz estava rouca quando ele finalmente recuperou o fôlego.

— Evangelina. Eu sabia que você viria hoje.

— Jed lhe contou que eu estava a caminho? — perguntou, trêmula. O rosto de Zeke estava inchado e sua cabeça quase careca, apenas alguns tufo de cabelo aparecendo perto da testa.

— Não. Eu sonhei contigo. Sonhei que veio e disse que sentia muito. Eu tinha que te contar, caso...

— Não. O que aconteceu no passado fica no passado. Eu te amo, Zeke. — Evie tentou sorrir, mas se transformou em um soluço.



Entre os testes e as reuniões, Evie passava todas as tardes com o irmão e depois voltava para a casa de Jed, no início da noite, todos os dias. Quando chegaram, na primeira noite após deixarem o hospital, ele lhe mostrou um grande quarto de hóspedes com banheiro próprio e uma pequena cozinha no canto, no nível inferior adjacente à garagem.

— Dessa forma você pode ser independente se quiser. Há chá, café e pão no armário, e leite fresco, manteiga e geleia na geladeira. Eu esperava que pudesse ficar aqui, então comprei geleia de gengibre – disse Jed. — Se precisar de alguma coisa é só ligar. Meu quarto fica lá em cima.

Ela imaginou que estivesse dizendo isso por ela não estar muito próxima dele.

Depois de alguns dias, Evie se sentiu em casa e seus dias viraram uma rotina. Algumas manhãs ela subia as escadas e se sentava na varanda com Jed e tomavam café juntos olhando a baía antes de irem para o hospital.

Evie gostou do fato de Jed sempre manter a conversa muito genérica. Ele perguntou sobre os lugares onde esteve e o trabalho que realizou em Vanuatu.

— Para onde vamos depois da Ilha de Pentecostes? — perguntou certa manhã, enquanto se levantava para levar a caneca de café vazia para a cozinha.

— Estou bem resolvida lá. Provavelmente ficarei mais um pouco ainda. — Ela olhou para ele enquanto assentia. — E você? Vai ficar aqui?

Ele demorou um pouco para responder.

— Acho que sim. Estou bem instalado. Minha oficina fica perto e tenho um galpão atrás dela.

Evie não se conteve.

— Então esse é o seu trabalho. E sua vida social? Sai muito? — Ela engoliu em seco. — Está vendo alguém?

Seu sorriso desapareceu.

— Ainda sou casado. Importaria para você se eu estivesse saindo com alguém? E você? Está saindo com alguém? — Jed se virou e voltou para a cozinha antes que ela pudesse responder.

Bem, tudo correu bem, pensou. Mas isso a fez pensar em coisas que havia bloqueado há muito tempo. Talvez fosse a hora de insistir no divórcio para que ambos pudessem seguir em frente. Jed era jovem o suficiente para se casar novamente e constituir família.

Evie estava muito feliz com o que estava fazendo.

Estou, ela tentou se convencer.

Quando Jed voltou balançando as chaves do carro, o assunto não foi levantado novamente.

— Preparada?

Ela tocara no assunto quando ele estivesse mais acessível.



Evie desejou que os dias passassem mais rápido para que o transplante pudesse acontecer; ela podia ver Zeke ficando mais fraco a cada dia que passava. E sentia-se como se estivesse em um padrão de espera e os pensamentos sobre a urgência de seu trabalho na Ilha de Pentecostes retrocederam. Zeke era sua prioridade.

Jed foi incrível. Ele a levou às clínicas para fazer vários exames; cuidava dos dois sobrinhos dela enquanto Sam passava um tempo com Zeke e preparava uma refeição para Evie todas as noites. Sua casa era uma antiga Queenslander, e ficou constrangido ao mostrar a ela alguns dos móveis que havia feito para a casa.

— Pensei que tivesse dito que fazia móveis para áreas externas — disse enquanto olhava para as lindas peças em sua sala de estar.

— Sim, móveis para exteriores também, mas são só para mim. Pois não são bons o suficiente para serem vendidos.

Evie passou a mão pela mesa de centro. Era lisa e tão brilhante que quase conseguia ver seu reflexo nela.

— Está prestando um péssimo serviço a si mesmo. Você é muito talentoso, Jed.

— Isso paga as contas — disse ele.

— Não tem nenhum trabalho para fazer? Você me levou de carro a semana toda.

— Não, tirei uma folga enquanto está aqui e até Zeke fazer o transplante.

— Ele olhou para ela e uma onda de amor tomou conta de Evie.

Ela se aproximou e colocou a mão no ombro dele.

— Você é um bom homem, Jed.

Ele ergueu a mão e colocou-a sobre a dela; eles ficaram lá juntos, e ele

manteve o olhar dela até que Evie se virou.

— Vou verificar o jantar – disse ele calmamente.

Algo havia mudado entre eles e Evie achou difícil dormir naquela noite. Passar tanto tempo com Jed era estranho. Estranho, porque parecia natural. O silêncio entre eles era fácil, e o respeito dela por Jed crescia diariamente enquanto o observava interagir com os dois meninos e com Sam.

Às vezes, tinha que se levantar para fazer coisas que teria feito naturalmente quando moravam juntos. Um toque gentil, um olhar, um abraço – todas as ações a tentavam, e teve que lutar para não ceder.

À noite, quando subia na cama, desejava sentir os braços de Jed ao seu redor.

Nada havia mudado, disse a si mesma. Era o medo de perder Zeke, mais a estranha situação de viver com o ex-marido – não ex, disse a si mesma –, era a situação que a fazia se sentir carente, e não o ressurgimento de um relacionamento.

Capítulo Vinte e Sete



Evie

Os dez dias anteriores ao procedimento foram agitados. Evie se encontrou com o médico, fez o exame de sangue e, para sua alegria, ela era uma combinação perfeita de medula óssea para Zeke. Ela teve uma longa sessão com o responsável pela informação aos doadores, onde aprendeu sobre o processo e os riscos, para garantir que estava tomando a decisão certa. Depois de assinar os formulários de consentimento, ela passou por um exame médico completo e o procedimento foi marcado para meados da segunda semana após sua chegada.

Apesar do próximo procedimento médico, Evie relaxava mais a cada dia. Ela e Zeke conversaram e conversaram, e ele compartilhou suas esperanças – e medos – com ela.

Na véspera do procedimento, os dois ficaram sozinhos na sala privada. Como Jed lhe dissera, Zeke havia se tornado um homem maduro e sensato, nada parecido com o irmão impetuoso e raivoso com quem crescera.

— Foi difícil, não foi, mana? Perder o pai, a mãe e depois viver com aquele maldito mal-humorado durante cinco anos. Não é à toa que acabamos tão ferrados.

— Ei, fale por você mesmo — disse Evie, cutucando-o. — Não estou ferrada.

— Talvez não agora, mas estava naquela época. Partiu o coração de Jed e deixou os pedaços para Sam e eu juntarmos.

— Jed ficou feliz em me deixar ir, Zeke. Eu não quero falar sobre isso. Está tudo no passado agora.

— Não está, você sabe disso. E vamos conversar sobre isso, Eva. — Ele olhou para ela com um sorriso tortuoso — Esta pode ser minha última chance de dizer o que quero.

— Pare com isso, não diga isso — gritou e uma enfermeira que passava parou na porta.

Zeke acenou para ela se afastar.

— Está tudo bem, Geraldine. Minha irmã e eu estamos apenas tendo uma discussão. Uma que precisamos ter.

A enfermeira assentiu e continuou andando.

As bochechas de Evie queimaram de vergonha e ela se levantou.

— Já é hora de eu ir. Jed provavelmente está esperando no estacionamento.

— Sente-se, Evangelina.

Evie mordeu o lábio e fez o que o irmão pediu.

— Pode estar vagando pelas ilhas, enterrando a cabeça na areia, mas precisa ouvir algumas coisas — disse calmamente. — Precisa saber que, embora eu tenha gritado com você no dia em que partiu, foi porque entendi exatamente o que estava fazendo e por que se sentia assim. Eu te decepcionei. Você tinha apenas quatorze anos quando mamãe morreu. Eu vi como se isolou. Não tinha amigos, e Reg trabalhava duro com você em casa.

— Está tudo bem, eu sobrevivi. — Evie ergueu o queixo e olhou para o irmão. — Não precisa assumir a culpa por nada.

— Sim — disse ele. — Eu a decepcionei. Estava tentando provar que era um grande homem. Bebi demais e dei ordens a você. Quanto mais eu te machucava, menos me doía. Posso entender agora, mas fui um bastardo com você. Não admira que tenha corrido atrás do primeiro homem que lhe demonstrou gentileza.

Evie balançou a cabeça.

— Não foi só isso. Foi mais do que gentileza ou fuga da fazenda. Eu me apaixonei por Jed, Zeke. Não teve nada a ver com correr até ele. — Ela abaixou a cabeça. — E eu sei que ele me amava.

— Ele ainda ama você, Eva.

— Acho que não. — Ela levantou a cabeça e olhou nos olhos do irmão. Sua palidez e rosto inchado partiram seu coração. — Ele é um homem muito gentil e bom.

— Ele tem sido um bom companheiro para mim ao longo dos anos.

— Fico feliz em ouvir isso.

— Então, o que vai fazer a respeito? — perguntou Zeke.

— Não há nada a ser feito. Nós dois temos vida própria agora. Jed está feliz. Nós podemos ser amigos.

— Amigos casados? — Os olhos de Zeke estavam arregalados, e ela tinha certeza de que se ainda tivesse sobrancelhas, elas estariam levantadas. Ele se inclinou para frente e começou a tossir e Evie pegou sua água.

— Você falou demais. Eu entendi o que está dizendo e vou levar isso em consideração. OK?

— Tudo bem, vou deixar para lá agora, mas quero que me faça uma promessa. Na verdade, duas.

Evie olhou para ele e lutou contra as lágrimas que doíam em seus olhos enquanto olhava para o homem que era uma pálida sombra do irmão vital que havia deixado na fazenda naquele dia terrível, oito anos atrás.

— O que?

— Se eu não passar pelo transplante, ou algo assim, quero que cuide de Sam e dos meninos.

A garganta de Evie engrossou e ela assentiu.

— Claro que eu vou. É óbvio.

— Também quero que prometa que dará outra chance a Jed. Ele a ama,

Evie, sempre amou.

Ela olhou para o irmão e assentiu lentamente.

Capítulo Vinte e Oito



Evie

Zeke estava isolado há três dias e passou por outra rodada de quimioterapia. Samantha e os meninos foram jantar na casa de Jed na noite anterior ao procedimento. Ver os meninos rolando pelo chão com Jed fez Sam e Evie rirem. Depois do jantar e das histórias para os meninos, Jed os levou de volta para o chalé no terreno do hospital, e Evie optou por dormir cedo.

Sam a abraçou com força enquanto Jed colocava os meninos no carro.

— Obrigada, Eva. Nunca seremos capazes de agradecer o suficiente pelo que está fazendo.

— Não há necessidade de agradecimento, Sam — disse simplesmente. — Zeke é meu irmão.

Evie acordou cedo na manhã seguinte; pois tinha que estar no hospital às oito. Embora fosse um procedimento diurno, sabia que talvez precisasse passar a noite, então arrumou uma pequena sacola e a colocou sobre a mesa do lado de fora da suíte de hóspedes antes de subir as escadas em busca de Jed. A porta da frente estava aberta e ela entrou silenciosamente. Jed estava na cozinha, olhando pela janela.

— Bom dia — disse. — Estou arrumada e pronta para ir.

Jed virou-se lentamente e os olhos de Evie se arregalaram. Seu rosto estava pálido, mas havia duas manchas vermelhas no alto de suas bochechas e seus olhos estavam sombreados.

— Você está doente? — perguntou, apressando-se. Ela foi colocar a mão na testa dele para sentir se estava com calor, mas Jed pegou quando ela se levantou.

— Estou bem. Eu simplesmente não dormi.

Ela olhou para ele; ele não poderia parecer mais diferente do homem feliz que rolou pelo chão com dois meninos nas costas na noite passada. Evie percebeu o quanto Jed estava se esforçando para permanecer forte para todos.

Antes de se permitir pensar, deslizou os braços em volta da cintura dele e apoiou a cabeça em seu ombro. A mão de Jed subiu e segurou suavemente sua nuca, segurando-a perto. Ela não se permitia pensar em como aquilo parecia certo. O ombro familiar, o mesmo cheiro masculino. Ela fechou os olhos e tirou forças dele.

— Vai ficar tudo bem, Jed. Temos que ser positivos.

Sua voz estava tensa.

—Estive preocupado com você a noite toda. Pensando em todas as coisas que poderiam dar errado.

— Nada vai dar errado. Enquanto eu estiver no procedimento, vá tomar um café ou dar um passeio, não fique sentado esperando, porque o tempo vai se arrastar. Sairei antes que perceba, estaremos de volta aqui e você preparará meu jantar.

Seus braços se apertaram ao redor dela.

— Não posso deixar você entrar na cirurgia sem contar, Evie.

— Me contar? — Ela se afastou e olhou para ele.

— Eu nunca deixei de te amar. Preciso que saiba disso.

Antes que ela pudesse responder, os braços de Jed caíram e ele se afastou.

— Te encontro no carro.

Capítulo Vinte e Nove



Evie

Acontece que o procedimento de Evie foi adiado para a tarde e ela saiu tarde da recuperação após a anestesia, por isso passou a noite no hospital.

Jed estava esperando no saguão quando recebeu alta na manhã seguinte. Assim que o viu, Evie sentiu a mudança nele. Ele pegou sua bolsa e se afastou dela.

— Como está se sentindo? A enfermeira disse que tudo correu bem quando liguei ontem à noite. — Seu tom era distante e quase desinteressado. Era difícil acreditar que este era o mesmo homem que a abraçou vinte e quatro horas atrás e dissera que a amava.

— Um pouco dolorida nas costas, mas tudo bem. Não posso trabalhar durante uma semana, então ficarei aqui alguns dias depois que Zeke fizer o transplante de medula óssea.

Ele assentiu e apontou para a porta.

— Devemos ir?

Ele não voltou a falar até que entraram no carro e pegaram a rodovia em direção à baía.

— Pippa ligou ontem à noite e eu lhe disse que tudo correu bem. Ela disse para você não voltar correndo. Tudo estava sob controle.

— Bom. Ligo para ela mais tarde.

Jed a olhou.

— Você parece cansada. Quer ir direto para minha casa ou tomar café em algum lugar?

— Um café seria bom se tiver tempo.

Ele passou por sua casa e estacionou em frente à cafeteria da marina. Isso trouxe lembranças à tona para Evie; pois passou muito tempo naquela cafeteria quando o avô lhe deu seu barco.

Jed deu a volta e abriu a porta e ficou lá enquanto ela saía do carro. Ele se afastou novamente enquanto atravessavam o estacionamento.

Eles pediram e levaram seus cafés para fora.

— Os anos passaram rápido, não é?

Jed assentiu e apontou para uma mesa vazia com vista para a água. Era quase impossível envolvê-lo numa conversa. Seus olhos estavam semicerrados quando olhava para ela, e suas respostas geralmente eram sim ou não, até que ela perguntou se havia pensado em fazer o presente de

casamento para Rafe e Pippa.

Finalmente, havia alguma vida em sua expressão.

— Claro. O que exatamente tem em mente?

— Pippa e Rafe têm uma área nos fundos da casa voltada para o oeste. É um espaço pequeno, mas sei que ficam muito tempo lá fora. — Ela torceu o nariz ao olhar para ele, e desta vez ele não desviou o olhar. — Eu estava imaginando algo um pouco complicado. Uma peça que celebra o dia do casamento. Você sabe, talvez suas iniciais ou algo assim? Ou isso é um pouco bobo?

Ele assentiu lentamente.

— Tenho certeza de que posso inventar alguma coisa. Madeira clara ou escura?

— Escura.

— Ok, deixe comigo. — Ele empurrou a xícara e se levantou. — Parece cansada. Por que não vamos para casa e assim você pode dormir?

Evie estremeceu ao se levantar. Suas costas latejavam; não haveria trabalho manual no resort nem montagem de velas por um tempo. Jed pegou seu braço enquanto voltavam para o carro, apoiando-a e uma medida de paz se infiltrou através dela. Não tão íntimo quanto segurar sua mão, mas apreciou o calor da mão dele contra sua pele.

Capítulo Trinta



Pippa

— Excelente. Estou muito feliz em ouvir isso. Todos vocês devem estar muito aliviados – disse quando Evie ligou para contar as boas notícias sobre o progresso de Zeke. Rafe e eu estávamos inspecionando as novas cabanas.

— Sim, ele ainda não está fora de perigo, mas o oncologista está muito satisfeito. A contagem de glóbulos brancos de Zeke está aumentando e parece que o enxerto está acontecendo. Levarão vinte e oito dias até que saibam o quão bem-sucedido foi, mas todos estão otimistas e ele não teve nenhuma infecção.

— Estou muito feliz em ouvir isso. — Fiz sinal de positivo para Rafe.

— Então, voltarei para casa amanhã — disse Evie. —, estarei no voo do final da tarde. Se houver algum convidado chegando no mesmo voo, irei com Jiminy.

— Ok, vou verificar com Nell e te avisar. Caso contrário, iremos buscá-la. Como vão as coisas com Jed?

Evie fez uma pausa e seu tom mudou.

— Bem. Somos bons amigos. Não o vi muito na última semana porque ele voltou ao trabalho. E Zeke está isolado, então é melhor voltar para casa.

A decepção me encheu. Eu realmente esperava que Jed e Evie pudessem ter resolvido o relacionamento enquanto ela estava lá. Ficou claro para qualquer um que os viu juntos que foram feitos um para o outro.

Fiquei muito animada com o progresso da construção desde que Evie saiu. O concreto foi colocado em dez novas cabanas, no restaurante e no day spa, três dias depois da partida de Evie, e Rafe e eu nos encontramos com os Riccardos.

As dez cabanas pré-fabricadas foram construídas na semana passada e os interiores estariam concluídos no dia seguinte e prontos para receber os hóspedes no fim de semana. Eu entrevistei e contratei mais pessoal de limpeza, e Cherry e Mirabelle começariam como auxiliares de cozinha no sábado, junto com um chef que iria trabalhar como assistente de Tam.

— Estou ansiosa para vê-la amanhã, querida. E lembre-se, se ainda não estiver cem por cento, não irá trabalhar em nada!

— Tudo bem, até mais. E estou bem. Todos recuperados. Tchau.

— Tudo bem? — perguntou Rafe.

— Sim. O irmão dela está bem, mas Evie parecia aborrecida. Parece-me

que ela e Jed não deram certo.

Rafe colocou o braço em volta dos meus ombros enquanto caminhávamos em direção à laje do restaurante.

— Você não pode juntar todos, amor.

— Eu sei. Eu só esperava que funcionasse para ela, embora acredite que ficará bem animada em ver tudo isso.

— Ela vai.

— E adivinha o que aconteceu hoje?

— O que?

— As placas das cabanas, do day spa e do restaurante ficaram prontas.

— O restaurante? Achei que ainda não tinha nome.

— É verdade. — Eu o cutuquei. — Mas é uma surpresa para você.

— Hum. Gosto de surpresas? — Rafe me puxou para perto e deu um beijo em meus lábios.

— Vai adorar essa! — disse, com os dedos cruzados.

Capítulo Trinta e Um



Evie

Depois que Evie terminou a ligação com Pippa, pegou um táxi para o hospital. Jed ainda estava distante e não queria interrompê-lo, embora tenha lhe dado o número do celular no primeiro dia em que ela chegou.

De certa forma ficou satisfeita; não o ver muito a ajudava a se adaptar à ideia de partir e voltar para casa, na Ilha de Pentecostes. Nas duas últimas noites ela comeu sozinha e o ouviu chegar algumas horas depois de ir para a cama.

A ideia de deixá-lo estava causando estragos em suas emoções. Na noite anterior à sua ida para o hospital, considerou que talvez pudesse haver um futuro para eles.

Mas na manhã seguinte seu rosto congelou numa máscara inexpressiva e ela sabia que Jed se arrependera das palavras da noite anterior.

Zeke ainda estava isolado, mas ela podia ficar do lado de fora da porta e acenar através do painel de vidro enquanto lhe falava ao telefone. Uma onda de amor por seu irmão a envolveu quando seu rosto se abriu em um amplo sorriso e ele pegou o telefone.

— Ei, irmãzinha. Que bom vê-la! — A risada de Zeke foi alta. — Sem efeitos colaterais para você?

— Não, voltei ao normal. Como está se sentindo?

— Realmente ótimo e estou ansioso para voltar para casa. O médico acabou de chegar e acha que posso sair do hospital e podemos ir para a casa de Jed em duas semanas. Você ainda estará lá?

— É por isso que vim. Voltarei para a ilha amanhã à tarde. Agora que sei que está melhorando, posso manter contato por telefone.

— Vou esperar por isso. E Jed?

— O que tem ele?

— Ah, acho que é um não, você não resolveu nada. — Zeke parecia desapontado.

— Não há nada para resolver — disse rapidamente. — De qualquer forma, só vim me despedir, estou indo para a cidade fazer algumas compras. Diga adeus a Sam por mim e falarei com você quando chegar em casa. Eu te amo, Zeke. — Ela levou a mão aos lábios, soprou um beijo através do vidro e sorriu quando ele fez o mesmo na cama.



Evie vagou pelo Queen Street Mall em busca de um presente de casamento para Pippa e Rafe. Jed não mencionou fazer o ambiente externo para eles novamente, e ela não queria forçar. Para preencher o tempo, foi ao cabeleireiro e, numa decisão repentina, cortou seus longos cabelos na altura dos ombros e depois passou o tempo andando pelas boutiques de vestidos até encontrar um para usar no casamento de Pippa.

Mas ela não teve sucesso com o presente e decidiu procurar online quando voltasse para casa. Ainda faltavam três semanas para o casamento.

No ônibus, voltando para a baía, Evie olhou pela janela. O sol havia desaparecido e um céu pesado e cinzento pairava sobre a cidade. Seu humor combinava com isso; pois sabia que estava simplesmente marcando passo no Mall; já que não conseguia enfrentar a ideia de voltar para uma casa vazia.

Jed partiria seu coração. Ou talvez ainda estivesse quebrado desde quando o deixara. Não era menos do que ela merecia. Evie estava mais em contato com suas emoções atualmente. Reconciliar-se com Zeke, ver sua família feliz e depois ver o novo lado de Jed colocou tudo em perspectiva.

Precisava dele em sua vida para ser feliz; sabia disso agora. Mas havia deixado notado isso tarde demais. Jed deixou bem claro que não a queria.

Era hora de insistir no divórcio para que ambos pudessem seguir em frente.



A casa estava trancada quando Evie saiu do ponto de ônibus carregando suas compras. Estava escurecendo e ainda não havia sinal de Jed. Ela entrou na suíte de hóspedes com a chave que ele lhe dera e colocou os embrulhos na cama.

Ela havia deixado uma carga de roupa na secadora antes de ir para o hospital e foi até a lavanderia do andar de baixo, ao lado da suíte de hóspedes, para recolhê-la. Havia um cesto de roupas cheio de roupas de Jed na bancada, e as dobrou depois de tirar as roupas da secadora.

Embora tivessem sido lavadas e cheirassem a sabão em pó, levou uma das camisetas de Jed ao rosto e inalou o aroma doce de algodão.

Com uma respiração instável, ela o largou e depois juntou as roupas dele com as dela e as levou de volta para seu quarto.

Evie colocou as roupas na mala, pegou a chave que Jed lhe dera da porta da frente e levou a roupa lavada para cima. Ela caminhou pela casa, apreciando o lar que Jed havia criado. Abrindo a porta do quarto principal, entrou e colocou as roupas dele na cama e, ao se virar para sair, uma foto na mesinha de cabeceira chamou sua atenção.

Uma foto de casamento feliz e sorridente. Quando Evie viu a expressão nos olhos de Jed quando ele olhou para ela na foto que seu amigo Boyd tirou, seu coração se partiu novamente.

Ela saiu para a varanda e ficou olhando para o céu escuro enquanto a infelicidade a enchia. Por fim, se endireitou, pegou o telefone e discou para

Jed.

Ele atendeu imediatamente.

— Evie? Está tudo bem?

— Sim, acabei de ligar para saber a que horas volta hoje à noite.

— Por que isso? — Sua voz era cautelosa.

— Vou embora amanhã e quero falar com você antes de partir.

— Ah. Entendo. Um momento.

Evie franziu a testa ao ouvi-lo falando com alguém ao fundo, e uma onda de ciúme tomou conta dela ao ouvir uma voz feminina.

— Ok, estou indo agora. Vejo você daqui a pouco. — A ligação foi desconectada e ela ficou ali examinando seus sentimentos e pensando no que iria dizer.



Jed

Foi apenas uma questão de minutos até que entrasse com o carro na garagem. Saber que Evie estava indo embora o encheu de emoções confusas. Ele endureceu o coração na tentativa de se proteger; ficou muito claro que ela não retribuía o amor dele. Quando abriu a porta do carro, ela saiu pela porta da suíte de hóspedes e ele a encarou.

Fechando a porta atrás de si, ele disse:

— O que você fez?

Ele estendeu a mão para tocar as pontas do cabelo que agora nem chegava aos ombros.

— Ah, isso? Eu cortei o cabelo. Vai ser mais fresco quando eu estiver trabalhando no resort no verão.

— É diferente. Não quero que seja um insulto, mas não é você.

Seus olhos brilharam de raiva.

— É agora.

— O que for mais conveniente para você. — Jed encolheu os ombros e se virou de volta ao carro. — Eu trouxe comida chinesa. Eu estava fazendo o pedido quando ligou.

— Oh — foi tudo o que disse, mas uma expressão estranha passou por seu rosto.

— Você está feliz em comer agora?

— Sim, e depois descerei e farei as malas. Vou embora amanhã cedo. — Ela o seguiu escada acima.

— Vou levar você ao aeroporto.

— Não há necessidade — disse. — Posso pegar um táxi. — Evie estava ao lado dele e era difícil ler sua expressão.

— Vou pegar os pratos.

De repente, Jed percebeu, ela estava nervosa. Disse que queria falar com

ele, e tinha uma boa ideia do que estava por vir.

Ele colocou os recipientes na mesa da sala de jantar e foi até o banheiro lavar as mãos. Olhando para seu reflexo, pôde ver a tensão em volta de sua boca e a dor em seus olhos. Ele achou que seria difícil deixar Evangelina ir para Bylington; desta vez seria ainda mais difícil, porque sabia que amava Evie muito mais agora. Ela amadureceu e se tornou uma mulher bonita e confiante; demonstrou força em sua reconciliação com Zeke, empatia com Sam e os meninos e coragem ao doar sua medula óssea para salvar a vida de seu irmão.

Mas se era o que ela queria; ele poderia fazer isso. Daria liberdade a Evie, mesmo que lhe partisse o coração.

De novo.

Abrindo a torneira de água fria, lavou o rosto e se preparou para a conversa mais difícil de sua vida.

Capítulo Trinta e Dois



Evie

Comeram em silêncio, cada um perdido em seus próprios pensamentos. Jed se ofereceu para abrir uma garrafa de vinho, mas Evie balançou a cabeça.

— Não, obrigada.

O vinho era para comemorar e não havia nada para comemorar esta noite.

Jed empurrou o prato e olhou para o outro lado da mesa.

— Eu sei sobre o que quer conversar e tornarei isso mais fácil para você. Você quer o divórcio?

Ela assentiu em silêncio.

Ele sustentou o olhar dela.

— Ok, provavelmente deveríamos ter feito isso há muito tempo, não deveríamos?

— Não foi por falta de tentativa — ela disse friamente.

Seus lábios se apertaram.

— É verdade, mas será muito mais fácil agora.

— Mais fácil? Você realmente acha isso? Como assim?

— A parte legal, quero dizer. Verei meu advogado esta semana e lhe enviarei tudo o que for necessário. Mas há uma coisa que não vou deixar você negar. Pagarei a você um acordo financeiro.

— Não. Não quero o seu dinheiro. — Eu quero você, Jed, seu coração chorou. Evie cravou as unhas nas palmas das mãos e manteve a voz calma. — Vou doá-lo para pesquisas sobre o câncer.

— Será o seu dinheiro; poderá fazer o que quiser com ele.

Ela assentiu.

— Eu posso.

A tristeza cortou seu íntimo quando olhou para o marido pelo que poderia ser a última vez. Seria provável que o visse novamente? Nas últimas três semanas, seu amor por ele se aprofundou, mas precisava libertá-lo. Mas será que poderia realmente se afastar dele e não olhar para trás?

Evie abaixou a cabeça. Ela respirou fundo e olhou para as mãos entrelaçadas no colo.

— Não vamos partir em más condições, Jed. Ficamos felizes por um tempo e gostei muito de ter cuidado de mim enquanto Zeke estava no hospital.

— Foi um prazer. Sentirei sua falta, Evie. Será estranho voltar para uma casa vazia novamente.

O coração de Evie batia lentamente e seus joelhos tremiam quando forçou a ficar de pé. Se ficasse mais tempo, sabia que iria quebrar e não podia deixar isso acontecer.

Jed levantou-se e ela acenou para que permanecesse sentado.

— Fique aí. Eu vou para a cama. Meu voo sai mais cedo. Vou me despedir agora. — Ela se manteve rígida e contornou a mesa. Colocar a mão no ombro largo de Jed e inclinar-se para dar um beijo em sua bochecha foi a coisa mais difícil que já fizera.

A mão dele subiu e pressionou a dela, mas ele não a olhou.

— Adeus, Jed.

— Adeus, Evangelina.



Evie levantou-se antes do amanhecer e chamou um táxi; ela não tinha dormido nada e, embora seu voo só fosse no meio da tarde, não queria correr o risco de ver Jed novamente. Ela sabia que iria desabar se o fizesse.

Ela pediu ao táxi que a buscasse no cruzamento perto da marina, deixou a chave da suíte de hóspedes na mesinha de cabeceira e fechou a porta silenciosamente atrás de si.

Ao caminhar até a trilha, olhou para cima; a casa estava às escuras e ela imaginou que Jed estava lá em cima, num sono profundo e aliviado. Então, quando levantou a pequena bolsa por cima do ombro e segurou a mala acima da calçada de cascalho para que as rodas não fizessem barulho, a primeira lágrima rolou pelo seu rosto.



Duas horas depois, Evie estava sentada em uma cafeteria no terminal do aeroporto de Brisbane. Suas malas estavam a seus pés; era muito cedo para despachar a bagagem para o voo da tarde. Seu café estava frio e intocado sobre a mesa. Ela havia perdido o apetite e seu peito estava opaco e pesado. Tudo o que queria era voltar para a ilha e mergulhar nos jardins, e deixar-se curar. Superar Jed seria difícil, mas sabia que era forte o suficiente para fazer isso.

Ela se recomporia assim que entrasse no avião. Faltavam apenas algumas semanas para o casamento e seria uma época feliz na ilha. Depois que o casamento terminasse e o paisagismo estivesse pronto, levaria Kestrel para navegar por algumas semanas e lamperia suas feridas emocionais em particular.

Ela pulou quando seu telefone tocou, e um brilho de sorriso esticou seus lábios levemente quando viu o nome de Zeke aparecer na tela.

Respirando fundo, injetou brilho em sua voz.

— Ei, Zeke. Como está hoje?

— Estou lutando em boa forma. Eles estão muito satisfeitos com meu progresso. Parece que vencemos esse idiota juntos. Você nunca saberá o quanto eu te amo pelo que fez, Evangelina. — A emoção na voz de seu irmão

a fez piscar as lágrimas.

Mas eram lágrimas de felicidade.

— Eu faria tudo de novo, se fosse necessário. Eu também te amo, Zeke.

— Ok, já superamos o calor e a confusão, indo direto ao ponto, como você está? E onde está?

— Eu estou no aeroporto. Por quê?

— Eu estava conversando com Jed e ele disse que você já tinha saído. Achei que seu voo só seria esta tarde.

— Hum, sim, é, mas eu queria chegar aqui mais cedo.

— Bem cedo. Desligue, vou falar com você pelo Facetime.

— O que? Por quê? — perguntou, mas Zeke havia encerrado a ligação. Seu telefone tocou imediatamente e apenas aceitou a chamada de áudio. Ela podia ver Zeke, mas ele não a via.

— Ligue sua câmera e olhe para mim, Evangelina — exigiu seu irmão.

— Por quê?

— Porque quero que olhe para mim quando eu perguntar algo.

— O quê? — Sua voz estava grossa, e sabia que seus olhos estavam vermelhos de tanto chorar. Ela estava tirando tudo do seu sistema antes de chegar à ilha.

— Faça isso.

Evie suspirou e tocou o botão de vídeo.

— Você está uma merda — disse Zeke. — Por que está chorando?

— Porque sim.

— Você parece ter dez anos. Lembro-me bem desse tom.

Evie sorriu e mostrou a língua para ele, e ele riu.

— Assim é melhor. Agora me diga o que há de errado. É porque está deixando Jed de novo, não é?

Ela assentiu em silêncio.

— Foi difícil estar de novo com ele, mas vou superar.

— Só me diga uma coisa, mana. E então lhe deixarei você em paz. Você o ama?

Ela mordeu o lábio e assentiu.

— Claro que eu sim. Nunca parei, mas acabou sendo tarde demais. Jed não me quer mais. Não é justo, não é?

— Não, não é. Ok, mana, cuide-se e eu falo com você quando chegar em casa. Sam e eu já conversamos sobre levar as crianças para as férias quando eu tiver permissão para viajar. Quero ver esta ilha que fez mágica com você.

— Isso é fabuloso... — Antes que pudesse responder, a tela ficou preta. Zeke havia desligado.

Evie recostou a cabeça no assento almofadado. Ela havia escolhido uma mesa em um canto escuro com banco corrido, e estava ficando lotado; teria que comprar outro café para poder cuidar da mesa. O terminal era barulhento enquanto os voos matinais se enchiam de passageiros que viajavam por todo o país. Ela empurrou a mala para baixo do assento e caminhou até o balcão,

mantendo um olho na mesa.

Uma seleção de café da manhã encheu a vitrine de vidro e sabia que teria que forçar alguma coisa para ter energia para chegar em casa. Talvez a comida ajudasse a aliviar a dor no peito.

Evie tirou os olhos da mesa e pediu outro café e uma torrada de presunto e queijo. Quando se virou e voltou para a mesa, soltou um gemido baixo. Um homem sentou-se à sua mesa, de costas para ela. Ela correu e então parou.

Era Jed sentado à mesa esperando por ela. Colocando a bolsa no ombro, se virou, procurando o banheiro. Ela ia ficar doente.

Eu não posso fazer isso de novo.

Correndo às cegas pela cafeteria, parou repentinamente quando uma mão agarrou seu braço.

Evie se virou e olhou para os familiares olhos azuis cheios de preocupação.

Olhos azuis que conhecia e amava.

Olhos azuis cercados por linhas de riso iluminados pelo largo sorriso no rosto de Jed.

O calor percorreu-a quando viu a expressão nos olhos dele. Não mais preocupação, mas uma ternura que ela nunca esqueceu.

— O que?

— Você tem algo para me contar, Evie? — repetiu.

— Você esteve conversando com Zeke? — perguntou baixinho enquanto ele a conduzia até a mesa. Ela deslizou de volta para o assento encostada na parede e Jed a seguiu. Ela ficou presa entre o corpanzil dele e a parede.

— Sim — respondeu. — E ele me disse que você não acreditava mais que eu te amava.

Ela assentiu.

— Sim. Quer dizer, não.

— Estava muito errada ao pensar isso, amor. Mesmo que eu tenha que ficar sentado aqui com você o dia e a noite toda para fazê-la me ouvir, que assim seja. — Jed estendeu a mão e pegou as dela.

— Por quê? — O primeiro sinal de doce alívio instalou-se no peito de Evie quando a esperança começou a criar raízes.

— Eu não ia deixar você sair esta manhã. Fiquei acordado a noite toda e, assim que amanheceu, desci e bati na sua porta. — Fiquei lá por uma boa meia hora contando tudo o que queria através daquela porta fechada, e então vi as marcas das rodas da sua mala no cascalho e percebi que estava falando com uma porta. Não vou embora até que acredite em mim. Eu te amo, Evangelina Stephenson. — Jed aproximou o rosto do dela e sua respiração sussurrou em sua bochecha. — E então, quando eu te convencer desse fato, você não vai me abandonar.

— Eu preciso — disse ela. — Quer dizer, não preciso deixar você, mas preciso voltar para a ilha.

— Diga-me uma coisa, e apenas uma coisa. Você me ama?

— Eu nunca deixei de te amar, Jed. Nunca, nem por um minuto. Partiu-me

o coração quando te deixei da última vez, e voltou a partir-se todo quando pensei que tinha deixado de me amar. — Ela riu por entre as lágrimas que lhe desciam pelo rosto. — Até tive ciúmes da senhora do restaurante chinês quando te liguei ontem à noite.

Jed estava tão perto dela que Evie sentiu a risada ressoar em seu peito.

— Não posso ficar, por mais que eu queira. Tenho que voltar e terminar o paisagismo do casamento.

Ele se recostou e tirou lenço branco do bolso da camisa.

— Eu a conheço muito bem. Eu sabia que diria isso. Então, não vou deixá-la me abandonar. Eu vou com você.

Evie arregalou os olhos enquanto a felicidade a inundava.

— Se não houver onde ficar, você... nós... podemos ficar no meu barco.

— É tudo de bom. Liguei para Nell e estou usando o crédito de cinco dias que tenho. Mas desta vez reservei uma cabana para dois. Depois que isso acabar, talvez tenhamos que ficar no seu barco. Eu ficarei e te ajudarei com seu paisagismo. E à noite, vou me deitar com você e dizer o quanto te amo. E nunca vou deixá-la partir de novo. Aonde você vai, eu vou — disse simplesmente.

Evie jogou os braços em volta do pescoço do marido e o abraçou.

— E o seu trabalho? Você esteve ocupado esta semana. Pode simplesmente ir embora?

— Sou meu próprio patrão, querida, e estava ocupado atendendo um pedido para uma mulher que é muito especial para mim. Foi enviado para a Ilha Pentecostes esta manhã. — Ele sorriu para ela. — Dirigido à minha esposa.

— Você fez o presente de casamento? Era isso que estava fazendo?

— Sim.

— Achei que você não queria ficar comigo.

Quando os lábios de Jed reivindicaram os dela, não se falou por muito tempo. Eventualmente, Evie recuou.

— Faria uma coisa por mim?

— Qualquer coisa, mas primeiro temos que ligar para Zeke e dizer que nos casamos de novo.

Evie balançou a cabeça.

— Não, você tem que fazer isso primeiro. — Ela enfiou a mão dentro da camiseta e puxou a longa corrente que segurava suas alianças de noivado e de casamento. — Você pode colocá-las para mim, por favor?

— Com prazer, meu amor.

Epílogo



Pippa

A noite de sábado no Turtle Bar, na Ilha Pentecostes, parecia ser uma grande noite. As meninas decidiram organizar uma festa pré-casamento para Rafe e eu — duas semanas antes do nosso próximo casamento — bem como uma celebração de casamento tardia — oito anos — para Evie e Jed. Foi um jantar no bar, e eu sabia que seria muito difícil para Tamsin deixar sua cozinha para o novo chef, mas todos nós insistimos que ela colocasse o novo subchef, Angus Alexander, responsável pela noite.

— Você não precisa fazer isso por nós — disse Evie quando contamos a ela. Jed mal tinha saído de seu lado desde que chegaram, três dias atrás. Jamais esquecerei a sensação de alegria que me encheu quando esperei no cais com Tamsin, na tarde de terça-feira, que Evie chegasse no barco de Jiminy com outros três convidados, além de Angus. Evie e Jed voltaram a ficar juntos no mês passado, quando Evie foi para Brisbane para ser doadora de medula óssea para seu irmão.

Ao longo dos meses em que trabalhou como paisagista no Ma Carmichael's Resort, Evie se tornou uma de nós. Minha tia havia me deixado a casa e o terreno na ilha, e o novo resort estava em desenvolvimento.

— Ah, sim, temos — respondi. — Há muito o que comemorar e você pertence à ilha, Evie. Você é parte de nós e sempre será, mesmo depois de se mudar para Brisbane com Jed. — Evie concordou em ficar enquanto o trabalho de construção estava sendo feito e eu anunciei um novo paisagista; ela parecia muito animada em voltar para Brisbane com Jed.

Ver Evie nos braços do marido quando o barco chegou à baía foi um momento muito feliz para mim — um dos muitos destaques do nosso tempo na ilha.

Se alguém merecia a felicidade, era Evie, e nunca esquecerei a expressão em seu rosto quando contei que ela e Jed estavam reservados para uma das novas cabanas para uma semana de lua de mel, como presente de casamento atrasado das meninas. Depois disso, eles ficariam no quatinho dela nos fundos da casa. Jed ainda não estava interessado em permanecer no barco de Evie, Kestrel, mas eu sabia que ela o convenceria no final.

Evie era uma pessoa diferente da mulher tensa que deixou a Ilha Pentecostes para ir a Brisbane a fim de ver se ela era compatível com a medula óssea de seu irmão, Zeke. Todos ficamos muito felizes por eles

quando a operação foi um sucesso e Zeke teve uma boa recuperação.

Esta noite seria uma noite de comemoração: nosso próximo casamento, a reconciliação de Evie e Jed e o progresso do resort, que avançava a grande velocidade, graças aos maravilhosos irmãos Riccardo.

As luzes já estavam acesas ao redor do bar quando Rafe e eu descemos depois do pôr do sol.

— Você nunca pensou em chamar isso de “Happy Ever After Resort”, não é? — Rafe comentou enquanto caminhávamos, com o braço em volta dos meus ombros.

— Tivemos muitas ideias. Mas isso foi antes de começar o felizes para sempre.

Ele me puxou para mais perto e roçou os lábios em minha bochecha. Parei de andar, me virei e estendi a mão para beijar sua boca.

— E tem havido alguns deles ultimamente, não é? — disse ele.

Eu balancei a cabeça. Rafe e eu, Eliza e Phillipe, Nell e Nat, Tamsin e Gabe, e agora Evie e Jed.

— Talvez *devêssemos* ter dado ao resort um nome que significasse “feliz” — disse.

— Eu gosto de “Ma Carmichael’s” — disse ele. — E isso faz da sua tia Vi uma parte do lugar.

Eu ficaria eternamente grata à tia Vi por vender metade da ilha para Rafe e deixar o resto comigo.

Rafe e eu estávamos vestidos em homenagem às comemorações e, quando entramos, fiquei satisfeita ao ver que não éramos os únicos que nos esforçamos. As mesas do bar, cobertas com nossas novas toalhas brancas, foram colocadas em forma de U para que pudéssemos conversar facilmente uns com os outros. Flores tropicais vibrantes enchiam pequenos vasos de vidro e os novos talheres e copos brilhavam à suave luz das velas.

Sienna e Eliza usavam vestidos coloridos e cada uma delas tinha uma flor de hibisco enfiada no cabelo. Outra onda de felicidade passou por mim enquanto pensava em como minha vida havia mudado; Eu amava minha ilha, amava meus amigos – antigos e novos – e amava o homem ao meu lado.

Fiquei na ponta dos pés, estendi a mão e dei outro beijo nos lábios de Rafe.

— Eu já disse que te amo hoje?

Rafe ergueu um dedo elegante e colocou-o na bochecha enquanto inclinava a cabeça para o lado. Os olhos escuros brilharam de tanto rir e seu lindo rosto se abriu em um sorriso.

— Sim, acredito que sim. Já te disse como você está linda esta noite?

Sorri de volta para ele e passei as mãos pelas laterais do vestido de seda azul claro que encontrei em uma nova boutique em Hamilton Island na semana passada. A seda sussurrava contra minhas pernas nuas quando eu me movia.

— Disse. E você também não parece tão ruim, mas poderia ter tentado mais, rapaz. Olha, Phillipe está de smoking.

Rafe riu.

— Ele está, mas pelo menos eu estou de sapatos.

Eu ri ao olhar para os pés bronzeados, mas descalços, do belo francês.

— Ele pode ser quieto, mas acho que Phillipe é um pouco malandro — sussurrei.

— Tenho certeza de que sim — concordou Rafe.

Nat e Gabe estavam conversando do outro lado do bar. Nat sorriu e ergueu uma garrafa de espumante enquanto eu me aproximava.

— Bom. Espero que vocês dois não estejam conversando sobre trabalho.

— Sorri e olhei em volta. — Onde estão as meninas?

Nat riu e Gabe balançou a cabeça e apontou para a casa.

— Onde você acha? — ele disse. — Nell está no escritório e Tam foi para a cozinha. Ambos temos parceiras workaholics.

— Você criou monstros, Pippa — disse Nat.

Revirei os olhos.

— Ambas deveriam estar de folga! É por isso que Angus veio no início da semana, e é por isso que tenho Mirabelle trabalhando como garçonne e Tess no escritório. Eu sei que Jiminy demorou para trazer Cherry, mas Tam não precisa estar na cozinha. Ou Nell no escritório! Vou apressá-las.

Nosso grupo de funcionários casuais disponíveis estava crescendo bem e conseguimos contratar alguns funcionários de primeira linha. O Ma Carmichael's estava crescendo mais rápido do que imaginávamos, graças à parceria e à contribuição financeira de Eliza.

Sienna e Eliza estavam conversando com um dos casais hospedados na ilha. O jantar para os convidados estava sendo servido na varanda da casa, mas havíamos deixado o bar aberto para bebidas antes do jantar para quem quisesse passar. Sendo sábado à noite, como sempre, tivemos alguns iates para nos visitar para uma bebida e petiscos. O burburinho da conversa e das risadas aumentaram a vibração.

— Algum pedido para a cozinha, Nat?

— Sim, por favor. — Ele me entregou uma página do livro de anotações.

— Obrigada. — Parei na saída e sorri para o casal mais velho sentado no final do bar. — Bem-vindos ao Ma Carmichael's. — Depois de uma breve conversa, virei-me para Sienna e Eliza e falei baixinho. — Vocês duas estão lindas.

— Você também, amor — disse Eliza enquanto apontava para meu vestido. — Esplêndido.

— Estou feliz com isso.

— Mal posso esperar para ver o vestido de noiva — respondeu Eliza. — Acho que você foi malvada em não nos mostrar.

— É uma surpresa para todos — disse. Apaixonei-me pelo vestido incomum no instante em que o vi na mesma boutique na semana passada. Eu tinha saído da minha rotina tão tarde que estava começando a me preocupar com a possibilidade de não encontrar nada adequado.

— Para onde você vai agora? — perguntou Sienna.

— Para casa. Não vou demorar. — Balancei a cabeça com um sorriso irônico. — Vou apressar as workaholics. Espero que Tam e Nell estejam vestidas para a ocasião.

— Eles estão, ligaram para cá antes de Nell ir para o escritório e Tam ir receber o barco. — Eliza ergueu o copo. — Ambas tomaram um copo rápido de espumante aqui primeiro. Por que você não toma um antes de subir?

— Obrigada, mas antes irei arrastá-las de volta. — Revirei os olhos e fui para casa.

Era uma noite linda e clara e a lua estava alta em um céu brilhante e estrelado. A água brilhava prateada sob a lua brilhante, e os sons suaves das ondas empurrando a areia para cima proporcionavam um cenário relaxante. As luzes solares nos jardins de Evie estavam direcionadas para as cabanas e pareciam acolhedoras sob a luz suave. Todo o lugar estava começando a ganhar um toque próprio e a palavra que me veio à mente foi “elegante”.

Casual, mas, sim, elegante. Desde que Eliza entrou como parceira financeira, compramos acessórios e móveis de maior qualidade do que pensávamos que poderíamos pagar, e o resort parecia ótimo.

A felicidade tomou conta de mim quando comparei o que estava vendo agora com a aparência da Ilha de Pentecostes quando chegamos, há quase um ano.

Fizemos um bom trabalho, pensei enquanto caminhava pelo caminho pavimentado até a casa original onde morei com Tam e Nell quando nos mudamos para a ilha. A cozinha ainda estava em uso, mas não por muito mais tempo; a cozinha comercial estava quase pronta – estávamos aguardando a instalação do fogão a gás e dos fornos e eu realmente esperava que estivesse pronta para o nosso casamento, no sábado. A nova cozinha ficava perto do bar e o restaurante ao ar livre também estava quase pronto. Os irmãos Riccardo, a construtora que contratei, trabalhavam como troianos e, com sorte, estes seriam os últimos dias em que a cozinha da casa seria usada para um grande grupo. Tínhamos assumido o controle do bar para nossa celebração desta noite, mas deixamos o lado da baía do bar aberto para o público dos iates; alguns dos clientes habituais estavam bebendo em frente à nossa mesa.

A nova configuração era muito diferente da época em que tia Vi atendia convidados na antiga casa. Pelo menos isso significou que havia espaço para o pessoal viver – até agora, embora em locais muito próximos. Se as coisas corresse conforme o planejado, eu construiria algumas acomodações para os funcionários no alto da colina, longe das cabanas, no próximo estágio de desenvolvimento.

Enquanto subia os degraus, fiz uma careta. Vozes altas vinham da cozinha, mas desviei-me para o casal que já estava sentado à mesa com vista para a baía.

— Olá, espero que gostem do seu jantar. Senhor e senhora Clarke, não é?

— Sim, mas Jeff e Dianne, por favor. — A jovem apontou para a baía onde

o luar iluminava a água até ficar prateada e incandescente. O canto ocasional dos pássaros proporcionou uma trilha sonora natural para a área de jantar. — Adoramos o seu resort. Com uma vista como esta, a comida não importa.

— Já postamos algumas de nossas fotos no Instagram e as postagens já tiveram algumas centenas de curtidas — disse Jeff.

— Obrigado. O boca a boca é a melhor... — interrompi quando a voz de Cherry, estridente e no volume máximo, quebrou o silêncio.

— Sem chance!

— Por favor, com licença — disse com um sorriso tenso e corri pela varanda até a porta que dava para a cozinha.

— Eu não vou trabalhar com esse... esse... monstro. Se eu soubesse que você estaria aqui, Angus Alexander, teria corrido um quilômetro. — Cherry Chilcott havia trabalhado para nós pela primeira vez na abertura oficial do bar, e além de mostrar como ela era uma grande trabalhadora naquela noite, Tam também a conhecia de um restaurante na Gold Coast onde trabalhava como garçoneiro. Quando entrevistei Cherry em Hamilton Island, algumas semanas atrás, ela me disse que tinha a mesma experiência como ajudante de cozinha e que preferia trabalhar com alimentos em vez de bebidas. Eu sabia que Tam estava impressionada e esperava oferecer-lhe um estágio, se fosse o caso.

Quando entrei na cozinha, a voz suave e calma de Tamsin foi abafada pelas palavras de Angus, o novo chef.

— Se eu soubesse que esta mulher incompetente, preguiçosa e desonesta estava na ilha, teria feito as malas e corrido o mais rápido e longe que pudesse — ressoou sua voz profunda.

Arregalei os olhos e parei na porta. Nosso novo chef segurava uma faca enorme e apontava para Cherry.

— Olhe para ele, isso é agressão — gritou Cherry. — Ele está me ameaçando com uma faca.

— Ouça-a! Para onde foi a quieta e tímida Cherry agora? Tudo uma atuação! — gritou Angus. — Você não consegue evitar, não é?

— Ah, pelo amor de Deus, vocês dois. — Tam teve que gritar para ser ouvida em meio às vozes furiosas. — Poderia, por favor, se acalmar?

Entre na sala despercebida, tirei uma panela do gancho acima da bancada e bati-a no banco. Uma vez, mas difícil.

Houve um silêncio instantâneo depois que o som reverberou pela cozinha e todos se viraram para olhar para mim.

— Então... — disse, mantendo a voz baixa, calma e controlada, embora também sentisse vontade de gritar. Fiquei horrorizado com o comportamento na cozinha. — Vocês percebem que há convidados na varanda que podem ouvir cada palavra vinda desta cozinha? Cherry, pare de gritar. Angus, largue essa faca imediatamente. Mirabelle, por favor, leve uma garrafa de vinho de cortesia ao casal Clarke sentado à mesa no canto da varanda. Diga-lhes que falarei com eles quando sair. Aqui está um pedido para você colocar também. — Entreguei o pedido a Mirabelle e esperei até que o colocasse acima da

bancada.

Três rostos, um exasperado e dois irritados e vermelhos, viraram-se para olhar para mim.

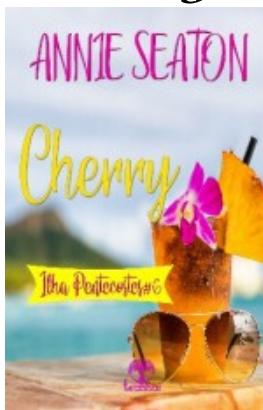
— Agora, o que diabos está acontecendo no meu resort? — perguntei friamente.

O FIM

Agradecimentos

Um agradecimento especial à minha maravilhosa editora e parceira crítica, Susanne Bellamy, e às minhas revisoras atentas, Roby Aiken, Nicki Edwards, Anna Welch e Kristen Woolgar.

Cherry



Todos por um e um por todos.

Cherry Chilcott sempre sonhou em ser chef. Quando lhe é oferecido um estágio no novo restaurante do resort na Ilha de Pentecostes, o seu sonho está ao seu alcance. Tamsin Jones, sua chefe, é uma chef premiada e Cherry deseja seguir seus passos.

Quando Angus Alexander assume o cargo de subchefe do restaurante, ele se torna supervisor de Cherry. Mal sabe Tamsin que esta dupla tem uma história e que terminou mal - muito mal.

Conseguirá Cherry ignorar as faíscas que ainda acendem entre eles, e poderá Angus aprender a confiar na mulher que um dia amou?

Venha passar mais tempo com as meninas na Ilha de Pentecostes.

Prólogo



Pippa

Sábado à noite no Turtle Bar na Ilha Pentecostes prometia ser uma grande noite. As meninas tinham decidido fazer uma festa pré-casamento para Rafe e eu — duas semanas antes do nosso casamento iminente —, além de uma celebração de casamento atrasada — por oito anos — para Evie e Jed. Era um jantar, e eu sabia que seria realmente difícil para Tamsin renunciar da cozinha para o novo chef, mas insistimos para que ela deixasse o novo sous chef, Angus Alexander, no comando naquela noite.

— Você não precisa fazer isso por nós — disse Evie quando contamos a ela. Jed mal havia saído de seu lado desde que chegaram três dias atrás. Nunca esquecerei a sensação de alegria que me invadiu quando esperei no cais com Tamsin na terça-feira à tarde pela chegada de Evie no barco de Jiminy com outros três convidados, além de Angus. Evie e Jed tinham se reconciliado no

mês passado, quando ela foi a Brisbane para ser doadora de medula óssea para o irmão.

Ao longo dos meses em que trabalhou como paisagista no Ma Carmichael's Resort, Evie se tornou uma de nós. Minha tia deixou a casa e a terra na ilha para mim, e o novo resort estava em desenvolvimento.

— Ah, sim, precisamos — respondi. — Há muito o que celebrar e você pertence à ilha, Evie. Faz parte de nós e sempre fará, mesmo depois de se mudar para Brisbane com Jed. — Evie concordou em ficar enquanto as obras estavam sendo feitas e eu anunciei um novo paisagista; pois ela parecia realmente animada em voltar para Brisbane com Jed. Vê-la nos braços do marido quando o barco chegou à baía foi um momento muito feliz para mim - um dos muitos destaques do nosso tempo na ilha. Se alguém merecia felicidade, era Evie, e nunca esquecerei seu olhar quando disse que ela e Jed tinham uma reserva em uma das novas cabanas para uma semana de lua de mel, como presente de casamento atrasado. Depois disso, ficariam no quarto pequeno dela nos fundos da casa. Jed não estava muito interessado - ainda - em ficar no barco de Evie, o *Kestrel*, mas eu sabia que o convenceria no final.

Evie estava diferente da mulher tensa que havia deixado a Ilha de Pentecostes para ir a Brisbane verificar se era compatível com a medula óssea de seu irmão, Zeke. E assim ficamos felizes quando a operação foi um sucesso e ele se recuperou bem.

Esta noite seria uma celebração: nosso casamento iminente, a reconciliação de Evie e Jed, e o progresso do resort, que avançava a toda velocidade, graças aos maravilhosos irmãos Riccardo.

As luzes já estavam acesas ao redor do bar quando Rafe e eu descemos depois do pôr do sol.

— Você nunca considerou chamar isso de ‘Resort Felizes Para Sempre’, não é? — comentou Rafe, enquanto caminhávamos, com o braço em volta dos meus ombros.

— Nós discutimos muitas ideias. Mas foi antes dos finais felizes começarem. — Ele me puxou para mais perto e roçou os lábios na minha bochecha. Parei de andar, virei-me e alcancei para beijar sua boca.

— E tem havido alguns ultimamente, não é? — ele disse.

Concordei. Rafe e eu, Eliza e Phillipe, Nell e Nat, Tamsin e Gabe, e agora Evie e Jed.

— Talvez *devêssemos* ter nomeado o resort com algo relacionado à felicidade — falei.

— Mas eu gosto de “Ma Carmichael's” — disse ele. — E isso torna sua tia Vi parte do lugar.

Eu estaria para sempre grata à Tia Vi por vender metade da ilha para Rafe e deixar o resto para mim.

Tanto Rafe quanto eu, estávamos vestidos para a ocasião das celebrações, e quando entramos, fiquei satisfeita ao ver que não éramos os únicos que tinham se esforçado. As mesas do bar, cobertas com nossas novas toalhas brancas,

foram arranjadas em forma de U para que pudéssemos conversar facilmente uns com os outros. Flores tropicais vibrantes enchiam pequenos vasos de vidro, e os novos talheres e copos brilhavam à luz suave das velas.

Sienna e Eliza estavam usando vestidos coloridos, e cada uma tinha uma flor de hibisco enfiada nos cabelos. Outra onda de felicidade me percorreu quando pensei em como minha vida havia mudado; eu amava minha ilha, amava meus amigos — antigos e novos — e amava o homem ao meu lado.

Eu fiquei nas pontas dos pés e dei outro beijo nos lábios de Rafe.

— Já disse hoje que te amo?

Rafe ergueu um dedo elegante e o colocou na bochecha, inclinando a cabeça para o lado. Olhos escuros cintilavam com risadas e seu belo rosto se iluminava em um sorriso.

— Sim, acho que já. Eu já te disse o quão linda está hoje?

Sorri de volta para ele e alisei minhas mãos pelos lados do vestido de seda azul-pálido que eu havia encontrado em uma nova boutique em Hamilton Island na semana passada. A seda sussurrava contra minhas pernas nuas quando eu me movia.

— Disse. E você não está mal, mas poderia ter se esforçado mais, rapaz. Olha, Phillipe está usando um smoking.

Rafe riu.

— Ele está, mas pelo menos estou usando sapatos.

Eu ri enquanto olhava para os pés descalços, porém bronzeados, do belo francês.

— Ele pode ser quieto, mas acho que Phillipe é um pouco malandro — sussurrei.

— Tenho certeza de que é — concordou Rafe.

Nat e Gabe estavam em uma conversa animada do outro lado do bar. Nat sorriu e ergueu uma garrafa de espumante quando me aproximei.

— Espero que vocês dois não estejam falando sobre trabalho. — Sorri e olhei ao redor. — Onde estão as meninas?

Nat riu e Gabe balançou a cabeça, apontando para a casa.

— Onde você acha? — disse. — Nell está no escritório e Tam foi para a cozinha. Nós dois temos parceiras viciadas em trabalho.

— Você criou monstros, Pippa — disse Nat.

Revirei os olhos.

— Elas deveriam estar de folga! Foi por isso que Angus veio mais cedo na semana passada, e por isso tenho Mirabelle trabalhando como garçoneite, e Tess no escritório. Eu sei que Jiminy demorou para trazer Cherry, mas Tam não precisa estar na cozinha. Nem Nell no escritório! Vou lá apressá-las.

Nosso grupo de funcionários temporários estava crescendo, e conseguimos contratar alguns funcionários excelentes. Ma Carmichael's estava crescendo mais rápido do que jamais imaginamos, graças à parceria e contribuição financeira de Eliza.

Sienna e Eliza estavam conversando com um dos casais hospedados na

ilha. O jantar para os hóspedes estava sendo servido na varanda da casa, mas deixamos o bar aberto para drinques antes do jantar para quem quisesse passar por lá. Sendo sábado à noite, como de costume, tínhamos alguns dos iatistas para uma bebida e petiscos. O burburinho de conversas e risadas contribuía para o clima.

— Algum pedido para a cozinha, Nat?

— Sim, por favor. — Ele me entregou uma página do livro de pedidos.

— Obrigada. — Pausa no caminho para sorrir para o casal mais velho sentado no final do bar. — Bem-vindos ao Ma Carmichael's. — Após uma breve conversa, virei-me para Sienna e Eliza e falei baixinho. — Vocês duas estão lindas.

— Você também, querida — disse Eliza ao fazer um gesto para meu vestido. — Deslumbrante.

— Estou feliz com ele.

— Mal posso esperar para ver o vestido de noiva — respondeu Eliza. — Acho que está sendo má por não nos mostrar.

— É uma surpresa para todos — disse. Apaixonei-me pelo vestido incomum quando o vi na mesma boutique da semana passada. Deixei minha busca tão em cima da hora que estava começando a me preocupar que não encontraria nada adequado.

— Para onde vai agora? — perguntou Sienna.

— Para a casa. Não vou demorar. — Balancei a cabeça com um sorriso irônico. — Estou indo apressar as viciadas em trabalho. Espero que Tam e Nell estejam vestidas para a ocasião.

— Estão. Elas passaram aqui antes de Nell ir para o escritório e Tam ir encontrar o barco. — Eliza levantou o copo. — Ambas tomaram uma rápida taça de espumante antes. Por que não toma uma antes de subir?

— Obrigada, mas eu vou lá e as arrasto de volta. — Revirei os olhos e fui para a casa.

Era uma noite bonita e clara, e a lua estava alta em um céu estrelado brilhante. A água brilhava prateada sob a lua brilhante, e os sons suaves das ondas batendo na areia de cascalho proporcionavam um pano de fundo relaxante. As luzes solares nos jardins de Evie estavam direcionadas para as cabanas, e pareciam acolhedoras na luz suave. O lugar todo estava começando a ter uma atmosfera própria, e a palavra que veio à minha mente foi “elegante”.

Casual e elegante. Desde que Eliza entrou como parceira financeira, temos um padrão mais elevado de equipamentos e mobília do que pensávamos que poderíamos pagar, e o resort ficou ótimo.

A felicidade fluía através de mim enquanto comparava o que via agora com o que a Ilha Pentecostes parecia quando chegamos quase um ano atrás.

Nós fizemos um bom trabalho, pensei, enquanto caminhava ao longo do caminho pavimentado até a casa original onde morávamos, eu, Tam e Nell, quando nos mudamos para a ilha pela primeira vez. A cozinha ainda estava

em uso, mas não por muito mais tempo; pois a cozinha comercial estava quase pronta - estávamos esperando a instalação do cooktop e fornos a gás e eu realmente esperava que estivesse terminada para o nosso casamento na próxima semana. A nova cozinha ficava perto do bar, e o restaurante ao ar livre também estava quase terminado. Os Irmãos Riccardo, a empresa de construção que contratei, trabalharam como verdadeiros guerreiros, e espero que estes sejam os últimos dias em que a cozinha da casa será usada para um grande grupo. Nós havíamos tomado conta do bar para nossa celebração esta noite, mas deixamos o lado da baía aberto para a multidão de iates; alguns dos habituais estavam no balcão em frente à nossa mesa.

O novo arranjo era muito diferente dos dias em que Tia Vi cuidava dos hóspedes na casa antiga. Pelo menos significava que havia espaço para a equipe morar - até agora, embora fossem espaços muito próximos. Se as coisas seguissem conforme o planejado, eu pretendia construir alguns alojamentos para a equipe no alto da colina, longe das cabanas, na próxima etapa do desenvolvimento.

Enquanto subia os degraus, franzi a testa. Vozes altas vinham da cozinha, mas segui em direção ao casal que já estava sentado à mesa com vista para a baía.

— Olá, espero que aproveitem o jantar. Senhor e Senhora Clarke, não é?

— Sim, mas Jeff e Dianne, por favor. — A jovem mulher apontou para a baía onde a luz da lua iluminava a água num prateado incandescente. O ocasional canto de pássaros fornecia uma trilha sonora natural para a área de jantar. — Nós amamos o seu resort. Com uma vista como esta, a comida não importa.

— Nós já postamos algumas de nossas fotos no Instagram, e as postagens já tiveram algumas centenas de curtidas — disse Jeff.

— Obrigada. O boca a boca é sempre o melhor. — Fui interrompida pela voz de Cherry, estridente e em volume total, que quebrou o silêncio.

— De jeito nenhum!

— Por favor, me desculpem — disse com um sorriso tenso e rapidamente segui pela varanda em direção à porta que levava à cozinha.

— Eu não vou trabalhar com este... este... monstro. Se eu soubesse que estaria aqui, Angus Alexander, teria corrido um quilômetro — disse Cherry Chilcott. Ela havia trabalhado conosco na inauguração oficial do bar e, além de mostrar que era uma ótima trabalhadora, Tam também a conhecia de um restaurante na Gold Coast, onde trabalhava como garçone. Quando a entrevistei em Hamilton Island algumas semanas atrás, ela me disse que tinha a mesma experiência como ajudante de cozinha, e que preferia trabalhar com comida em vez de bebida. Eu sabia que Tam estava impressionada e esperava lhe oferecer um estágio, se fosse o caso.

Quando entrei na cozinha, a voz suave e calma de Tamsin foi abafada pelas palavras de Angus, o novo chef.

— Se eu soubesse que essa mulher incompetente, preguiçosa e desonesta

estava na ilha, teria arrumado minhas malas e corrido o mais rápido e longe que pudesse. — Ressoou sua voz profunda.

Arregalei os olhos e parei imediatamente na porta. Nosso novo chef estava segurando uma enorme faca e apontando-a para Cherry.

— Olhem para ele, isso é agressão — Cherry gritou. — Ele está me ameaçando com uma faca.

— Escutem ela! Cadê a Cherry quieta e tímida agora? Tudo uma encenação! — Angus gritou. — Não consegue se controlar, não é?

— Ah, pelo amor de Deus, os dois. — Tam teve que gritar para ser ouvida sobre as vozes furiosas. — Poderiam, por favor, se acalmar?

Entrei na sala despercebida, peguei uma panela no gancho acima da bancada e bati com força no balcão.

Houve silêncio imediato depois que o som reverberou pela cozinha e todos se viraram para me olhar.

Quietos! — disse, mantendo minha voz baixa, calma e controlada, mesmo que eu também quisesse gritar. Estava horrorizada com o comportamento na cozinha. — Vocês percebem que há hóspedes na varanda que podem ouvir cada palavra vinda desta cozinha? Cherry, pare de gritar. Angus, coloque imediatamente essa faca no lugar. Mirabelle, por favor, leve uma garrafa de vinho como cortesia para o casal Clarke sentado na mesa no canto da varanda. Diga a eles que vou lhes falar quando sair. Aqui está um pedido para preparar também. — Entreguei para Mirabelle e esperei até que o colocasse acima da bancada.

Três rostos, um exasperado e dois zangados e ruborizados, se viraram para me olhar.

— Agora, o que diabos está acontecendo no meu resort? — perguntei friamente.

Ilha Pentecostes

Livro 1



Passe um mês na Ilha de Pentecostes e experimente uma incrível aventura entre quatro melhores amigas, os desafios que elas enfrentam, o passado ameaçando se meter entre elas e sua amizade ao iniciar um novo resort.

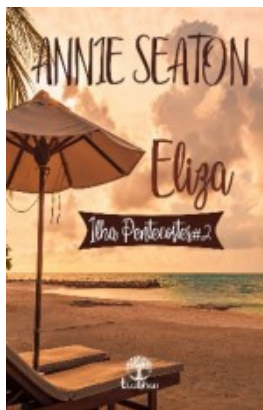
Quando Pippa Carmichael herda uma casa em uma ilha tropical deserta, não poderia ter vindo em melhor hora. A vida tem sido difícil ultimamente; ela perdeu seu emprego, deixou seu namorado e agora é hora de recomeçar. Com suas duas melhores amigas, Pippa parte para a Ilha de Pentecostes para averiguar sua herança e se surpreende ao descobrir que há outro residente na ilha.

O autor recluso, Rafe Rendell, não se impressiona quando um barco cheio de mulheres aparece em sua ilha, interrompendo sua pacífica existência. Fica menos impressionado quando conhece Pippa, a atrevida nova proprietária da mansão de Ma Carmichael.

Será que estes dois poderão viver em harmonia na mesma pequena ilha ou será que o sonho de Pippa está destinado ao fracasso?

Da autora best-seller, Annie Seaton, uma história emocionante de novo amor, amizades e o laço inquebrantável que faz com que amigos permaneçam juntos através dos altos e baixos da vida.

Livro 2



Passe um mês na Ilha de Pentecostes e experimente uma incrível aventura entre quatro melhores amigas, os desafios que elas enfrentam, o passado ameaçando se meter entre elas e sua amizade ao iniciar um novo resort.

Eliza Pengelly sempre levou a vida que queria, mas às vezes escolhas ruins levam ao sofrimento.

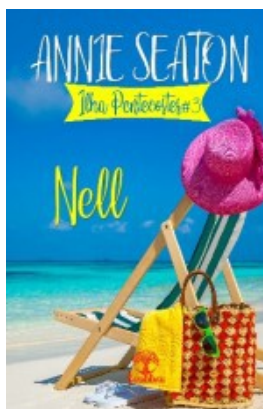
A escolha final - e o maior erro de sua vida - foi sua fuga para a Ilha Pentecostes. Desesperada para recomeçar, Eliza está feliz por trabalhar - e se esconder - na ilha por tanto tempo quanto Pippa precise de um carpinteiro para realizar seu sonho. Ter amigas por perto para apoiá-la em tempos difíceis é um bônus.

Mas Eliza rapidamente descobre que não se pode fugir de seus demônios. A chegada do carismático marinheiro Phillipe Renton coloca em risco a segurança da nova vida que Eliza está criando.

Vivendo sua vida nos oceanos e viajando pelo mundo, Phillipe não tem vínculos, mas a atração pela vulnerável Eliza é impossível de resistir.

Será que o segredo obscuro dela será revelado - um segredo que pode destruir qualquer chance de felicidade para sua nova vida?

Livro 3



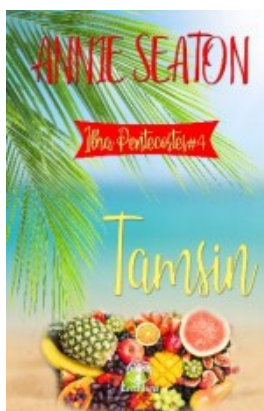
Nell O'Leary vê o mundo de forma lógica e está satisfeita com a

administração do resort ecológico de sua amiga Pippa. Ela guarda um segredo de seu passado e é extremamente insegura em relação ao sexo oposto. Quando Nell se depara com um problema técnico no resort, entra em contato com uma empresa de computadores e fica desanimada ao descobrir que o proprietário é seu antigo amigo, Nat Dwyer. Nat estudou com ela na universidade, mas essa é a única coisa que ele e Nell têm em comum.

Apesar de terem sido bons amigos, Nat era um mulherengo, sem nenhuma intenção de se estabelecer. Quando Nell pede a Nat para ajudar no local, a ajuda que ele oferece se torna pessoal. Mas a última coisa que Nat espera é se apaixonar por essa mulher tranquila. Nell luta contra seus sentimentos crescentes; é impossível para ela confiar em Nat.

Será que Nell conseguirá superar sua falta de confiança ou seu passado está destinado a lhes causar sofrimento?

Livro 4



Tamsin Jones investiu muito tempo e energia no serviço de bufê do novo resort ecológico desenvolvido por sua amiga Pippa, na Ilha de Pentecostes. A dinâmica da equipe de trabalho - e a amizade de toda uma vida - mudou com o retorno de Eliza Pengelly e Phillipe. As tensões estão em alta e a inauguração oficial é iminente, então Tamsin tira alguns dias de folga e conhece o sexy Gabe Brown. Mas, apesar de sucumbir ao seu charme, Tamsin sabe que Gabe está guardando um segredo. Está determinada a descobrir por que ele se interessa tanto por ela.

Gabe tem uma tarefa a cumprir, mas Tamsin não é o que ele esperava; quanto mais perto chega de concluir a tarefa que lhe foi confiada, mais se apaixona por ela. Deveria ser fácil ignorá-la e concluir a tarefa que lhe foi designada..., mas Gabe nunca se sentiu tão atraído por uma mulher antes.

Ao perder a confiança de Tamsin, será que Gabe conseguirá se redimir e salvar seu coração no processo?

Mais da Autora

Série Amor Através do Tempo

Livro 1



9786588382028

Uma história de amor de viagem no tempo lindamente escrita. Um romance que mistura suspense e implicações da viagem no tempo.

Da autora premiada Annie Seaton, esse romance que percorre o tempo vai aquecer seu coração.

Megan Miller chegou a uma encruzilhada em sua carreira. As acusações de violação da ética em seu ensino universitário abalaram seu mundo. Enquanto viaja meio mundo para o festival de rock de Glastonbury com o intuito de pesquisar e completar sua tese de doutorado, ela espera que a confusão que abandonou, na Austrália, seja resolvida enquanto ela estiver na Inglaterra.

Davy Morgan, um cantor de rock recluso, tenta manter seu mundo musical e sua vida particular separados; sua própria existência depende disso. Mas quando a linda mulher, que parece ter vindo do mundo das fadas, aparece na cabana ao lado, ele deve fazer tudo o que puder para manter seu segredo oculto. Porque tudo não é como parece no mundo de Davy.

Quando a verdade vier à tona, seu amor poderá atravessar décadas ou será que se perderá no tempo?

Livro 2



9786588382431

Beth McLaren sabe que o chalé de sua tia-avó tem a chave do mistério que tem sido um segredo de família desde que ela era criança. Determinada a descobrir se o que ela leu no diário da tia-avó Alice é verdade, Beth viaja meio mundo para Glastonbury para resolver o mistério.

Silas Rogers, um músico excêntrico que se muda para a casa de campo, está igualmente determinado a evitar que Beth saiba a verdade... e a manter afastada do perigo. A última coisa que ele esperava era se apaixonar.

Mas quando Beth se encontrar no século XV... poderá confiar que Silas irá encontrá-la e levá-la para casa?

Quando a verdade vier à tona, seu amor atravessará os séculos, ou se perderá no tempo?

Livro 3



9786580754472

Alice McLaren é uma viajante..., mas as suas viagens devem permanecer em segredo. Agora, sem família, ela deixa Londres durante o Blitz para se mudar para a casa de campo de sua família em Somerset. Alice planeja levar as crianças refugiadas de Londres e cuidar delas no campo.

No entanto, suas viagens a levam muito mais longe do que o previsto, longe para um lugar mais seguro, longe da guerra e dos bombardeios

incessantes.

Quando conhece e se apaixona por Branton, Alice fica dilacerada. Há uma criança para ser resgatada, e Alice é a única que poderá salvar Amelia Adnum. Ela deve escolher entre Branton e levar a criança perdida para casa em segurança.

Com a mudança das circunstâncias, Alice terá que tomar uma decisão que poderá mudar muitas vidas.

Branton sabe que Alice tem um segredo, mas não consegue entender por que se recusa a ficar com ele. Não suporta perdê-la, mas será que Branton conseguirá convencer Alice de que seu amor perdurará, não importando o que aconteça?

Livro 4



9786554441094

Quando Lucy McLaren se casou com Royden Kavanagh, ela insistiu em manter seu nome de família. A história da família McLaren e seu chalé em Somerset, na Inglaterra, a conduziu inexoravelmente ao passado e lhe deu um sentido que era incapaz - ou talvez, relutante - em explicar.

À medida que sua filha, Beth, cresceu e começou a questionar o passado, o casamento de Lucy fracassou, e ela sabia que o único caminho para salvar sua sanidade, e justificar suas ações para sua filha, era voltar atrás e procurar o homem pelo qual havia se apaixonado há muitos anos.

Será que ela poderia dizer à filha que toda a sua vida tinha sido uma mentira?

E o amor de sua vida, ainda estará lá quando Lucy voltar ao século XIX?

Agradecimentos

Um agradecimento especial à minha maravilhosa editora e parceira crítica, Susanne Bellamy, e aos meus revisores de olhos de águia, Roby Aiken, Anna Welch e Kristen Woolgar.

Sobre a autora

Annie Seaton



Autora do ano no Ausrom Readers' Choice 2014

Autora mais determinada no Author Ausrom Readers' Choice 2015

Finalista como Autora do ano, Livro do ano e Capa do ano no Ausrom Readers' Choice 2016

Autora mais determinada no Ausrom Readers' Choice 2017

Livro do ano (Whitsunday Dawn) no Ausrom Readers' Choice 2018

Finalista do Livro de suspense romântico do ano (Whitsunday Dawn) 2018 (ARRA)

Selecionada para a categoria Irmãos no crime (Whitsunday Dawn) no Davitt Award 2018

Annie vive na Austrália, na linda costa norte de New South Wales. Senta-se em sua cadeira de escrita e observa o tranquilo Oceano Pacífico.

Escreve romances contemporâneos e ama contar histórias que sempre têm um final feliz. Mora com seu protagonista preferido há muitos anos, e dividem a casa com Toby, o cachorrinho mais levado do universo, e Barney, o gatinho Ragdoll que se esconde quando os netos chegam para uma visita.

Informações Leabhar

Nos acompanhe e fique por dentro das Novidades



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o E-mail [Leabhar Books®](#)

Table of contents

1. Capa
2. Folha Rosto
3. Direitos Autorais
4. Dedicatória
5. Capítulo um
 1. Evie
6. Capítulo dois
 1. Tamsin
7. Capítulo três
 1. Pippa
8. Capítulo quatro
 1. Tamsin
9. Capítulo Cinco
 1. Eva
10. Capítulo Seis
 1. Jed
11. Capítulo Sete
 1. Jed
12. Capítulo Oito
 1. Pippa
13. Capítulo Nove
 1. Eva
14. Capítulo Dez
 1. Eva
15. Capítulo Onze
 1. Evie
16. Capítulo Doze
 1. Eva
17. Capítulo Treze
 1. Pippa
18. Capítulo Quatorze
 1. Eva
19. Capítulo Quinze
 1. Evie
20. Capítulo Dezesesseis
 1. Evie
21. Capítulo Dezessete
 1. Jed
22. Capítulo Dezoito
 1. Eva

- 23. Capítulo Dezenove
 - 1. Eva
 - 2. Jed
- 24. Capítulo Vinte
 - 1. Eva
- 25. Capítulo Vinte e Um
 - 1. Evie
- 26. Capítulo Vinte e Dois
 - 1. Eva
- 27. Capítulo Vinte e Três
 - 1. Jed
- 28. Capítulo Vinte e Quatro
 - 1. Evie
- 29. Capítulo Vinte e Cinco
 - 1. Pipa
- 30. Capítulo Vinte e Seis
 - 1. Evie
- 31. Capítulo Vinte e Sete
 - 1. Evie
- 32. Capítulo Vinte e Oito
 - 1. Evie
- 33. Capítulo Vinte e Nove
 - 1. Evie
- 34. Capítulo Trinta
 - 1. Pippa
- 35. Capítulo Trinta e Um
 - 1. Evie
 - 2. Jed
- 36. Capítulo Trinta e Dois
 - 1. Evie
- 37. Epílogo
 - 1. Pippa
- 38. Agradecimentos
- 39. Cherry
 - 1. Prólogo
- 40. Ilha Pentecostes
- 41. Mais da Autora
- 42. Agradecimentos
- 43. Sobre a autora
- 44. Informações Leabhar

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)

1. [1](#)
2. [2](#)
3. [3](#)
4. [4](#)
5. [5](#)
6. [6](#)
7. [7](#)
8. [8](#)
9. [9](#)
10. [10](#)
11. [11](#)
12. [12](#)
13. [13](#)
14. [14](#)
15. [15](#)
16. [16](#)
17. [17](#)
18. [18](#)
19. [19](#)
20. [20](#)
21. [21](#)
22. [22](#)
23. [23](#)
24. [24](#)
25. [25](#)
26. [26](#)
27. [27](#)
28. [28](#)
29. [29](#)
30. [30](#)
31. [31](#)
32. [32](#)
33. [33](#)
34. [34](#)
35. [35](#)
36. [36](#)
37. [37](#)
38. [38](#)
39. [39](#)
40. [40](#)
41. [41](#)

42. [42](#)
43. [43](#)
44. [44](#)
45. [45](#)
46. [46](#)
47. [47](#)
48. [48](#)
49. [49](#)
50. [50](#)
51. [51](#)
52. [52](#)
53. [53](#)
54. [54](#)
55. [55](#)
56. [56](#)
57. [57](#)
58. [58](#)
59. [59](#)
60. [60](#)
61. [61](#)
62. [62](#)
63. [63](#)
64. [64](#)
65. [65](#)
66. [66](#)
67. [67](#)
68. [68](#)
69. [69](#)
70. [70](#)
71. [71](#)
72. [72](#)
73. [73](#)
74. [74](#)
75. [75](#)
76. [76](#)
77. [77](#)
78. [78](#)
79. [79](#)
80. [80](#)
81. [81](#)
82. [82](#)
83. [83](#)
84. [84](#)
85. [85](#)

86.	86
87.	87
88.	88
89.	89
90.	90
91.	91
92.	92
93.	93
94.	94
95.	95
96.	96
97.	97
98.	98
99.	99
100.	100
101.	101
102.	102
103.	103
104.	104
105.	105
106.	106
107.	107
108.	108
109.	109
110.	110
111.	111
112.	112
113.	113
114.	114
115.	115
116.	116
117.	117
118.	118
119.	119
120.	120
121.	121
122.	122
123.	123
124.	124
125.	125
126.	126
127.	127
128.	128
129.	129

130. [130](#)
131. [131](#)
132. [132](#)
133. [133](#)
134. [134](#)
135. [135](#)
136. [136](#)
137. [137](#)
138. [138](#)
139. [139](#)
140. [140](#)
141. [141](#)
142. [142](#)
143. [143](#)
144. [144](#)
145. [145](#)
146. [146](#)
147. [147](#)
148. [148](#)
149. [149](#)
150. [150](#)
151. [151](#)
152. [152](#)
153. [153](#)
154. [154](#)
155. [155](#)
156. [156](#)
157. [157](#)
158. [158](#)
159. [159](#)
160. [160](#)
161. [161](#)
162. [162](#)
163. [163](#)
164. [164](#)
165. [165](#)
166. [166](#)
167. [167](#)
168. [168](#)
169. [169](#)
170. [170](#)
171. [171](#)
172. [172](#)
173. [173](#)

174. [174](#)
175. [175](#)
176. [176](#)
177. [177](#)
178. [178](#)
179. [179](#)
180. [180](#)
181. [181](#)
182. [182](#)
183. [183](#)
184. [184](#)
185. [185](#)
186. [186](#)